

REVISTA

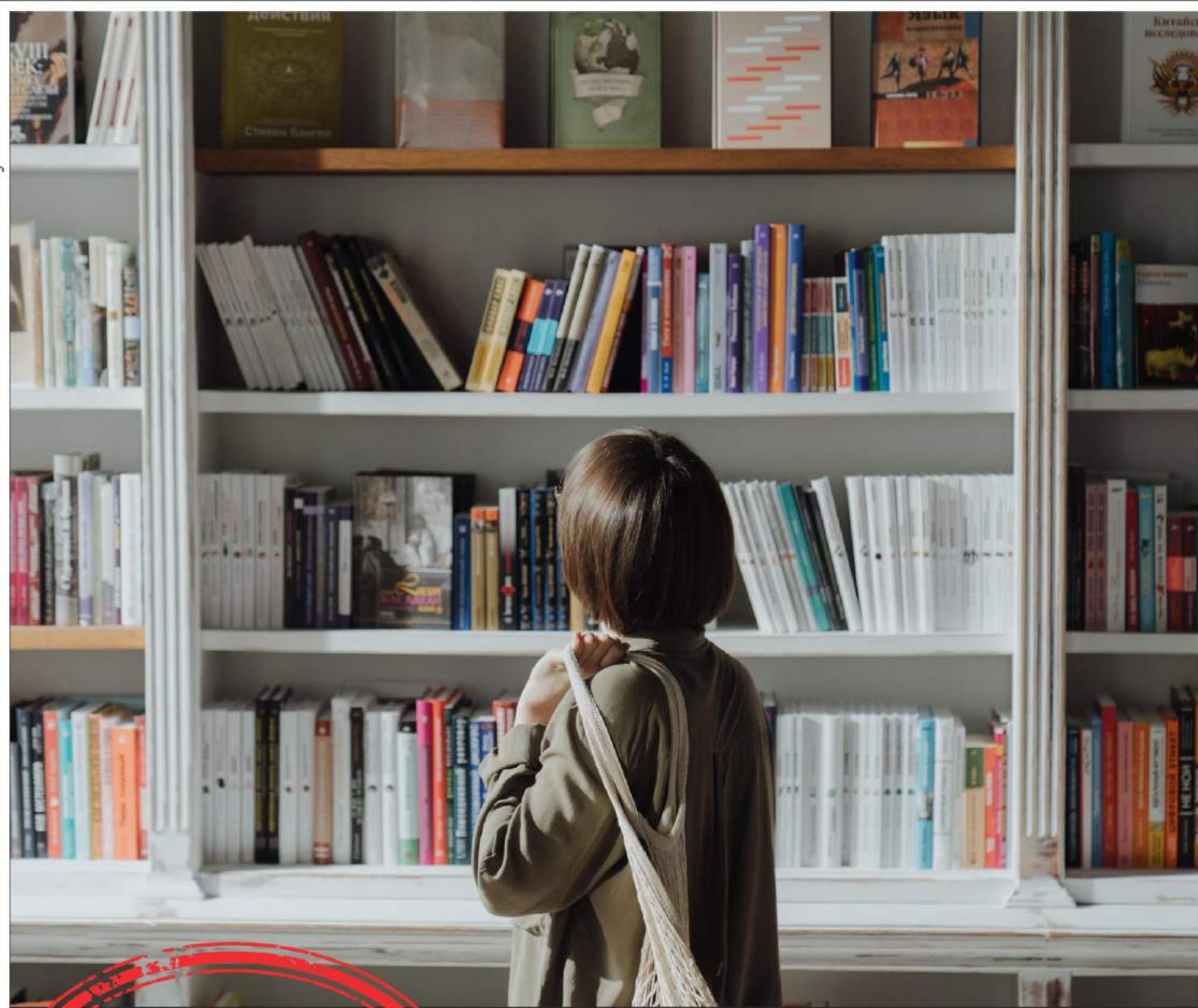
EDIÇÃO Nº 88 | OUTUBRO DE 2022

CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068



www.revistaconexaoliteratura.com.br

**PARTICIPE DAS
NOSSAS ANTOLOGIAS
COM EDITAIS EM ABERTO**



CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...

ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Perfil, por Bert Jr., pág. 06**
Azulescer, por Bert Jr., pág. 09
A importância da literatura infantil no ambiente escolar!, pág. 11
Stefan Zweig ou O insustentável peso da existência, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 14
Dicas para leitura, pág. 17
Amor e afetividade em O Cadarço Vermelho, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 19
Alguns ovos são mais dolorosos ou E se as galinhas abortassem?, por Marcellino Rodrigues Cutrim Netto, pág. 24
Estudos culturais: uma breve reflexão, por Loecy Rosa Damásio, pág. 26
Poesis, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 33
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 35
Marcha (da disciplina), por Matheus Bento Costa, pág. 40
Poemas de Wanda Rop, pág. 42
À beira do penhasco, por Roberto Schima, pág. 46
A compaixão, por Mauro Kwitko, pág. 47
Poemas de Augusta Arakawa, pág. 51
Eu venho (Poesia), por Lilian Ferraz, pág. 55
Entrevista com Carlos Oliveira, pág. 59
Entrevista com Eliane Prado, pág. 64
Entrevista com Juvenal C. Filho, pág. 69
Entrevista com Márcio Jerônimo de Freitas, pág. 74
Entrevista com Roberta Gonçalves, pág. 79
Entrevista com Sérgio Carrera Neto, pág. 84
Entrevista com Jananda Germinari, pág. 88
Entrevista com Roger Iglesias Berardo, pág. 91
Citações de grandes autores, pág. 95
Conto: O flautista, por Lilian Ferraz, pág. 100
Conto: Zé do Rio, por Iraci J. Marin, pág. 103
Conto: A folha de papel, por Mônica Palacios, pág. 106
Conto: Mocotó, por Roberto Schima, pág. 108
Conto: O fazedor de bonecos, por Ney Alencar, pág. 115
Conto: Quando os deuses riem, por Ney Alencar, pág. 120
Conto: A geografia do planeta, por Idicampos, pág. 129
Conto: A voz na escuridão, por Miriam Santiago, pág. 132
Conto: Silêncio, por Murillo Lara, pág. 136
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 140



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

FERNANDO PESSOA

"Às vezes ouço
passar o vento; e só
de ouvir o vento
passar, vale a pena
ter nascido."

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

"Ser feliz sem
motivo é a mais
autêntica forma de
felicidade."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir
Pascale

EDITORIAL

Queridos leitores!

Outubro inicia com mais uma edição recheada de dicas e informações sobre o mundo dos livros, com dicas para leitura, poemas, contos e crônicas, além de entrevistas com escritores.

E você também pode fazer parte das nossas edições, sendo com poemas, contos, crônicas ou mesmo divulgando o seu livro. Saiba mais: clique aqui.

Tenham uma ótima leitura!

Ademir Pascale

CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com
site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO
ademirpascale@gmail.com

Perfil

Por Bert Jr.



“O teu sorriso é imemorial como as Pirâmides
E puro como a flor que abriu na manhã de hoje.”

Sempre admirei o poema de Mario Quintana dedicado à musa do cinema, Greta Garbo. Dois versos que transmitem ao mundo o que aquela figura inalcançável era capaz de inspirar. A portentosa beleza do que parece eterno, junto à fragilidade do efêmero. Imponência e delicadeza em máximo grau. Fusão de opostos, que aturde e transporta, como toda boa poesia, para a dimensão do insólito, onde se flutua, ou se é achatado, numa atmosfera de gravidade nunca coincidente com a que nos é costumeira.

Embora longe de ser um Quintana, acalento certas veleidades poéticas. Volta e meia, me chega inspiração para compor uns versos, anotados no que houver à mão: um guardanapo de papel, um extrato bancário, ou mesmo o bloco de notas do celular. Nunca, porém, tivera o ímpeto de dedicar a alguém um poema feito *Dois versos para Greta Garbo*.

A maioria de meus contatos se dá em ambiente virtual, por meio das redes sociais. E estas não possuem o encantamento mágico do cinema – fábrica de grandes ídolos e mitos. Por isso, surpreendeu-me descobrir, por acaso, um perfil no Instagram que me colocou de joelhos. “Curiosava” os likes na postagem de uma “amiga” virtual, quando deparei com o insólito. A propósito de uma foto em que minha “amiga” aparecia de biquini, na praia, li a frase: “Tua beleza amplifica a do dia”. Não era, convenhamos, um comentário comum. Sua linguagem pulsava numa veia poética. Imediatamente, passei a investigar o perfil desconhecido, que se chamava @grata_noultimo. A “bio” era desprovida de informações pessoais, possuindo uma única linha de apresentação: “Devora-me ou decifro-te!”. Pior que uma marretada, pois se tratava de uma citação de ninguém menos que Mario Quintana, retirada do breve poema *A Esfinge*. Estava feita a conexão.

O seu *feed* continha frases de forte originalidade, intercaladas com imagens de cenários naturais, em que a dona do perfil era retratada à distância, feito espécime de uma fauna exótica, capturado graças a um feliz movimento de câmera. Apenas se percebia o cabelo longo, as linhas gerais do corpo, sem se chegar a discernir o desenho dos olhos e da boca. Passei imediatamente a segui-la no Instagram. Fiz mais. Mandei-lhe uma mensagem, como nos tempos do Quintana se enviavam cartas, ou bilhetes. Elogiei seu perfil no Insta, pedindo que visitasse o meu. Dois dias depois, verifiquei que curtira alguns de meus poemas. Porém, não me seguiu de volta.

Aquilo me feriu. Coincidíamos na admiração a um grande poeta nacional. Por que evitava seguir-me? Sentia-se superior por possuir o quádruplo de seguidores? Resolvi contornar a questão, perguntando o que achava dos meus poemas. A resposta chegou por meio de uma postagem: “Ouço, em ti, o que desconheço de mim. No que não dizes, me adivinho”. Sem pensar duas vezes, perguntei se era comprometida. A resposta veio cifrada em seu próximo *post*: “Liberdade é o dom de não se prender. É conviver com o sonho em nossas escolhas”. Animado, propus uma conferência por vídeo. No dia

seguinte, chegou uma nova postagem sua no *feed*: “Eu abro as minhas portas. As janelas, serás tu que abrirás”. Perguntei se morava na mesma cidade que eu, se poderia encontrá-la pessoalmente, se aceitaria tomar um café comigo, ou sair para jantar. No final do mesmo dia, havia uma nova frase em seu perfil: “Sou ativamente lânguida. Não espero, apenas me faço pronta”.

A essa altura, comecei a estranhar essa forma enigmática de relacionamento. Uma parte de mim passou a duvidar de que as postagens representassem, de fato, respostas às minhas perguntas. Por outro lado, se eram reações às minhas mensagens, pareciam seguir uma tática de evasivas, permitindo à misteriosa dona do perfil inspirar-se e divertir-se, simultaneamente. Depois de muito me torturar com tais dúvidas, decidi sondar a nossa “amiga” comum, com quem troquei áudios sobre o assunto. Descobri que a dona do perfil e minha “amiga” virtual se conheciam há tempos. Minha obsessão se chamava Rafaela, era casada e tinha dois filhos. Perguntei desde quando escrevia. A “amiga”: “Rafaela, escritora? Hahaha! Você sabe o que é *ghostwriter*?”

Doeu. Doeu muito. Mas, pela primeira vez, me senti quase um Mario Quintana, quando, no meio da madrugada, acordei sobressaltado, com os seguintes versos a transbordar do peito:

Duas linhas para @grata_noultimo

Teu perfil é confiável como as *fake news*

E sedutor como as juras eternas sob o luar.

- "Perfil" é um dos treze contos que fazem parte do livro "Do Incisivo ao Canino" (Versiprosa, 2022).

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino* (ed. Versiprosa), e lança, agora, um novo livro de poemas, intitulado “Nevoandeiro” (ed. Kotter).

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

AZULESCER

Por Bert Jr.

o azul nunca finda no que a vista
alcança
aliás azul é círculo
e não cansa
da troca de um matiz a outro
entre a profundidade aérea
ou líquida do instante

o azul quando finda é porque
inicia um tom que o olho não vê
oculto na espuma da onda
ou na negrura da sombra
tênue fio da costura
com outro pedaço de azul

azul é a cor do intangível todo
e em parte
a própria saudade de não ser
mas também o desejo de lançar-se ao
ar
ou mergulhar fundo
e azulescer

- "Azulescer" é um dos poemas que integram "Nevoandeiros" (Kotter, 2022).

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, Do Incisivo ao Canino (ed. Versiprosa), e lança, agora, um novo livro de poemas, intitulado "Nevoandeiros" (ed. Kotter).

Instagram: @_bertjunior.

Facebook: Bert Jr. Site:

www.bertjr.com.br.

A dark, monochromatic photograph of an astronaut in a space suit, floating in space. The astronaut's helmet and visor are prominent, and the suit's texture is visible. The background is black, suggesting the void of space.

“

ASTRONAUTA TÁ SENTINDO FALTA DA TERRA? QUE FALTA QUE ESSA TERRA FAZ? A GENTE AQUI EMBAIXO CONTINUA EM GUERRA OLHANDO AÍ PRA LUA, IMPLORANDO POR PAZ.

GABRIEL O PENSADOR | LULU SANTOS



RAYANE SOUZA

A importância da literatura infantil no ambiente escolar!



O primeiro dia de aula é um dos dias mais importantes na vida de uma criança, é a etapa em que ela aprenderá a socializar, a estar diante de outras crianças com personalidades e realidades diferentes da sua. É dentro da sala de aula que a criança entende de maneira prática como funciona a sociedade, dando o primeiro passo para a sua independência e desapego do seio da mãe. E isso, muitas vezes pode ser uma tarefa árdua e desconfortável para a criança, porque ela não entende o que está acontecendo... O ambiente escolar precisa ser acolhedor, precisa mostrar que está ali não somente para educar, mas também para proteger e ensinar de forma confortável e fácil. E você poderia perguntar: “Mas o que isso tem a ver com a literatura infantil?” É muito simples. Utilizar a literatura infantil para ensinar e acolher uma criança é a melhor forma de educação que existe. A literatura tem o poder de nos transportar para universos divertidos, atíça a nossa curiosidade e gera conhecimento, é lendo que exercitamos o foco, a empatia de se colocar no lugar daquele que nos emprestou sua vida fictícia, de sentir suas dores, e de entender como a parte social funciona. Ler para uma criança é acolhê-la. Foi exatamente assim para a autora Rayane Soares, que por se sentir tão inserida e segura no ambiente escolar – onde descobriu sua paixão pelos livros por conta dos professores -, se tornou escritora de livros infantis, com seu primeiro lançamento chamado: A Nova Aventura. O livro é de fato uma aventura, onde o professor, com uma ideia legal, leva um grupo de alunos a aprenderem questões sociais de forma divertida.

O livro já está disponível em formato físico no site: www.assresilience.com e o desejo da autora é que assim como ela, muitas crianças possam conhecer a literatura infantil dentro do ambiente escolar, que se sintam acolhidas e inseridas de forma divertida e leve, como a primeira etapa independente na vida de uma criança precisa ser.



NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Journal em Camilo da Maré

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo

MAFRA
EDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: [CLIQUE AQUI](#)

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA





Stefan Zweig

STEFAN ZWEIG OU O INSUSTENTÁVEL PESO DA EXISTÊNCIA

Nascido em berço esplêndido, na cidade de Viena, capital da Áustria, em 28.11.1881, o escritor Stefan Zweig foi uma daquelas pessoas predestinadas ao sucesso desde a mais tenra idade.

Por Gilmar Duarte Rocha

Seu pai, Moritz Zweig, era um bem-sucedido industrial do então império austro-húngaro (do qual a Áustria fazia parte), e o seu avô um próspero banqueiro de origem judaica. Stefan cresceu estudando nos melhores colégios do seu país e teria tudo para seguir o rastro do baronato, trilhando o caminho dos negócios e seguindo os passos de sua família. Contudo, na hora de ingressar na Universidade de Viena, ele escolheu o curso de Filosofia e doutorou-se nessa matéria elaborando uma tese sobre Hippolite Taine, expoente do positivismo e membro da Academia Francesa de Letras.



Depois da formação acadêmica, Zweig, que já havia publicado um livro de poesia, "Cordas de prata", 1902, enveredou-se de vez por sua amada e eterna paixão pelas letras. Leitor voraz, dedicou os seus primeiros anos de mister à tradução para o alemão de escritores do naipe de Keats, Morris, Yeats, Verlaine e Baudelaire. Logo fez amizade consistente com Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke, Romain Rolland e Thomas Mann, mantendo correspondência frequente com eles e trocando ideias acerca do panorama literário da época.

Também produziu muitos ensaios, poesias e romances existenciais e psicológicos como "Amok" (1922), "Angústia" (1925) e "Confusão de sentimentos" (1927).

Com a cabeça fervilhante e muito seguro do que queria, resolveu experimentar a área da dramaturgia, onde obteve muito sucesso na Áustria, escrevendo e publicando as peças “A metamorfose da comédia” e “A mansão à beira-mar”. Em seguida vieram as biografias, ramo literário no qual obteve extraordinário êxito e foi pródigo em publicações. Produziu, ainda no primeiro quarto do século XX, as excelentes biografias de Dostoiévski, Tolstoi, Charles Dickens, Balzac, Casanova, Nietzsche e Stendhal. Mais tarde, vieram a dissecação da vida de Rilke, Rolland, Maria Antonieta, Maria Stuart e Fernão de Magalhães.

Também produziu muitos ensaios, poesias e romances existenciais e psicológicos como “Amok” (1922), “Angústia” (1925) e “Confusão de sentimentos” (1927).

A sua vida seguia a pleno vapor e produzia um trabalho literário após o outro. Contudo, a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, o dândi (no melhor sentido) Stefan começou a sentir o peso da vida e as transformações que decorreriam após os seguidos conflitos de uma Europa insuflada e desgastada por inúmeras guerras. Para uma pessoa de sangue frio com uma barata, como o seu conterrâneo Adolf Hitler, que soube aproveitar todo o caos do mundo germânico do pós-guerra em benefício próprio e capitalizou muito sucesso fazendo proselitismo da distopia vigente na República de Weimar, Zweig, por seu turno, viu os seus sonhos se dissiparem e a sua visão romântica do mundo e da vida começou a se dissipar. Primeiro pela perda de amigos — alguns por falecimento; outros por medo; outros por exílio, como Thomas Mann —; segundo, pela não adesão à grande causa germânica, que iria culminar no maior desastre da humanidade de todos os tempos, o que seria a Segunda Grande Guerra Mundial.

Com a sensibilidade à flor da pele e se sentindo como um estranho ninho, convivendo num ambiente onde imperava o ódio e o desamor, Stefan Zweig, como muitos descendentes de judeus que tinham recursos e condições financeiras, emigrou para os Estados Unidos em 1940, estabelecendo-se na cidade de Nova York. Em agosto desse mesmo ano fez a sua primeira visita ao Brasil, país que lhe deixou boa impressão. Tanto que ele voltaria ao gigante tropical nos anos subsequentes e se estabeleceu definitivamente em terras tupiniquins ainda no início da década de 40, em companhia de sua segunda esposa Lotte (Charlotte Elizabeth Altmann), mais precisamente na cidade serrana de Petrópolis, onde manteria residência definitiva.

O Brasil daquela época, bem como o estilo de vida do povo brasileiro, mexeu definitivamente com o seu pensamento sobre a existência humana e o seu conceito (às vezes utópico e de certa forma ingênua de aferir o peso do mundo) de viver no paraíso. Sua empolgação com o país de Castro Alves chegou a tal ponto, que, certa feita, ele escreveu uma carta aos seus cunhados Manfred e Hannah Altmann e em dos parágrafos da missiva ele dizia:

“Você não pode imaginar o que significa ver este país que ainda não foi estragado por turistas e tão interessante — hoje estive nas cabanas dos pobres que vivem aqui com praticamente nada (as bananas e mandiocas estão crescendo em volta) e as crianças se desenvolvem como se estivessem no Paraíso —, a casa inteira, desde o chão, lhes custou seis dólares e, por isso, são proprietários para sempre. É uma boa lição

ver como se pode viver simplesmente e, comparativamente, feliz – uma lição para todos nós que perdemos tudo e não somos felizes o bastante agora, ao pensar como viver então”

Mas viver no paraíso não era suficiente para o espírito irrequieto e fraternal de Zweig, pois os resquícios da barbárie que queimava o Velho Mundo chegavam ao Brasil através de notícias, sem contar o namoro constante com o fascismo que o governo Getúlio Vargas empreendia naquela época, e tudo isso somado atingia em cheio a alma do grande intelectual, que sonhava sempre com um mundo parecido com o retratado pelo músico pop John Lennon, muitos anos depois, através da letra da sua inolvidável e eterna canção de nome “Imagine”.

Poucos dias antes de colocar fim à sua vida, em 22.02.1942, aqui mesmo nos trópicos, o peso da existência falou mais alto do que a alma leve do grande poeta da vida humana, que deixou o seguinte texto como testamento:

“Cada dia eu aprendi a amar mais este país e não gostaria de ter que reconstruir minha vida em outro lugar depois que o mundo da minha própria língua se afundou e se perdeu para mim, e minha pátria espiritual, a Europa, destruiu a si própria.

Mas para começar tudo de novo, um homem de 60 anos precisa de poderes especiais e meu próprio poder desgastou-se após anos vagando sem um assento. Por isso, prefiro terminar a minha vida no momento certo, como um homem cuja obra cultural foi sempre a mais pura de suas alegrias e também a sua liberdade pessoal – a mais preciosa fruição neste mundo.

Deixo saudações a todos os meus amigos: talvez vivam para ver o nascer do sol depois desta longa noite. Eu, mais impaciente, vou embora antes deles. - Stefan Zweig, 1942”

Para quem quiser conhecer a fundo a vida e obra desse grande intelectual, recomendo a leitura da biografia “Morte no paraíso” (Editora Rocco), do jornalista e professor brasileiro Alberto Dines.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor de Tesouraria da Associação Nacional de Escritores-ANE. Lançará o romance “O abençoado”, no segundo semestre de 2022.

O LEGADO DE FLORBELA ESPANCA - VOL. II, É UMA HOMENAGEM EM FORMA DE CONTOS E POEMAS ELABORADOS POR ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E INTERNACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



O LEGADO DE FLORBELA ESPANCA

CONTOS E POEMAS INSPIRADOS EM SUA
OBRA - VOLUME II



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

O UNIVERSO DE CLARICE LISPECTOR

POEMAS INSPIRADOS EM SUA OBRA



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



O UNIVERSO DE CLARICE LISPECTOR É MAIS UMA ANTOLOGIA DE POEMAS ORGANIZADA PELO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, UMA REUNIÃO DE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES ESCRITORES NACIONAIS. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO

× × × ×
× × × ×
× × × ×
× × × ×

- **DIVULGUE
PARA + DE
200 MIL
LEITORES**

R\$ 150

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

AMOR E
HOMOAFETIVIDADE EM
O Cadarço Vermelho

POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO

AGUINALDO GONÇALVES

O Cadarço
Vermelho

[À GUIA
DE RESPOSTA
A UMA CARTA
DE AMOR]

artêra
editorial

O romance de estréia do pesquisador e poeta Aguinaldo José Gonçalves, é uma viagem psicodélica acerca de repensar, os padrões morais de uma homossexualidade que ainda caminha rumo a uma inteligência lúdica, que possa assim repousar-se em prelúdios analíticos de como entender o sexo, não como algo proibido, mas sim como uma libertação de uma moral, que ao mesmo tempo prega os bons costumes, mas contaminando, o sentido de uma nova ordem discursiva, reinventando, um estereótipo quando aos padrões de normatividade dos relacionamentos afetivos, que venham assim gerarem pesadelos e tormentos subjetivistas para aqueles que não seguem suas jurisdições comportamentais, dentro de um padrão de heteronormativo.

O romance Danilo e Alex comove o leitor quanto a uma autodescoberta das suas preferências sexuais, quanto ao que seja um essencialismo, em ter que lembrar sempre a humanidade de que os valores vão sendo modificados com o tempo, e que de certa maneira vêm a se apropriar quanto a um condensamento intelectual, refugiado no labor de subterfúgio mental que venha propiciar para as comunidades LGBTs, não somente como sendo um símbolo de ativismo, mas sim de um alerta para o amor em todos os seus sentidos, que seja praticado de forma a satisfazer a alma do próximo, e não ficar na quinquilharia de um senso-comum aonde o corpo venha prevalecer sobre a mente. Dentro de um “viés aristotélico”, Gonçalves, provoca um processo de estranhamento poético - filosófico, onde mistura termos psicanalíticos, com um sentido hedonista, onde díade corpo e mente, passa por caminhos para uma humanização das relações humanísticas, e que o amor, ganha contornos de uma literariedade a desafiar, a sociedade civil, quando ele é provocado no sentido que possa “ir além do bem do mal” quanto a sua padronização entre o certo e o errado.

Seu amor é um objeto “material – epicurista”, que sai do consciente, em estar encarcerado entre o certo e o errado e que sim venha a predizer que para se caminhar na loucura de um justo anormal, é necessário reinventar novos discursos, de como o sexo pode estar comprometido com um amor, que possa assim realizar diferentes ensejos, quanto a “estar” em um mundo repleto de diretrizes preconceituosas, que venham realizarem elementos gramatológicos para uma escritura que possa tanto mudar um caráter pessoal, como sociológico das pessoas, que venham a serem sublime, para uma narrativa que seja um escopo de argumentação, de que a solidão, é construída em torno de mitos, onde o que parece ser normal, pode ser um dos primeiros sinais de que a homossexualidade é vista como um sentido de loucura.

Uma loucura, enraizada para uma criticidade de uma sociedade cristã, que esconde seus pecados por entre a proclamação dos dogmas, que venham a burocratizar, o sentido do “gay”, que assim vai germinando uma luta de classes sexuais, ao qual Danilo e Alex, são exemplos de uma incessante peleja, pela aceitação da liberdade em ter suas preferências eróticas aceitas.

Umberto Eco “exala, a dicotomia de mente e corpo”, com a elaboração de um aniquilar da liberdade de escolha, que assim esteja resplandecida de um poder, em conectar, que o errado, vai sendo uma elucubração de elementos históricos, que venham assim retratar uma determinada época em especial, comiserando pluralidades culturais, para que o corpo não seja visto como um sinal exclusivo de pecado.

A homoafetividade descrita em *O Cadarço Vermelho*, reveste de sentimentos Iluministas, como um alerta para que as vontades pessoais sejam respeitadas, como também aguerridas para a elaboração de um plantel filosófico, que possa abrir flancos indagadores, gerando um batistério, que venham a produzir esclarecimentos de uma antropologia do “ser”, que parta um sentido “heideggeriano”, que venha ansiar o “corpo” está para o “sexo”, não como tabu ou sinal de hipocrisia entre as pessoas, mas sim uma “razão temporal”, que seja suplantada, para se elaborar uma subjetividade, que venha tocar um desejo, sendo pintado com cores renascentistas, em torno de uma “sociedade líquida”, que se destrói na arquitetura de tabus discriminadores, e que seja um semântica de revalorização do romântico.

Um romantismo “que segundo as palavras de Walter Benjamin, realize um duplo sentimento, entre a realização intelectual unida com a satisfação corporal”, para que se chegue a combater uma massificação dos sentimentos mais puros e sinceros do ser humano. Vivenciando o autoconhecimento, a narrativa de Gonçalves, potencializa uma gramática simples com alcunhas escriturais a lá Autran Dourado, para tratar de temas polêmicos, que venham assim a produzir uma polifonia de um protecionismo civil, que possa vim a combater nuances de mortes intelectuais, que não estejam esgarçadas para um dinamismo em se quebrar preconceitos.

Sua escrita romanesca foge das métricas acadêmicas, passando por um cânone de um alerta para uma aceitação do “outro”, que passe assim por um fluxo, que possa empreender uma criatividade, quanto a liquidar neuroses, de que etiquetas de tradicionalismo discriminadoras, contenham a falsa adulação do que seja considerado como sendo apto em continuar a viver ou não em sociedade.

Sendo assim Danilo e Alex, passeiam por paisagens urbanas, que submetem a um histórico de prazeres e pecados, que passam por Curitiba, São Paulo e Ouro Preto, deixando um universo de cidades, que venham a realocarem, que para a construção da sexualidade, a forma em que se vive, (e como se vive), contenha um caminhar político em se conter respeito pelas diferenças.

Diferenças, que transitam entre a homoafetividade e o homossexualismo, que assim produzam uma metafísica de experiências, que combatam preconceitos, quanto à aceitação ou não de sua condição humana sexual.

Gonçalves traça uma semiótica da sexualidade, produzindo aforismos de uma imaginação, que passe tanto pela fenomenologia, em se reescrever uma nova história da sexualidade, como também a um alerta, que “é justo respeitar toda a forma de amor” parafraseando com a canção de Lulu Santos.

Pinta cores de uma literatura, tangenciada no escopo, de uma propedêutica, em fazer uma tessitura de arte - escrita, que contenha a rebeldia das formas e gêneros literários polivalentes, em atingir todos os públicos, para assim se chegar a uma condição de assimilação leitora, que possa comparecer louvando maiêuticas, para um movimento frenético de idéias, em torno de uma humanização a estar, construindo um sentido de solidão, quanto à conservação de dogmas, que fazem conluios quanto à falsidade de psicologismos éticos e estéticos, que ficam perdidos por entre emaranhados de palavras, aos quais saiam de uma “microfísica do poder”, do que seja “classificado” como “igual ou normal”.

“Um igual”, que não seja taxativo, para aumentar sujeição, de uma espiritualidade, que esteja aglutinada ao desejo, mas que também não seja normal, que assim fuja do parasitismo, que o amor contenha alguma regra especial a ser seguida.

É distópico nessa obra, em imaginar uma aceitação da sexualidade, que não caminhe dentro dos meandros bajuladores pecaminosos e insidiosos de um “darwinismo social e sexual”, que venha contemplar exclusivamente a heterossexualidade, e que reforce um combate métrico contra um, condicionamento do que seria uma moral sexual uniforme, que vindo assim a aceitar todos os opostos e diferenças, do que se pode dizer como sendo normal.

O Cadarço Vermelho é um emblema de ir contra sentidos de preconceitos, que assim venham a promoverem a destruição de um “eu”, que não esteja capacitado para aceitar todas as maneiras de se comportar, dentro de vivências e existências tangenciadas dentro de predisposições éticas, que possam ser classificadas como certas, ou erradas de forma abrangente, e que no caso do processo de maturação da escolha sexual, tenha que atravessar conluíus, do que o sentir “falta”, das necessidades libidinais, sendo um andrajo, para a libertação de um cumprimento amoroso, e que seja um séquito, que não fique unicamente encarcerado em manter as aparências, quanto ao que possa ser classificado como sendo aceitável em torno de agrupamentos humanos que constantemente se escondem perante jogos de métricas, em considerar o que seja certo ou errado. Não existe certo ou errado quando se fala, ou sente amor.

O amor é um sentimento único, que faz as pessoas sentirem medo, que mergulha a mente humana para um minguido de agrado, de ser agraciado em uma notificação espiritual de que o ser-humano aprende a amar, mas se distancia do amado ou amada, com medo de ser hostilizado por seu amor, em demonstrar afetividade, que não venha acompanhado, com um desejo incontrolável, louvando a possessão do corpo, como um templo de pecado, que esteja focalizado no perigo, em realizar todos os seus desejos tentando fugir da solidão, que é inerente a cada ser-humano.

Como diria como Andre Gide “a escolha sexual, não define minha forma de pensar, mas sim vêem, a empreender como meus semelhantes vão me compreender e julgar”.

Danilo e Alex, são exemplos de atrocidades sentimentais, em se descobrirem como o amor, não necessita solicitamente do coito, e sim ser compreendido em sua forma mais pura em se descobrir, e ser compreendido em sua forma mais pura, e que a cada dia se necessita de uma renovação incessante, tanto na convivência, quanto a se reinventar como forma de representação moral e espiritual, de que para se amar, não basta seguir regras pré-estabelecidas por ideologias condicionantes, que venham a causar preconceitos, e sim que o amor está dentro de cada um, exasperando candura e doçura. Não se trata de “platonismo”, e sim que Danilo e Alex, são construções de uma sinuosidade social do afeto, que se esconde por entre amarras psicológicas, em ter que se conservar na tradição, para que sua paixão possa acontecer, (caso de muitos homossexuais), que tem sua forma de expressar amor julgadas, segundo os preceitos do que possa ser caracterizado como aceito ou não aceito pela sociedade civil em geral, realizando uma abjuração de preconceitos irascíveis, que permeiam suplementos de uma

escolha sexual e amorosa, que não esteja de acordo com o senso-comum excludente, de boa parcela das pessoas.

CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO: Posuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias. Email: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br. Instagram: Clayton.Zocarato
Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>



ALGUNS OVOS SÃO MAIS DOLOROSOS OU E SE AS GALINHAS ABORTASSEM?

POR MARCELINO RODRIGUES CUTRIM NETTO


Alguns ovos são mais dolorosos
em que pese a beleza estampada
em pintados e bem-comportados ninhos
em que pese o romantismo avisceral
dos que os procuram em revistas, telas, poesias:
vermelhos, marrons, amarelos, brancos, limpos

João Cabral de Melo Neto
fala de sua esférica ideal
poeta sobre a geometria do ovo
como se fosse um galo inequívoco
olha para o branco, a casca, o duro, o novo
mas não dá fé numa lágrima corredia
cristalina lembrança nos olhos da galinha
de que aquela não fora deveras
experiência das mais bem-sucedidas...

Um ovo só é notório para seus comensais
para um galo, pai seu discutível
ou para algum pinto saudoso de oval proteção
Para a mísera, sofrida galinha, não!

Um ovo é um parto e um estupro
sai o branco do quente escuro?
claro, o puro não sai duro
mas fétido, lacrimoso, destrutível, imundo
rasgando o desejo da galinha:
continuar útil. produtiva. viva

Essas galinhas poderiam insurgir-se
ficar indignadas, fulas da vida
putas galinhas, galinhas putas, mesquinhas
sovinando suas dores, suas dilatações porque
cada ovo é menos um
cada parto é menos um dia
cada estupro é menos uma vida
dessa franzina, frágil, fragílima



Estreitada num canto do quintal
ei-la a lamentar sua sina
olhando seu galo empavonado
crista alta, egocêntrico
qual poeta que conhece tudo
sem nada sentir.
(2003)

SOBRE O AUTOR:

Marcelino Rodrigues Cutrim Netto, maranhense de São Luís, onde é professor de Língua Portuguesa da rede pública estadual, é filiado ao Pstu. Participou das antologias "Taverna Poética - tributo a Álvares de Azevedo", "É preciso amar as pessoas - tributo a Renato Russo", "Parem as máquinas" do selo OffFlip, e "Coletânea Aterrorizante", entre outras.

ESTUDOS CULTURAIS: **UMA BREVE** **REFLEXÃO**



POR LOECY ROSA DAMÁSIO

A dificuldade de discutirmos a respeito dos estudos culturais, para além das possíveis “polêmicas” que esse assunto envolve, dá-se pelo motivo de esse ser um campo muito complexo para ser delimitado. Talvez, por isso, tais estudos têm sido confundidos, ou, se assim pode-se dizer, mal interpretados, por estudiosos da teoria da literatura, principalmente pelos mais conservadores.

Ora, são compreensíveis os questionamentos que pesam sobre aqueles que se ocupam com os estudos culturais. A impressão, numa avaliação superficial, de que estes prosperam por uma natureza relativista em sua abordagem, só intensifica ainda mais as críticas. Contudo, de que falamos quando fazemos uso de expressões como “teoria literária”? De que se trata, *realmente*, a teoria da literatura? Está claro que, se há uma teoria da literatura, então há um objeto em análise, ou seja, a literatura. E o que é, *realmente*, a literatura?

Não se pode negar, sequer está em discussão, a importância da teoria, especificamente voltada às obras literárias, para o desenvolvimento de um estudo analítico, *científico*, daquilo que faz do texto literário ser, de fato, literatura, e que se poderia denominar aqui, nesse contexto, de *literariedade*, como bem se sabe. E percebe-se logo o quão difícil é atingir o sucesso de uma definição sobre esses conceitos. Pois bem, assim também acontece aos estudos culturais. Delimitar um campo tão interdisciplinar não é uma tarefa simples. Não seria um exagero se considerarmos impossível fazê-lo, já que os estudos culturais não apresentam um método único de “prática cultural”, e essa expressão é, talvez, ao menos nesta reflexão, o mais próximo de uma definição justa a esses estudos.

Já podemos, então, começar a responder as seguintes questões: afinal, o que são os estudos culturais e que relação pode ser estabelecida entre literatura e estudos culturais?

Primeiro, precisamos ter em mente que os estudos culturais são, em certo sentido, a prática da teoria, uma vez que assume a literatura como produto e prática social. Dessa forma, esses estudos, embora, segundo Cevasco (2003, p. 60) “há divergências também nas narrativas de suas origens”, são, no sentido geral, provenientes do próprio acervo teórico literário, tendem, de maneira surpreendentemente interessante, a aplicar o modo e/ou a técnica de análise dos textos literários a objetos não literários, igualmente produzidos na e pela cultura. Qual a polêmica, então? Os estudos culturais, desse modo, relativizam tudo, esquecem o objeto *texto*, utilizam-no como meio de fazer leituras relacionadas, mais diretamente, a outras áreas de conhecimento que não a literatura? Bem, a resposta é não, embora esse seja um dos argumentos para o qual mais se debruçam aqueles que problematizam a relação literatura/estudos culturais.

O fato é que, retomando as questões iniciais, *teoria* e *cultura*, enquanto conceitos, e *texto*, enquanto objeto de análise e produção social, contém diversos tipos e/ou modos de interpretação, o que nos leva a pensar que os estudos culturais – e, contraditoriamente, eles são condenados por serem bem-sucedidos nisso – tornam a análise literária uma prática de complexa intertextualidade. Por exemplo, Amodeo (2009) nos diz que a

“interface entre literatura e cinema configura-se como uma das questões mais instigantes (e intrigantes) da cultura contemporânea[...]” (p. 30), já que “a cada nova adaptação de um texto literário para o cinema, especialistas, leitores em geral da obra-fonte (ou não) se questionam sobre qual foi o tratamento dispensado ao texto original.” (2009, p. 30).

Essa minuciosa observação dos estudos culturais sobre o funcionamento da cultura, considerando os meios midiáticos, os poderes políticos, as etnias, os indivíduos e as indústrias, revela e intensifica o que poderíamos chamar aqui de *fenômeno*, isto é, o efeito que esse tipo de interação causa no entendimento que se faz sobre o que é e que uso se deve fazer da teoria literária. Em resumo, para esses estudos, todo tipo de produção cultural é visto como um texto é lido.

De forma mais geral, o objetivo é descentrar o “texto” como um objeto de estudo, O “texto” não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que ele etetiva e torna disponíveis. O texto é apenas um meio no Estudo Cultural, estritamente, talvez, trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição de sujeito etc.) podem ser abstraídas. (JOHNSON, 2004, p. 75)

Em segundo lugar, apesar de não menos importante, o conflito que “aparentemente” existe entre a teoria e esse tipo de prática é a ligação estreita entre os estudos culturais e a teoria marxista. Por quê? Ora, os estudos culturais tenta, arduamente, equilibrar-se numa linha fina que expõe, de um lado, as práticas culturais que contribuem para a “alienação” popular, e, de outro, a autonomia popular.

Gradualmente, nas quase três décadas desde que os Estudos Culturais foram estabelecidos, seu foco foi mudando. No fim de sua primeira década, ele tinha se alinhado com o marxismo tal como este tinha sido redefinido e reinterpretado desde o início dos anos 60 [...]. (SHULMAN, 2004, p. 178)

Podemos dizer que os estudos culturais permitem, ou, ao menos, contribuem, para o rompimento com qualquer abordagem behaviorista. Há, aqui, uma espécie de fragmentação, em que não se impera mais um centro, mas uma pluralidade de centros, e isso faz com que haja uma “negociação” na recepção das mensagens. Os indivíduos as recebem e as interpretam conforme suas próprias vivências, e isso revela a autenticidade de expressão dos grupos/indivíduos.

Não que se negue, completamente, um grau de determinismo no construto cultural de uma sociedade, mas não se trata mais de um público passivo. Nesse sentido, esses estudos, inclinados não só a investigar, como também a “restaurar” os modos de expressão de grupos, geralmente marginalizados, excluídos e/ou estereotipados, voltam-se à cultura de massa, tratando-a como meio de opressão e de imposição. Estamos, aqui,

introduzindo, embora já tratada indiretamente, do fenômeno de descentramento que esses estudos provocam, não só em relação ao objeto texto e seu modo de estudo, mas também que textos são estudados.

Até há pouco tempo, talvez até a década de 1960, “cultura” era um conceito monolítico, que abarcava apenas as mais altas realizações do espírito assim como “literatura” só se aplicava às obras de linguagem consagradas pelo tempo e incluídas nos cânones pelos críticos e historiadores literários. (BORDINI, 2006, p. 11)

Não há, realmente, necessidade de confronto entre teoria literária, como é tradicionalmente considerada, e os estudos culturais. O que há é um “conflito” em relação à metodologia e ao cânone literário também, isto é, o estudo de textos antes negligenciados pela tradição teórica.

As produções teóricas e culturais vêm questionando, cada vez mais, a unanimidade, a validade e/ou a necessidade de um centro e vêm dando destaque à noção de descentramento. Cresce o interesse pela margem, pela periferia, pela diversidade, pela heterogeneidade e pela alteridade em detrimento de uma visão etnocêntrica, única, homogeneizadora e “monoidentitária”. Os movimentos de convergência, os círculos em torno de um elemento e todo tipo de movimento centrípeto passam a ser vistos com desconfiança e a sua representação sofre processos de inversão e mudanças radicais de perspectiva. (AMODEO; HEINEBERG, 2019, p. 429)

Se o texto é produto de uma prática cultural, a teoria, uma “teorização” desse produto, os estudos culturais são, sobretudo, a investigação ampla, abrangente, dos meios, dos modos e das formas, pelas quais os sujeitos – os próprios produtores dessas artes – são constituídos. Essa dialética é tão complexa que envolve – à custa de leituras/interpretações “extraliterárias” - praticamente toda e qualquer área de conhecimento. Ou seja, os estudos culturais é uma face que se volta, sem medo, às diversas possibilidades de análise e investigação do texto literário e de qualquer outra manifestação artística, uma vez que estas se originam da construção identitária de um grupo e indivíduo. Segundo Bordini, nos “tempos pós-modernos, essa definição da questão cultural e do status do cidadão culto sofreu profundas modificações.” (2006, p. 11). Não podemos esquecer que a cultura de massa atinge todas as camadas/domínios, fazendo com que, neles, “modelos” culturais sejam proliferados – a cultura popular se constitui de culturas de massa.

[...] elegemos um “autor” (na medida em que isto é possível), uma única obra ou série, talvez um gênero distintivo. Nossas escolhas podem, agora, ser textos populares: talvez um meio eletrônico ou

fílmico, embora ainda haja limites nesses critérios “quase literários”. (JOHNSON, 2004, p. 73)

Segundo Baptista (2009), os estudos culturais se focam em cinco principais vertentes de investigação: os fenômenos de mercantilização; a noção de Estado em sociedades contemporâneas capitalistas; a luta da hegemonia e contra-hegemonia; construção política e social das identidades; fenômenos vinculados ao processo de Globalização. Através dessas linhas de desenvolvimento, os estudos culturais utilizam-se de algumas metodologias, sendo as principais a etnográfica, a abordagem textual e os estudos de recepção. Segundo nos diz a obra de Williams, “‘A base’ é a existência social real do homem. A ‘base’ são as relações de produção reais que correspondem a fases do desenvolvimento das forças produtivas materiais. ‘A base’ é um modo de produção num estágio particular de seu desenvolvimento.” (2005, p. 213). Portanto, não é de se espantar que, debruçando-se sobre esse raciocínio, inerentemente marxista, os estudos culturais, direta ou indiretamente, têm ouvido as “vozes emudecidas” – ou, ao menos, o que a esmagadora cultura de massa impositiva pareceu fazer -, se expandido às margens, buscado um popularismo operário em suas investigações artísticas, sobretudo, literárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMODEO, Maria Tereza. Poe e a contemporaneidade: um coração sempre delator. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, RS, v. 44, n. 2, p. 28-35, abr./jun. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/6025/4341>. Acesso em: 27 jul. 2021.

AMODEO, Maria Tereza; HEINEBERG, Ilana. Descentramento e a busca de uma representação intersticial. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, RS, v. 54, n. 4, p. 429-433, out.-dez. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/36505/19398>. Acesso em: 3 nov. 2021.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets Revue électronique d'études françaises de l'APEF**, Coimbra, Portugal, première série, numéro especial, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/carnets/4382>. Acesso em: 3 nov. 2021.

BORDINI, Maria da Gloria. Estudos culturais e estudos literários. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, RS, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/610/441>. Acesso em: 3 nov. 2021.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



Loecy Rosa Damásio

Mestranda em Teoria da Literatura (PUCRS). Ex-aluna da Oficina Literária Charles Kiefer. Proprietária e ministrante da Oficina de Escrita Criativa Rosa Damásio. Editora-Chefe da Editora Mestre das Letras. Publicou diversos contos em revistas e antologias. Ex-compositora e vocalista da banda Rima Q'Age, pela qual venceu os prêmios “Artista Revelação”, em 2008, e “Empoderamento Feminino”, em 2009.

Site: <https://www.rosadamasio.com.br>

CONEXÃO NERD

www.youtube.com/conexaonerd



vídeo novo



**Aroldo,
nosso leitor
nº 02**

lá no canal!

Porque somos nerds

NÃO PERCA TEMPO. CLIQUE EM



MIRIAN MENEZES DE
OLIVEIRA

Poesis


Tenho fases de sonetos,
mas também de versos livres...
Em cada fase, o "intenso",
brotando, sem ter limites...

Tenho fases sem as rimas,
de versos desencantados...
Fases de (des)poesia...
Fases de versos alados...

Em cada etapa, a POESIA:
mulher de alma pura...
Espírito que não se encaixa,
nesta realidade dura.

POESIA: palavra-mulher!
POESIA: essência que cura!

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A - MANDALA -Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.



QUEM SABE SE SUA HISTÓRIA DE AMOR NÃO SE ENCONTRA RELATADA EM UM DOS POEMAS DO AUTOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

O presente Livro é uma coletânea de versos em que procuro levar ao leitor força para novo caminhar. Deixo embalsamada a ideia de que em cada passo dado, por mais controverso que for, fará renascer a esperança. Afinal, o horizonte não está tão longe.

Também neste Livro, procuro abordar os poemas com palavras extremamente carinhosas, populares na maneira de sentir, até mesmo algumas infantis, a fim de que, com facilidade, o leitor possa viver dentro do contexto dos poemas.



PARA ADQUIRIR OU SABER MAIS, ACESSE O SITE
DA LIVRARIA ATLÂNTICO, DO GRUPO EDITORIAL
ATLÂNTICO: [CLIQUE AQUI](#)



NO
CAMINHAR

JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA



QUANDO ELA SURGE

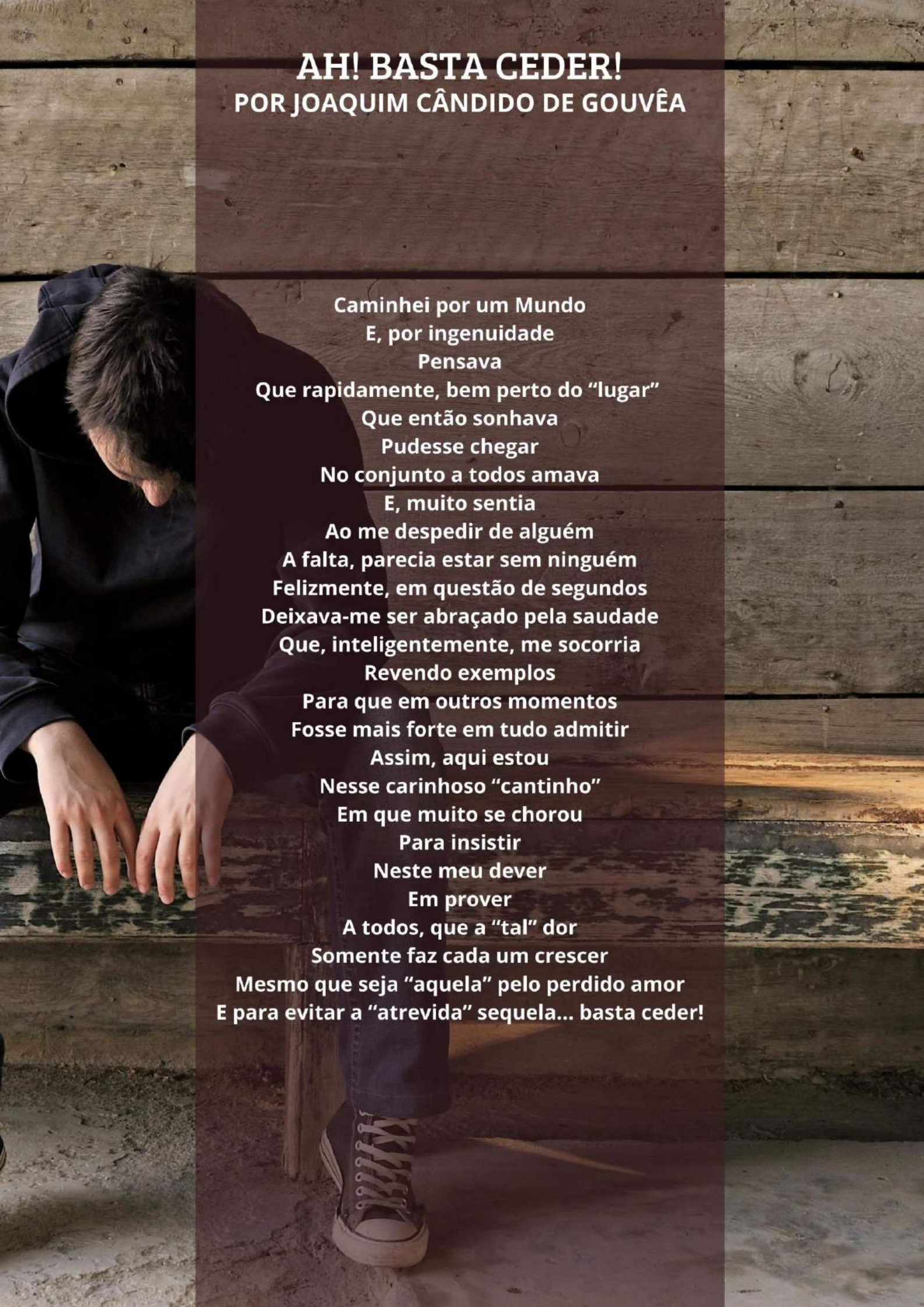
POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

O belo dia passa e, em frações de segundos, corre
Retornamos ao Lar, do cansaço a procura do se deitar
Olhares ao "teto", à gosto, passados pensamentos
Algo querido, no interior, está a falecer
De fato, na imaginação, suavemente morre
Vontade mesmo é de chorar
Posto que no exato momento
O sentimento envolve o querer em mais viver

Questiona-se o pouco estar sonolento, mas o coração socorre
Calmamente, olhos fechados, no "transe" volta-se a amar
Juras retornam sobre o dia: novo sentir para tais momentos
Súbito a "atrevida" memória veste-se no sobreviver
Sem resistir, dos olhos, cada lágrima escorre
Talvez, contrapondo a outros questionamentos a evitar
Agora, mesmo com ligeiro sofrimento
Do amanhecer! Surge a verdade! Volta-se a sorrir e, de fato, o que
passou esquecer

AH! BASTA CEDER!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA



**Caminhei por um Mundo
E, por ingenuidade
Pensava
Que rapidamente, bem perto do "lugar"
Que então sonhava
Pudesse chegar
No conjunto a todos amava
E, muito sentia
Ao me despedir de alguém
A falta, parecia estar sem ninguém
Felizmente, em questão de segundos
Deixava-me ser abraçado pela saudade
Que, inteligentemente, me socorria
Revedo exemplos
Para que em outros momentos
Fosse mais forte em tudo admitir
Assim, aqui estou
Nesse carinhoso "cantinho"
Em que muito se chorou
Para insistir
Neste meu dever
Em prover
A todos, que a "tal" dor
Somente faz cada um crescer
Mesmo que seja "aquela" pelo perdido amor
E para evitar a "atrevida" sequela... basta ceder!**

COM O PASSAR DO TEMPO

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Querida! Nada adianta
Nesta vida! Nenhuma outra emoção espanta
A tão deliciosa saudade
Até aos nossos momentos chega, "corredora", em alta velocidade

Promove, assim, um bailar de lembranças
A saltitar junto à "pequenina" esperança
Pertinho de mim e de você
Tal como, sentadinhos debaixo daquele velho "Ipê"

O colorido das flores, de amarelo, com alegria, banhava o chão
Do mar formado, juntos, cada segundo uma imaginação
O Norte, sempre o Mundo encharcado de glória
Fruto das eventuais e possíveis vitórias

Ah! Querida! Nenhum projeto se tornou perdido
Juntinhos aqui estamos
E, nesse nosso "cantinho", se algo, porventura, foi sofrido
Que o deixemos para lá, pois do alegre convívio muito
aproveitamos

Agora... mais para a frente?
Pouquíssima preocupação! Somente bailarmos pelo sucesso que
se passou
Das experiências, surgirão outras belas sementes
E, creia! Pode sorrir! Posto que, novamente, estaremos outra vez,
a falar de tudo que se ama ou se amou

O "SEGREDO"

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Guardo nesta memória
Ah! Carinhosamente, pode sorrir
Da minha "artimanha" ... quem sabe história
Que manipulava ao desejar partir

Guardo, ainda, nessa louca cabeça
Para que jamais esqueça
Do delicioso jeito e sabor em que alimentava os beijos
Pois, com alegria, os fazia "mudar" a cada seu ansioso desejo

Guardo sorrindo, ao para você olhar
Hoje, já com os tempos passados
Cabelos grisalhos, ainda tentando me "incitar"

Posto que, aqui sentada, na antiga cadeira de balançar
Com alegria, ouço os ruídos, gemidos, pelo tanto se amar
E, embora muito vividos, quanta delícia o lembrar com saudade,
pelos tempos amados

Joaquim Cândido de Gouvêa é escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo poemas publicados no Brasil e no Exterior. Destacada participação no projeto da Editora Colibri em Lisboa-Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, iniciando na Edição 6 e, agora, já na Edição 21.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE. E outros dois, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa-Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título: SENTIMENTOS. AMOR. SAUDADE.

Menção HONROSA no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa de Literatura.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, onde ocupa a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco letras contando coma parceira da RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

**“LER É CONHECER O MUNDO
COM A IMAGINAÇÃO!”**

www.revistaconexaoliteratura.com.br

**MARCHA (DA DISCIPLINA)
POR MATHEUS BENTO COSTA**

Sinto um sentir
sentinela,
sentido!

Vou ver...

Matheus Bento Costa é natural de São Paulo, nascido em 21/02/1991. Advogado e Mestre em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

LEIA PARA UMA CRIANÇA



Apoio

www.revistaconexaoliteratura.com.br

PENSAMENTO ETERNO

Por Wanda Rop

Entre todas as mulheres, teria que ser aquela
Invadindo o meu pensamento a todo instante
Agindo em meu íntimo, o fogo da vela
Num mundo do amor que se faz inconstante

Em sua face, intensos desejos
Entregar-me a esse amor, me faz pensar
Em cada movimento do seu beijo
Experimento o doce fardo de amar

Destituído de todo poder
Escravo de cada toque
Deleitando o sol nascer

Momentaneamente, o lascivo choque
Cada estímulo tende a arder
Na mente, a paixão que me provoque



BENDITO AMOR

Por Wanda Rop

**Triste anseio pela chegada do amor bendito
A taça do amor está sempre em seus lábios
Uma riqueza infinita, uma sombra de tristeza
Luz em meu ouvido e fragrância em seu corpo
Clamo a delícia de sentir seus beijos
Surto de desejo, um fogo castigado
Vislumbro as cortinas escuras do teu olhar
Porque eu sou mulher do amor e do amar
Levíssima como uma alma em mistério noturno
Feita para um mundo de prazeres cintilantes**



AGONIZANDO

Por Wanda Rop

Ansiando que o tempo passe
A chama do amor me consome
De um amor a um desgaste
Que sequer posso proferir o nome

Agonizando a espera de um toque
Esperançando um vislumbre seu
Consentindo que o amor tudo suporte
Conquanto lembrás de Julieta e Romeu

O sol há de se pôr novamente
Findando os cantos proferidos
Consumindo o pranto ardente

Na dança de corpos unidos
Em cada sussurro lentamente
Até que pela morte sejamos banidos

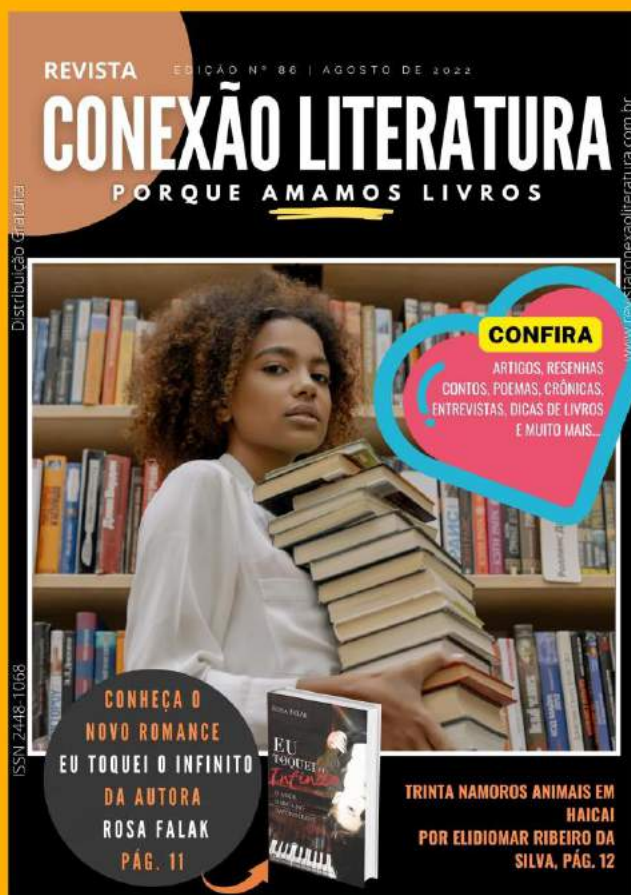
WANDA ROP, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, filósofa, cursando último período de História, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros: "Tempo de Amar", "Desejos do Coração", "Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa" e "Minha Infância em Poesia."

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

À BEIRA DO PENHASCO

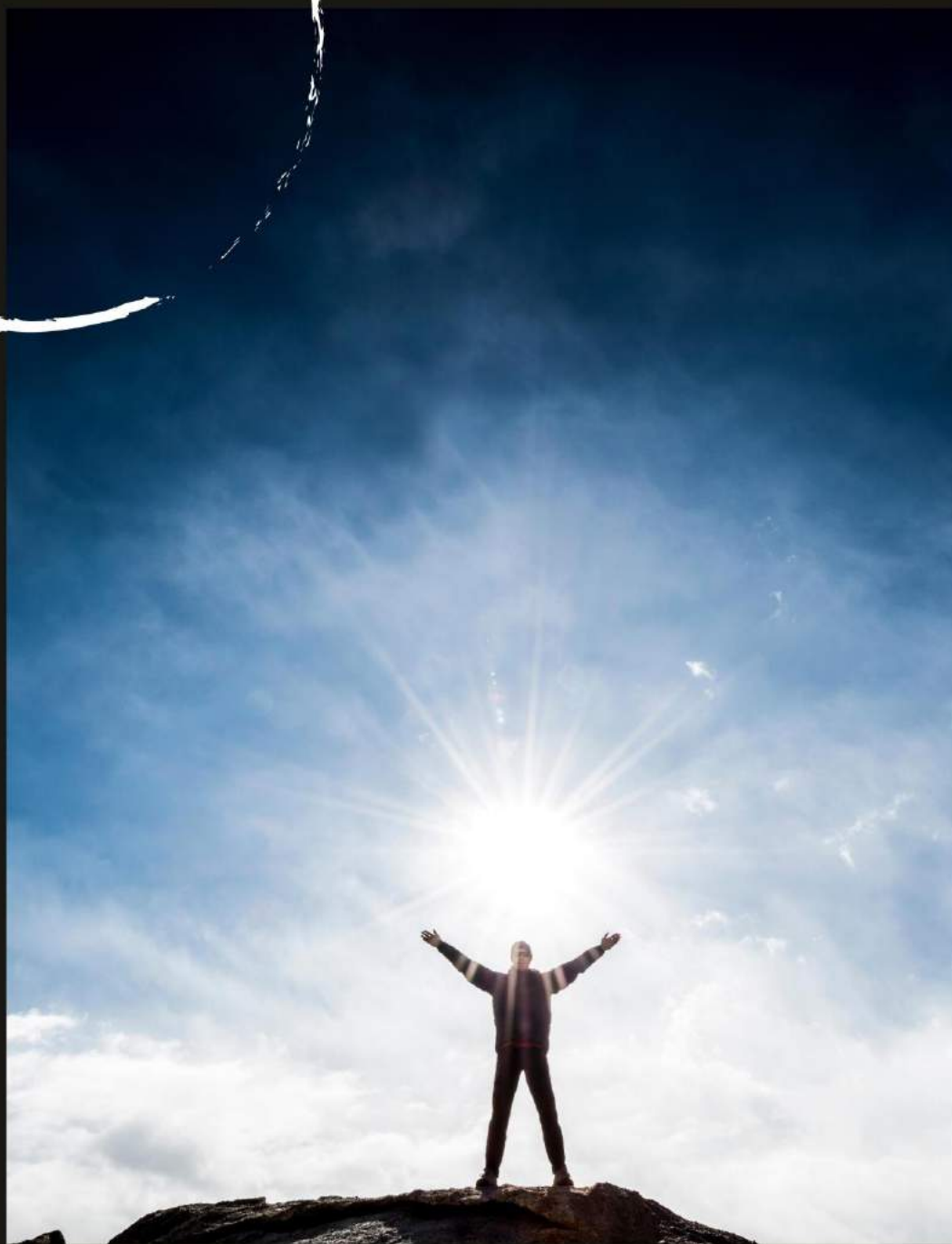
Roberto Schima

Da beira do penhasco nada havia
além de um oceano de nuvens.
Senti-me flutuar, fazer parte dele,
a arrepiar-me a pele, deixar-me levar.
Estendia-se diante de mim
até não poder mais,
até mais além, além do além.
Senti a friagem, inspirei a aragem.
Perdi-me na memória
de um tempo em que o vento
fora um dos espíritos primários,
criador da terra, do céu e do ar.
Não havia sol, nem qualquer outra estrela,
somente a luminosidade tênue
de um crepúsculo sem fim,
um outono perpétuo,
sem flores no jardim.
Ah, senti-me leve na beira do penhasco,
enebriado por aquele mundo difuso
sem horizontes, nenhum traço,
suspirei e, decidido,
tornei-me parte daquele sonho...
...após o primeiro passo.



Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google.

Contato: rschima@bol.com.br.



Existem dois tipos de pessoas que merecem a nossa compaixão: as vítimas da miséria e os causadores dela. Pode parecer estranho que estejamos equiparando esses opostos mas, na verdade, os miseráveis, os que sofrem as consequências de uma desumana desigualdade social sofrem isso em sua carne enquanto que os causadores disso sofrem essa dor em sua alma.

A Compaixão

POR MAURO KWITKO

Existem dois tipos de pessoas que merecem a nossa compaixão: as vítimas da miséria e os causadores dela. Pode parecer estranho que estejamos equiparando esses opostos mas, na verdade, os miseráveis, os que sofrem as consequências de uma desumana desigualdade social sofrem isso em sua carne enquanto que os causadores disso sofrem essa dor em sua alma. Um dia teremos uma sociedade em que a desigualdade social estará bastante minimizada, mais ou menos nivelada, mas, por enquanto, ainda não, pois, como dizia Gandhi, “Na terra há o suficiente para satisfazer as necessidades de todos, mas não para satisfazer a ganância de alguns.” Isso ocorrerá com o passar dos séculos quando a nossa raça evoluir moralmente e eticamente e não, prioritariamente, do ponto de vista tecnológico, como vem ocorrendo.

Por que são dignos de compaixão os que causam a fome, a miséria, essa terrível desigualdade social que provoca a violência social pela mágoa e a raiva que acomete os que nunca tiveram o que nunca terão a não ser que se tornem ladrões ou traficantes? Porque são infelizes, na verdade, muitas vezes, até mais infelizes do que as multidões de miseráveis que criam. Alguém pode surpreender-se por imaginar alguém que está no poder, milhões de reais (ou dólares) em algum paraíso fiscal, que mora em uma casa luxuosa, circula em carros importados, frequenta restaurantes de luxo, faz viagens frequentes para locais paradisíacos, come e bebe nababescamente, enfim, leva uma vida semelhante às vidas que as novelas mostram na TV ou vemos em filmes no cinema ou na telinha, é um infeliz? Pois é, sim. É tão infeliz que necessita disso tudo para tentar tampar um enorme vazio interior, um infundo buraco em seu peito, uma total falta de sentido para sua vida, um tipo de infelicidade que podemos chamar de “infelicidade espiritual” que nem o ar de falsa seriedade, de fingida honestidade, que molda em seu rosto, consegue disfarçar, pois, por traz dessa máscara criada para esconder dos outros o que na verdade é, jazem olhos vazios, frios e calculistas, sem amor, olhos que refletem uma alma que dissociou-se de si mesmo, de sua essência divina, olhos tristes, digno de compaixão.

Tenho um profundo sentimento de dó pelas vítimas desses irmãos e irmãs que optam pelo desejo de poder, pelo acúmulo de bens, mas tenho mais dó ainda por esses, mesmo com tudo que têm, eles são mais infelizes: não têm os alicerces que sustentam uma residência onde Deus sintá-se à vontade: a paz na consciência, o amor no coração, a alegria no olhar. Não estou pregando o que está mal traduzido na Bíblia, que rico não entra no Reino dos Céus, que bem-aventurados são os que choram porque eles serão consolados e os que têm fome e sede de justiça porque terão, um dia, fartura, mas numa coisa eu concordo: bem-aventurados são os mansos porque herdarão a terra e os puros de coração porque verão a Deus, ou, quem sabe, já estão vendo e, por isso, são assim?

SOBRE O AUTOR: Mauro Kwitko nasceu em 17 de novembro de 1947, às 8:20h, em Porto Alegre/RS. É autor de:

- 9 livros editados pela Besourobox Edições – “Como Aproveitar a Sua Encarnação”, “Doutor, Eu Ouço Vozes!”, “20 Casos de Regressão”, “Jovens Guerreiros e Guerreiras da Luz”, “A Fascinante Vida de Mirta Kassov”, “Tratando Fobia, Pânico e Depressão

com Terapia de Regressão”, “Como Evoluir Espiritualmente em um Mundo de Drogas”, “Terapia de Regressão – perguntas e respostas”, “A Terapia da Reforma Íntima”.

• 9 livros independentes, em e-book, na Amazon.com.br: “Baixa auto-estima”, “Como matar o pensamento suicida”, “A Força Espiritual”, “A Arte de Adoçar os Olhos”, “Reencarnação - a desigualdade social, o racismo e as guerras”, “A Linha do Horizonte”, “A história de Betinho, que nasceu ladrão” e “A Reencarnação de Mirta Kassov”.

É médico, especializado em Homeopatia, Terapia Floral e Psicoterapia Reencarnacionista.





EU PRECISO DE MAIS ESPAÇO

Quer mais espaço para divulgar
o seu livro? Então entre em
contato
e solicite o nosso mídia kit:
ademirpascale@gmail.com

REVISTA CONEXÃO LITERATURA
www.revistaconexaoliteratura.com.br

TRATADO DE PAZ

Por Augusta Arakawa

**Achei uma pena no asfalto.
Se eu a guardar no bolso
Será sinal de boa sorte.
Se eu a colocar no cabelo
Será um bom enfeite.
Se eu colocar tinta na ponta
Dá até pra desenhar!
Se eu a deixar no chão
Será uma sombra para as formigas.
Achei uma pena bonita e grande!
Quem será que a perdeu?
Quem será que a deixou aqui?**

**Peguei a pena na mão
E foi o meu presente para o vento.
Assinamos um tratado de paz!**



Poema extraído do livro “Alexandria - meu poema” publicado por Shan editores em 2006 em parceria com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), disponível na Biblioteca de Alexandria, no Egito, África:

<http://balis.bibalex.org/EN/OPAC/Home/SearchOPAC?keyword=ALEXANDRIA%20-%20MEU%20POEMAHYPERLINK>

["http://balis.bibalex.org/EN/OPAC/Home/SearchOPAC?keyword=ALEXANDRIA%20-%20MEU%20POEMA&locale=EN"&HYPERLINK](http://balis.bibalex.org/EN/OPAC/Home/SearchOPAC?keyword=ALEXANDRIA%20-%20MEU%20POEMA&locale=EN)

["http://balis.bibalex.org/EN/OPAC/Home/SearchOPAC?keyword=ALEXANDRIA%20-%20MEU%20POEMA&locale=EN"](http://balis.bibalex.org/EN/OPAC/Home/SearchOPAC?keyword=ALEXANDRIA%20-%20MEU%20POEMA&locale=EN)locale=EN

SOM DE FLAUTA

Por Augusta Arakawa

Eu sei o que você precisa.
Eu sei o que te faz falta.
Que tal pegar uma brisa
Lá em Malta?

Que tal ver a torre de Pisa
E checar se ela está alta?
E eliminar o que te agoniza
E cantar em frente à ribalta?

Minha mão no seu rosto desliza
E seu coração parece que salta.
O seu olhar penetrante me avisa:
Você quer me amar ao som de flauta!



Gefunden

Ich ging im Walde
So für mich hin,
Und nichts zu suchen,
Das war mein Sinn.

Im Schatten sah ich
Ein Blümchen stehen,
Wie Sterne leuchtend,
Wie Äuglein schön.

Ich wollte es brechen,
Da sagt's es fein:
Soll ich zum Welken
Gebrochen sein?

Ich grub es mit allen
Den Würzlein aus,
Zum Garten trug ich's
Am hübschen Haus.

Und plantz es wieder
Am stillen Ort;
Num zweigt es immer
Und blüht so fort.

Autor: Goethe

Achado

Eu fui para a floresta
A fim de caminhar
Sem nenhuma pressa,
Nada a encontrar.

Na sombra eu vi
Uma florzinha parada
Como olhinhos a tinir,
Como uma estrela iluminada.

Eu a quis arrancar,
Aí pensei melhor:
Ela poderá murchar
Se eu quebrá-la sem dó.

Então, abri uma cova, sim.
E a pequena raiz arranquei.
Para o jardim
De uma linda casa a levei.

E a plantei novamente
Num tranquilo lugar.
E agora têm ramos sempre
E flores bonitas ela dá.

Tradução: Augusta Arakawa



SOBRE A AUTORA:

Augusta Arakawa é natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora literária do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" e o e-book "Lembranças" publicado pela UNIFAL - MG em 2022 (Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais).



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

EU VENHO (POESIA)

Por Lilian Ferraz

Eu venho
com o coração
aberto e festivo
Trago comigo
um querer romanceado
e não apelativo

Eu venho
suave como o canto da cotovia
que em dias canta
sozinha
mas tem o vigor que tudo anima

Eu venho
com o rosto plácido e sereno
sabendo que tudo de mim
espelha em ti
ardorosas sensações
e
sinceros sentimentos

Eu venho
como o vento que principia
na serra e indica
a mudança que paira no ar
trazendo frescor aos dias escaldantes
e
provoca um bailado nas ondas do mar

Eu venho
assim como a poesia
que escrevo
simbólica e harmônica
sem fanfarras
sem máscaras
sem arremedos
sem mistérios

Eu venho
afetuosamente
caprichosamente
intensamente
assim como
esse poemeto
que a ti escrevo.

Lilian Ferraz, 52 anos, formada em Psicologia e pós graduada em Gestão Pública, tem gosto por leituras e livros desde pequena, mas somente na idade adulta, despertou o interesse por escrever e publicar, virtualmente, seus escritos. Seu primeiro contato com o mundo da literatura digital foi no Recanto das Letras, onde escreve, cotidianamente, como Lia Fátima. Também participa das Casa dos Poetas e da Poesia e do Meu lado poético. Participou de algumas Antologias impressas e outras digitais dos mesmos sites citados. Mantém um Blog pessoal com seus escritos e notas, onde tem mais destaque a poesia, porém gosta e escreve contos infantis e outros estilos. <https://palavrasnotasevivencias.blogspot.com>.

NOSSO
SILÊNCIO
TAMBÉM DESTROÍ



**NOSSAS
MATAS**

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

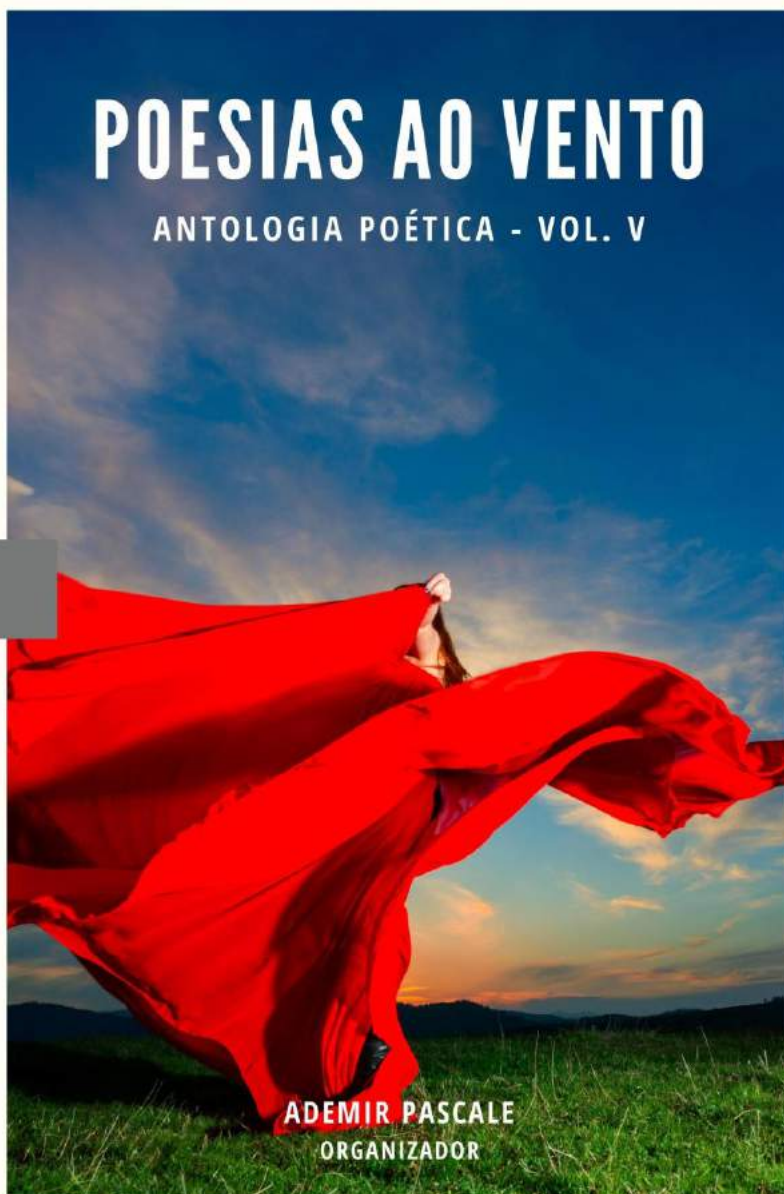
POESIAS AO VENTO

VOL. - V

POESIAS AO VENTO

ANTOLOGIA POÉTICA - VOL. V

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA

COM CARLOS OLIVEIRA



Carlos Oliveira

Formado em Engenharia Elétrica e em Comunicação Social, Carlos Oliveira desde criança é fascinado por esportes, tendo frequentado inúmeros estádios de futebol, autódromos e ginásios. Por paixão, após uma longa trajetória profissional na área tecnológica, resolveu cursar a faculdade de Jornalismo para aprimorar seus conhecimentos. É um leitor voraz, além de ter participado da publicação de inúmeras obras. Observador nato, está sempre atento em identificar problemas e achar soluções que melhorem a vida das pessoas. Mesmo diante das dificuldades e das decepções, continua com disposição para ajudar o próximo.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Carlos Oliveira: Ler sempre foi uma grande paixão. Sou amante da leitura desde a infância. Escrevi meu primeiro livro há mais de 25 anos. E, ao longo dos anos, coordenei outros autores.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Alma Carioca”, que está buscando para publicação no Catarse. Poderia comentar?



Carlos Oliveira: O embrião foi o TCC do curso de Jornalismo feito há 15 anos. Recentemente, o texto foi ajustado para virar livro. Para que ele possa alcançar o maior número de pessoas, ocorreu a ideia de integrá-lo ao projeto Mais Leitura. E, para captar os recursos necessários para que ele possa ser distribuído de graça para quem gosta de ler, mas não pode comprar, a solução foi lançar a campanha no Catarse.

Conexão Literatura: Como surgiu o Projeto Mais Leitura?

Carlos Oliveira: Observando que muitos gostam de ler, mas não possuem condições financeiras para comprar livros. O Mais Leitura é uma iniciativa independente que tem como objetivo primordial fazer a distribuição de livros gratuitamente para que as pessoas possam ler, sem gastar nada. Baseia-se em deixar livros em pontos determinados e também

em locais aleatórios, podendo a população levá-los para casa, sendo que o intuito é que, após o término da leitura, deixem o exemplar onde o encontraram ou em uma localização diferente, para que algum outro leitor possa pegá-lo. Quem quiser saber mais sobre o projeto, basta acessar www.maisleituraprojeto.com.br e o perfil no Instagram [@maisleituraprojeto](https://www.instagram.com/maisleituraprojeto)

Conexão Literatura: Fale mais sobre o apoio da Editora Via Escrita e do Mais Leitura para a publicação do seu livro.

Carlos Oliveira: Ele não será comercializado posteriormente pela editora. Só terá o livro quem apoiar o projeto via Catarse. Além de receber as recompensas de acordo com o valor da contribuição, o apoiador ajudará a aumentar o amor pelos livros. A editora não terá nenhum lucro com o livro. O valor arrecadado é para os custos que envolvem o próprio livro e para o pagamento da taxa do Catarse. Se o projeto for financiado, a editora Via Escrita, em parceria com o projeto Mais Leitura, enviará também exemplares do livro “Alma Carioca – o papel do Jornal dos Sports no crescimento do futebol” para instituições e bibliotecas que trabalham em prol da democratização e incentivo à leitura.

Conexão Literatura: Os apoiadores receberão recompensas de acordo com o valor da contribuição? Quais serão as recompensas?

Carlos Oliveira: Livro e marcadores, com frete grátis para todo o Brasil.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Carlos Oliveira: Meus livros são mais baseados em pesquisas e entrevistas, então procuro por temas que gosto. A área esportiva é uma paixão, então falar do Jornal dos Sports foi algo natural.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Carlos Oliveira: Sim, com certeza. “O Jornal do Sports derivou do periódico Rio Sportivo e teve como fundador o jornalista Argemiro Bulcão, que foi um importante administrador de jornais da época. Ele percebeu que, com a crescente popularidade do futebol, começava a faltar espaço para a divulgação do noticiário da modalidade e havia necessidade de fortalecimento da imprensa esportiva. Criado em 1926 pelo próprio Bulcão, o Rio Sportivo chegava às bancas duas vezes por semana, o que era muito pouco para um mercado em franca expansão. No final de 1930, Bulcão, animado em criar um diário esportivo, mas sem disposição para correr riscos, propôs sociedade para Ozeas Mota, dono das oficinas onde eram impressos diversos jornais do Rio de Janeiro. Desta forma, com um investimento de seis contos de réis, em 13 de março de 1931 saiu a primeira edição do Jornal dos Sports.”

Conexão Literatura: O que tem lido atualmente?

Carlos Oliveira: Estou lendo “Silêncio na Floresta”, de Harlan Coben. Recentemente terminei o terceiro volume de “Escravidão”, de Laurentino Gomes. Leio diversos gêneros literários. Tento alternar para não ficar cansativo.

Perguntas rápidas:

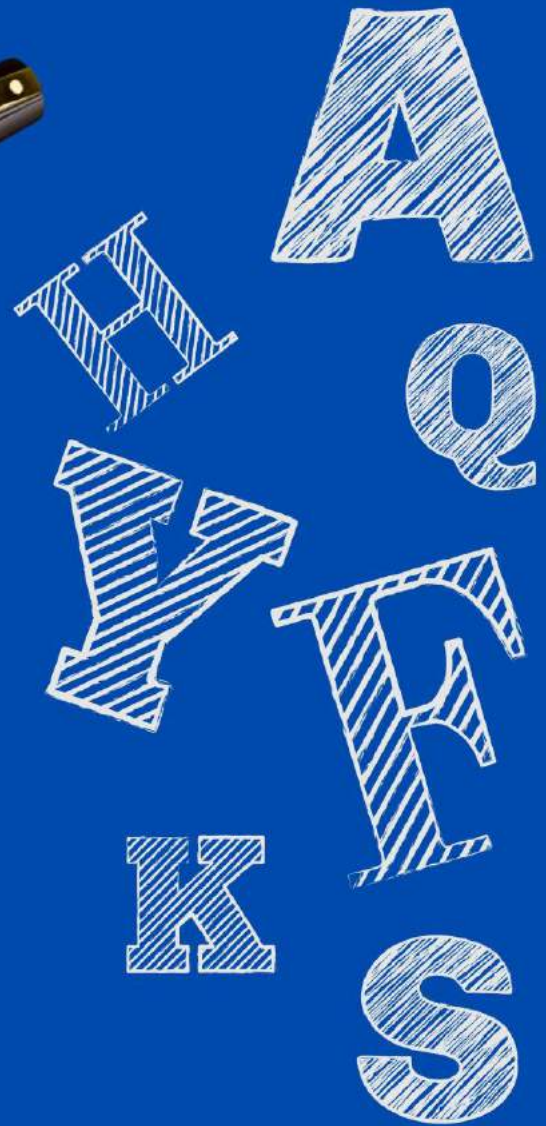
Um livro: O Caso dos Dez Negrinhos, de Agatha Christie

Um ator ou atriz: Laura Cardoso
Um filme: Carruagens de Fogo
Um hobby: Viajar
Um dia especial: 1º de janeiro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Carlos Oliveira: Espero que as pessoas gostem do projeto. Incentivar a leitura é fundamental. Convido todos a acessarem www.catarse.me/almacarioca e apoiarem. O prazo não é longo para conseguirmos atingir a meta, então peço que as pessoas ajudem de imediato. Gratidão!



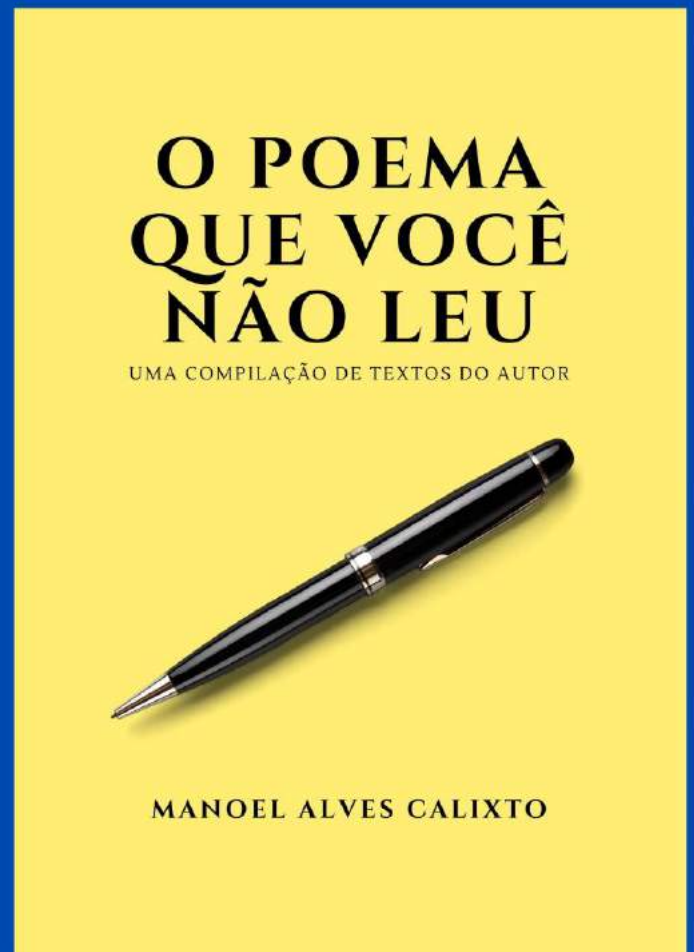


**CONHEÇA O
E-BOOK
"O POEMA QUE
VOCÊ NÃO LEU"
DO AUTOR MANOEL ALVES
CALIXTO**

O e-book reúne alguns dos melhores poemas do autor Manoel Alves Calixto, além de contar também com comentários dos leitores.



BAIXE O E-BOOK
GRATUITAMENTE:
[CLIQUE AQUI](#)



**O POEMA
QUE VOCÊ
NÃO LEU**

UMA COMPILAÇÃO DE TEXTOS DO AUTOR

MANOEL ALVES CALIXTO

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM ELIANE PRADO



Eliane Prado

Sou esposa, mãe, professora, escritora. Eu sou uma eterna apaixonada por palavras, música, poesia, gosto de olhar para o lado otimista da vida, mas sou realista o suficiente para entender que a vida é uma grande e complexa escola, onde estou em constante aprendizagem, recheada de aventuras de tristezas e alegrias, é nessa grande escola que aprendo que não é o tempo que cura as feridas, mas o amor; que não posso escolher o que sinto, mas tenho a livre escolha do que fazer a respeito. A vida é uma constante transformação. E que bom que posso mudar, evoluir, que tenho a opção de recomeçar todos os dias.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Eliane Prado: Desde os meus 15 anos sempre gostei de escrever e ler muito, sempre escrevia mensagens e mandava para um famoso programa de rádio que em um determinado momento lia as mensagens, me lembro que ficava a semana inteira esperando aquele programa que tinha apenas meia hora, em 1997 fui em um encontro de mulheres e fiz uma palestra sobre as pedras que temos em nossos corações, lá estava um editor que me disse que aquela palestra daria um livro, então comecei a transformar aquela palestra em um livro que lancei em 2001” Removendo as pedras do coração” Já escrevia em minha coluna “ Lições preciosas” de um jornal da minha cidade, uma vez por semana, parei de escrever, porque com a especialização não dava conta, então surgiu a ideia de colocar em um livro alguns dos ensaios que postei na coluna, que já não existe mais, em função de estar cursando psicologia e me toma muito tempo, assim surgiu o Livro “ lições preciosas” em português e inglês.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Lições Preciosas". Poderia comentar?

Eliane Prado: Sim, esse livro surgiu quando, um dia, estava passando o dever de casa para meus alunos e me lembrei do poema “O Tempo”, de Mario Quintana, quando o sujeito lírico fala que “A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa”, ou seja, a vida é vivida com obrigação, servindo como um exercício para o aprendizado, que muitas vezes tem que ser feito, não é algo prazeroso e desejável que ocasionalmente vai sendo deixado para depois, até não podermos fazê-lo no tempo certo. É assim que agimos em nossas vidas com nossos desejos e vontades. Mas, a vida, apesar de ser como um dever de casa, não temos uma segunda chance, não podemos repeti-la, como acontece com a formação escolar

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Eliane Prado: As minhas pesquisas foram o meu cotidiano nos meus anos de ensino como professora e aprendizagem com ser humano, foram as circunstâncias de contextos emocionais, sociais e familiares que atravesso, que vivo todos os dias .

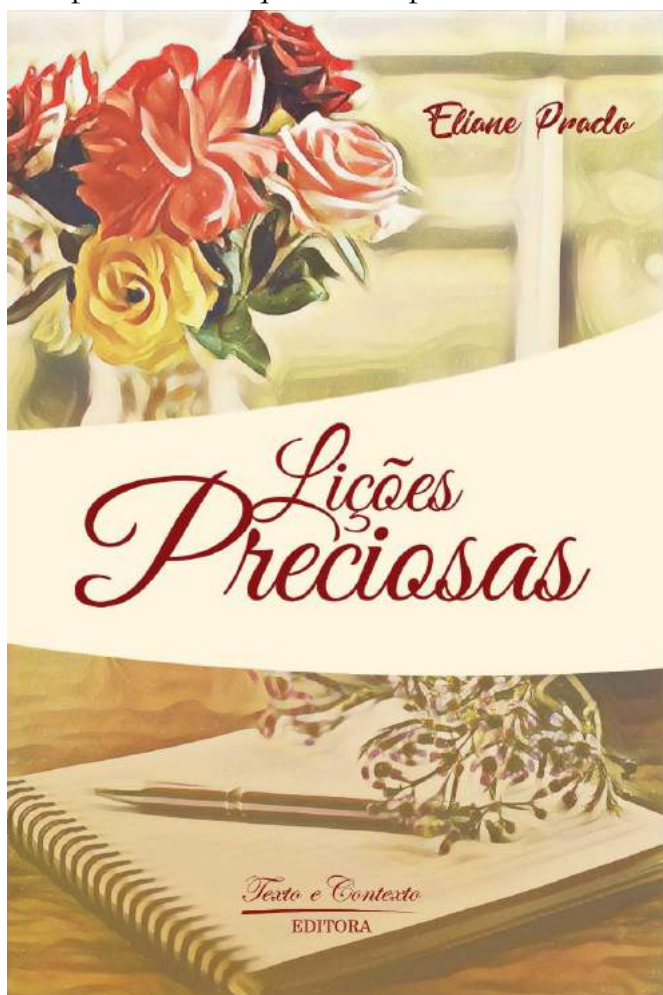
Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Eliane Prado:

NOSSOS FILHOS! PEDAÇOS DE NÓS!

Nós, pais, somos um pouquinho da vida de nossos pais e avós e, conseqüentemente, nossos filhos são pedaços de nós, daquilo que somos, pensamos e sentimos.

Nossos pedaços formam nossos filhos, nosso maior feito. Eles são nosso legado, a perpetuação de quem somos e fomos. Portanto, somos responsáveis pelas marcas que eles levarão para o resto da vida. Somos formadores de opinião e de caráter para eles, criamos nossos filhos para serem iguais, melhores ou piores que nós, ou seja, é do nosso comportamento que eles dependem.



O modo como educamos nossos filhos diz muito sobre nós! A forma como transmitimos nossos valores diz muito sobre nossa forma de ser e de exercer nosso papel de pais. A maior riqueza que podemos deixar para nossos filhos é uma vida regada de bons exemplos. Somos reflexos na vida dos nossos filhos.

Se o reflexo não for de coisas boas, não podemos exigir coisas boas mais tarde. Pois chegará o dia em que eles tomarão seus próprios barcos e irão erguer as velas de suas próprias crenças, para enfrentar suas próprias tempestades. Irão constituir suas próprias famílias e assim começar um novo ciclo, atravessando caminhos que nós conseguimos contornar.

Como diz Rubens Alves “É chegado então o tempo de recolher nossas asas. Aprender a abraçar à distância, comemorar vitórias das quais não participamos diretamente, apoiar decisões que caminham para longe. Isso é amor”.

Seremos apenas espectadores, mas

teremos sempre a certeza de que, ficaremos em suas células, em suas peles, em suas mentes, em seus corações. Filhos são pedaços de nós, que mesmo partindo fica!

E tudo o que precisam saber sobre nós, é que, que seremos como um farol, sempre firmes, seja na concordância ou na divergência, no sucesso ou no fracasso, estaremos sempre lá, como um farol, com o peito aberto para o aconchego, o abraço apertado, o conforto nas horas difíceis.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Eliane Prado: Está a venda em forma de e-book na Amazon em português e inglês na <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/licoes-preciosas>
<https://www.instagram.com/eliane56960/>

<https://www.facebook.com/eliane.prado.52>

<https://clubedeautores.com.br/>

<https://www.facebook.com/licoespreciosas> minha página onde falo dos meus livros e interajo.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Eliane Prado: Com certeza, estou sempre escrevendo, penso em uma segunda edição, pois o cotidiano as circunstâncias das nossas vidas, me dá, é uma leitura de mundo, uma leitura que retratam os perfis femininos de mulheres que são donas de casa, a mulher que trabalha fora de casa e em casa também, mães, avós, esposas, namoradas, noivas, solteiras, a mulher forte e frágil ao mesmo tempo.

Perguntas rápidas:

Um livro: A hora da Estrela – Clarice Lispector.

Um (a) autor (a): Mario Quintana

Um ator ou atriz: Harrison Ford

Um filme: Extraordinário

Um dia especial: São – O dia do meu casamento com o Jocimar meu amado esposo, o nascimento do meu Filho André depois o Guilherme e quando nasceu a Olivia, Nossa Neta Querida e amada.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Eliane Prado: Deixo mais um trecho do meu livro.

“Dizem que o nosso lar é uma extensão do nosso próprio EU. Ele é o nosso refúgio, o local onde relaxamos e descansamos, em meio a correria de nosso dia a dia. Desta forma, cada detalhe deve ser pensado com carinho. Então ao término da limpeza, vou até meu jardim colho minhas rosas, faço um arranjo e coloco sobre a mesa, indicando que minha casa está toda limpa e cheirosa.

Quando olho para meus arranjos que tem rosas de várias cores, compreendo que assim é a minha família, cada um com sua nuance, seu jeito de ser, que se completam porque foi plantado com amor em um jardim com solo fértil, com raízes fortes, que cultivamos e cuidamos constantemente. Minha família é o bem mais precioso, por isso tenho que nutrir, regar com amor todos os dias pois minha família é base do reflexo do que me tornei.”

Obrigada pela oportunidade.

ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA



A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

PARA SABER MAIS
CLUBE DE AUTORES - UICLAP
AMAZON

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM JUVENAL C. FILHO



Juvenal C. Filho

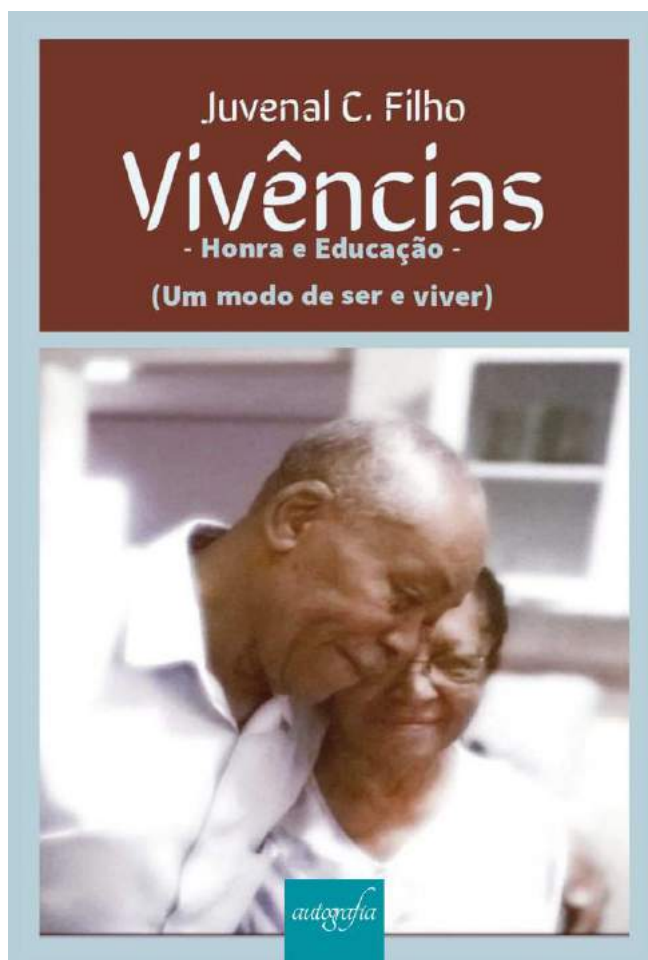
Nascido em Guanambi / Bahia, sou Escritor e Advogado, com dez livros publicados, sendo seis romances: “Chana a Gata”; “Memórias de Nossas Vidas”; “Amigos Amantes”; “Tatu-Bola”, “Vasquinho – o nosso Camarada” e “Vivências – honra e educação (um modo de ser e viver)”. E quatro antologias de poesias: “Nova Literatura Brasileira”; “Viver de Amor morrer”; “Que toda palavra dita ou escrita seja amor” e “Sarau Brasil 2020 Seleção Poesia Brasileira”. Participei de Bienais do Livro (RJ e SP), além de lançamentos literários em diversos Espaços Culturais na Bahia , e Livrarias do Rio de Janeiro como “Prefacio Livrarias”, Gramma Editora, Triuno Livrarias, etc.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Juvenal C. Filho: Desde criança escrevia contos e desenhava gibis. Criava meus próprios personagens. Na adolescência, no antigo segundo grau, comecei a ler Clarice Lispector, autora essa que me inspirou a escrever poemas e também inspiração para redigir as minhas redações. Meu professor de Literatura, o Professor Hugo, adorava meus escritos, e sempre dizia: esse será nosso futuro escritor. Me empolguei, e assim continuei as minhas escritas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Vivências - Honra e educação (Um modo de ser e viver)". Poderia comentar?

Juvenal C. Filho: Um romance sobre a história de vida de Seu Juvenal Cardoso dos Reis ("Seu Jove"), com as suas lembranças e experiências do cotidiano em extensa e longa vida, de quase cem anos, do Gentio de Ceraíma a Guanambi, onde viveu toda a sua história de vida. Brasileiro baiano, foi um dos mais antigos moradores de Guanambi, cidade da Bahia. Seu Juvenal teve consideração consigo e com o próximo, e fez centenas de amigos. Realizou e concretizou o que achava justo com ele, amigos e família. E entre tantos ensinamentos que obteve com a vida, ética, educação e moral foram os principais observados por ele. Nesse caminho vivido, Juvenal encontrou a alma gêmea. Sim, Dona Santa, uma alma gêmea para completar o caminho longo que teve aqui na Terra. E nesse encontro com Dona Santa, dois destinos se entrelaçaram numa vida que construíram com bastante dificuldade, mas com destreza. E com muito respeito ao próximo. Queriam apenas o suficiente para viver com dignidade. Um modo de ser e viver. Vivências com honra e educação.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

Juvenal C. Filho: Meus momentos de criações são quase sempre durante o sono. Um sonho, uma visão, um pesadelo, ou as vezes, uma insônia. Insônia é propícia para pensamentos cheios de imperfeições. E daí surgem ideias as mais variadas possíveis. A escrita vem imediatamente depois desses processos. Vem prontinha!!!
Minhas inspirações são lembranças da vida real. Estou sempre ligado nos acontecimentos do dia a dia.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Juvenal C. Filho: Considerando a sua herança dos antepassados de negros escravizados, pai procurou preservar a memória da história de sua origem contada por sua mãe, seu pai e seu avô.
De maneira geral, são histórias de vivências que tiveram. Histórias do período pós-escravidão dos negros no Brasil, especificamente Histórias do Sertão Baiano.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Juvenal C. Filho:

<https://www.juvenalcfilho.com.br/>

Email: juvenaf@gmail.com

<https://www.facebook.com/juvenal.cardoso.7>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Juvenal C. Filho: Guardar sempre os escritos, mesmo em papel. Salvar frases, trechos soltos da memória que vem de repente. Copiar e colar seus documentos em um único arquivo.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Juvenal C. Filho: Sim! Um Livro de Poemas chamado “ Desabafo ”. Já pronto, e esperando o momento para publicação.

Perguntas rápidas:

Um livro: Vivências - honra e educação (um modo de ser e viver)

Um ator ou atriz: Sônia Braga

Um filme: Aquarius

Um hobby: Ler Livros

Um dia especial: meu aniversário (29 abril)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Juvenal C. Filho: Vivências é um pouco da história da minha família. É um pouco da minha construção, e da minha identidade.



Ler acompanhado
é bom demais!



ENTREVISTA

COM MÁRCIO JERÔNIMO DE FREITAS



Márcio Jerônimo de Freitas

O autor, Márcio Jerônimo de Freitas, é natural de Ituiutaba/ MG. Historiador, escritor, poeta, contista, teatrólogo, contador de histórias. Inspirado na mãe, poetisa e escritora, traz da infância o gosto pela escrita, entre seus brinquedos, estavam os livros. Crê no poder das palavras para transformar as pessoas e o mundo. Acredita que tudo que a pessoa sonhe ser capaz de fazer, deve começar, pois, a ação traz surpresas e a realização. Prêmios literários: Vencedor do 1º e 2º Concursos SFX de Literatura, Ed. Scortecc, Troféu Cora Coralina, Academia de Letras de Goiás, Prêmio Nordeste de Literatura, Ed. Mágico de Oz. Troféu Luís Vaz de Camões, ANALAP/Portugal. Destaque Literário, Ed. Mágico de Oz. Prêmio Literartes Kids de literatura infantil.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Márcio Jerônimo de Freitas: Bem, comecei cedo, minha mãe era escritora, poetisa, dramaturga, e aos doze anos eu já a auxiliava digitando suas peças de teatro, foi quando escrevi também meu primeiro texto teatral. Ela foi ainda diretora e redatora de um jornal na década de 1970. Ainda em criança, ao vê-la escrever, eu imaginava que um dia faria o mesmo. Pouco depois produzi cinco peças de teatro, e vieram as poesias e contos. Ela escreveu vinte peças de teatro, além de livros de poesias, contos e um roteiro para cinema. Foi auxiliando-a nesses trabalhos todos que iniciei no campo da literatura. Quando os textos de minha mãe chegavam da censura federal, havia partes do texto, frases ou palavras riscadas, proibidas de serem ditas, estávamos em pleno regime militar. E aquelas proibições indignantes e absurdas que aconteciam no período da tenebrosa ditadura, me estimulavam ainda mais a querer escrever.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Histórias na Floresta". Poderia comentar?

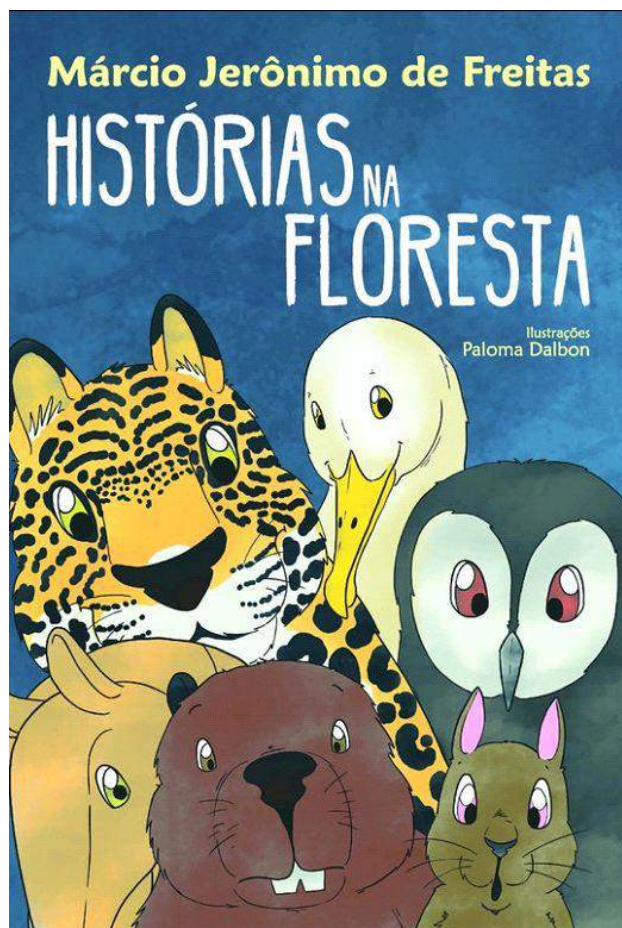
Márcio Jerônimo de Freitas: Sim, meus pais eram bons contadores de histórias, um hábito que adquiri, e eu contava também para meus filhos. Eles gostavam muito e sempre me pediam mais. Houve um momento em que eu não conhecia mais nenhuma história, estavam repetitivas. Então, passei a inventá-las. Mas, aconteceu que no dia seguinte eles queriam que eu repetisse aquela que havia inventado, como geralmente eu não me lembrava dos detalhes, passei a anotá-las, pois meus filhos cobravam as minúcias. Após trinta anos, encontrei essas anotações guardadas na gaveta e decidi publicá-las. Foi assim que surgiu o livro Histórias na Floresta, pelo amor a meus dois filhos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Márcio Jerônimo de Freitas: Boa pergunta. Foi um processo longo, na verdade, tem toda uma história por trás desse livro. Para resumir, eu mostrei os textos para uma amiga em Uberaba, a bibliotecária Adriana Fonseca, que encaminhou para uma amiga avaliar o trabalho. Nesse ponto os escritos já tinham a feição de um livro. Anos depois, a mesma Adriana me apresentou ao escritor Tiago de Melo Andrade, que me deu uma verdadeira aula de literatura, e aceitou revisar o meu texto. Alguns anos depois, já na pandemia, decidi publicar. Assim, enviei o livro para uma professora minha da Universidade, Iolanda Rodrigues Nunes, do Rio de Janeiro, especialista em educação infantil, para uma revisão crítica da obra, a qual também me deu uma aula de literatura, e me incentivou a publicar. Uma amiga, de Pernambuco, Isadora Cristiana, fez a revisão final. Fiz um primeiro contato com a editora Scortecc de São Paulo, com a qual eu publico já há 15 anos. Um

ano depois, o livro fora publicado e lançado, em abril de 2022, na feira ELICER (Encontro Literário do Cerrado), em Ituiutaba/MG.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?



Márcio Jerônimo de Freitas: É difícil destacar uma parte em especial, o livro é composto de oito histórias com temas variados. Mas, uma delas me traz uma memória interessante. Intitulada Eleição na Floresta, essa história, que está no livro, agradou muito a meu filho mais velho, que hoje é professor na escola de Design da UEMG. À época, então com 5 anos de idade, inspirado nessa história, ele escreveu e ilustrou uma história semelhante. Diferente da minha, que, em realidade, a eleição nem acontece, por divergências, como podem ver no livro, na dele, a eleição aconteceu. Já naquela época, ele mostrava um dos perigos do voto impresso, pois, ao final, a urna pega fogo e se queimam todos os votos. E o Leão, convicto de que teria a maioria dos votos, adoeceu por causa disso. Tenho a história e os desenhos dele guardados até hoje.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Márcio Jerônimo de Freitas: Sim, o livro Histórias na Floresta, tem tido boa aceitação, recebo elogios. Muitos que o adquiriram têm indicado o livro para as escolas de seus filhos, com isso, várias escolas já adotaram o livro a ser utilizado com os alunos, a partir do próximo ano letivo, em Minas Gerais e na Bahia. Aqueles que gostarem e puderem indicar às escolas, nós agradecemos. Podem ver um pouco sobre meu trabalho no Instagram: @marciojhero. O livro pode ser adquirido nos seguintes locais:

Livraria Pingo de Letra:

<https://www.pingodeletra.com.br/historias-na-florestamarcio-jeronimo-de-freitas/prod-9335638/>

Livraria Asabeça:

https://www.asabeca.com.br/detalhes.php?sid=12042022150613&prod=9566&friurl=_-HISTORIAS-NA-FLORESTA--Marcio-Jeronimo-de-Freitas-_-&kb=306

Amazon:

https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3rias-Floresta-M%C3%A1rcio-Jer%C3%B4nimo-Freitas/dp/6555297514/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=17ZZTP6FG2882&keywords=Hist%C3%B3rias+na+Floresta+marcio+jeronimo+de+freitas&qid=1649788895&prefix=hist%C3%B3rias+na+floresta+marcio+jeronimo+de+freitas%2Caps%2C445&sr=8-1

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Márcio Jerônimo de Freitas: Na literatura infantil, estou terminando o segundo volume de Histórias na Floresta, com novas peripécias e novos temas. E também, concluindo um romance e um livro de contos. Estou ainda fazendo uma pesquisa sobre a história do feminismo.

Perguntas rápidas:

Um livro: 1984, de George Orwell

Um (a) autor (a): William Shakespeare

Um ator ou atriz: Fernanda

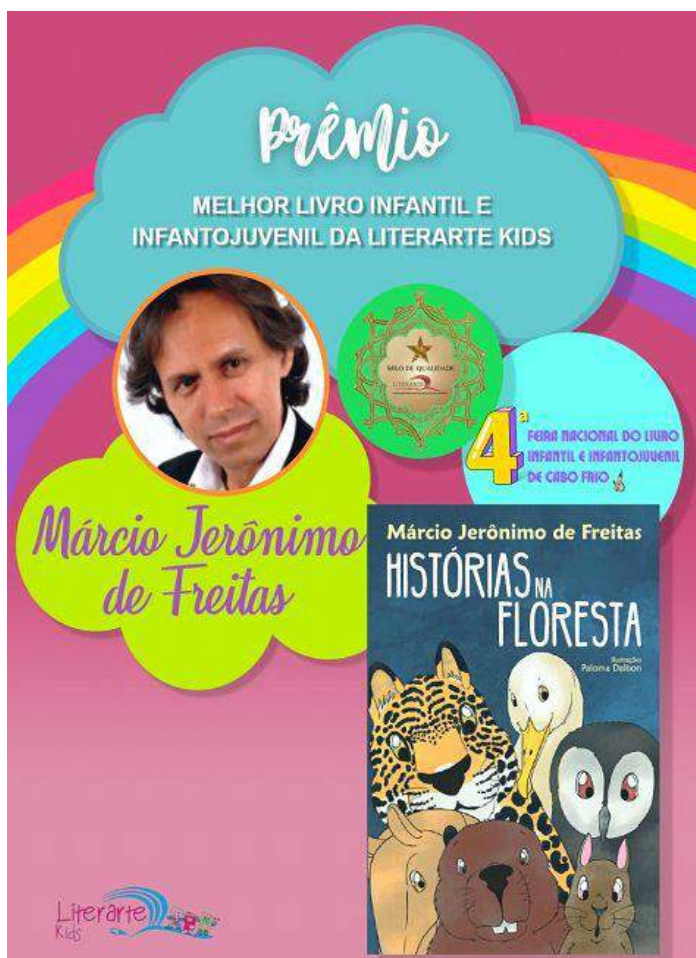
Montenegro

Um filme: Matrix

Um dia especial: Todos os dias são especiais.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Márcio Jerônimo de Freitas: Sim, gostaria de comentar a respeito do uso dos eletrônicos, pelas crianças. Tem o seu lado bom, oferece diversão, educação e informação, mas também, há perigos e malefícios à saúde. É preciso controle. E ao se lerem as fábulas com e para as crianças, compartilha-se duas coisas com elas: o tempo e o espaço, cria-se memórias e afasta-as um pouco dos eletrônicos. Como tudo vira lembrança, então, que se deixem felizes lembranças na vida das crianças, contando-lhes boas histórias.



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MAIS DE 200 MIL
LEITORES**

R\$ 150

Entre em contato:
e-mail: ademirpascale@gmail.com

revistaconexaoliteratura.com.br



ENTREVISTA

COM ROBERTA GONÇALVES



Roberta Gonçalves

Roberta não é uma mulher resolvida. Ela entende que o que está resolvido já está acabado, terminado, não comportando mais qualquer alteração ou evolução. Ela se vê, isto sim, em jornada. Se vê empreendendo, como o “Louco” do Tarô, uma viagem muito sua pelos caminhos da vida. Seu destino não é um lugar concreto, mas um estado de ser, um sentir-se inteira. Não resolvida, mas inteira, única, uma consigo!

De natureza reclusa e introvertida, passa muito do seu tempo no “Reino da Alma”. É lá que nascem seus poemas...

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Roberta Gonçalves: Precisei de muito tempo para começar a levar a sério o meu “desejo” de escrever. Não tive incentivo da família, que previa um futuro de insegurança financeira caso eu embarcasse na “loucura” de querer viver da escrita no Brasil, um país que lê tão pouco. Por isso, trilhei outros caminhos. Caminhos que me levaram pra longe de minha essência.

Ocorre que durante a pandemia, naquele momento em que ficamos todos cara a cara com a morte, eu decidi que bastava de perambular sem rumo. Comecei participando de

concursos literários, tanto de poemas quanto de contos. Publiquei em antologias poéticas, fui coautora do livro “Textos sensíveis demais pra não serem lidos”, da Editora Expressividade. E como a essa altura eu já tinha bastante material guardado, decidi que era chegando o momento de dar vida a ele.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Eu não sou uma mulher direita”. Poderia comentar?

Roberta Gonçalves: “Eu não sou uma mulher direita”, a princípio, é só mais um livro de poemas. Poemas que dialogam muito com o feminino. Um feminino profundamente ferido por um sistema patriarcal, capitalista e totalmente desprovido de alma como o que vivemos, sobretudo no Ocidente. Só por isso ele já é muito bonito. Mas uma escavação mais profunda pode revelar ainda mais.

Em “Eu não sou uma mulher direita” eu conto uma história alquímica. Ele é sobre calcinação, sublimação, solução, fermentação, separação, coagulação e união... Ele é sobre encontrar “ouro” em si!

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?



Roberta Gonçalves: Eu fui meu próprio objeto de pesquisa. Filha de pais muito conservadores e criada num contexto social/religioso extremamente machista, mas dona de uma natureza que ansiava por “liberdade”, eu me vi muito cedo diante de uma encruzilhada. Eu era o que a Dra. Clarissa Pinkola Estés, em seu livro “Mulheres que correm com os lobos”, chama de “zigoto errado”.

Ter sido o “zigoto errado” da família foi o que me rendeu boa parte do material para “Eu não sou uma mulher direita”. A outra parte veio da necessidade que eu tinha de me assumir como sou num tempo em que se ditam regras para tudo.

É um trabalho que reúne poemas de uma vida em jornada.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Roberta Gonçalves: “Avoa, brabuleta”

Não percebe que não faz sentido

Ter asa e cultivar âncora nos pés?

“Brabuleta” carece de voo

Se fica...

Definha!

Acho que este trechinho do poema “Avoa, brabuleta” fala bastante sobre meu livro...

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Roberta Gonçalves: “Eu não sou uma mulher direita” está em pré-venda no site da Editora Libertinagem. Há um link em minha biografia do Instagram (@robertafsgoncalves).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Roberta Gonçalves: Existem sim, uma novela que pode se transformar em romance, inclusive.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Mulheres que correm com os lobos”

Um (a) autor (a): Carlos Ruiz Zafón, que partiu tão cedo

Um ator ou atriz: Virgínia Cavendish, principalmente em “Lisbela e o prisioneiro”

Um filme: Internacional: Malena / Nacional: Abril Despedaçado

Um dia especial: O domingo em que adotei Pérola...

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Roberta Gonçalves: O poema que dá título a “Eu não sou uma mulher direita” nasceu em conversa com um senhor que me contava um “causo”. Ao iniciar o conto, ele dizia que aquela história havia se dado no tempo em que as mulheres eram direitas...

Mas sabe que tempo era esse? Sabe a que tempo ele estava se referindo? Aquele em que às mulheres só era reservado o direito ao silêncio. Minha avó viveu esse tempo, a mãe dela também, e ainda mais mãe da mãe dela... Mulheres que passavam da guarda do pai para a do marido, que eram estupradas em suas noites de núpcias (e talvez, em todas as outras depois), que pariam um filho atrás do outro porque a santa Igreja dizia que o sexo era para procriação, que sofriam caladas a dor do cajado patriarcal, e que quando gritavam eram internadas em hospícios como histéricas... Era a esse tempo que ele estava se referindo!

Ainda há pessoas em nossa sociedade que associam o feminismo à morte do feminino. Há pessoas bem mais jovens do que aquele senhor que compartilham dessa visão tão tacanha. Precisamos falar sobre isso. Precisamos ensinar aos nossos filhos que o tempo das “mulheres direitas” já passou. Graças à deusa, que está renascendo!



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

ANTOLOGIA DOS MELHORES POEMAS - VOL II

ANTOLOGIA DOS MELHORES POEMAS

ANTOLOGIA POÉTICA - VOL. II

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM SÉRGIO CARRERA NETO



Sérgio Carrera Neto

Nascido em 1978, na cidade de Recife-PE, estou radicado em Brasília há quase 40 anos, cidades que julgo “minhas”. Sou oficial (Tenente-Coronel) da Polícia Militar do Distrito Federal há 25 anos e 6 meses e, dentre os vários cargos e funções exercidas em Unidades operacionais, de ensino, e administrativa-estratégica, também tive a oportunidade de servir em Missões de Paz da ONU, ser consultor de seu Alto Comissariado de Direitos Humanos (para temas de polícia) e fui docente e discente em muitos países. Fui o primeiro (ainda) “policial brasileiro” a trabalhar na sede da ONU em New York. Amo meus filhos (incluindo um cachorro) e me dedico para ser o melhor pai que posso. Meus principais hobbies são: viajar, assistir séries e filmes, apreciar bons vinhos e gastronomias diversas, escrever (livros, artigos, colunas em blogs e sites e atuar na área docente), estudar idiomas, culturas, geopolítica etc. e frequentar e estar em companhia de nada que não seja tóxico. Afinal, a paz não tem preço! meloneto.sergio@gmail.com

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Sérgio Carrera Neto: Como policial, sempre percebi a falta de produções acadêmicas escritas por profissionais do meu segmento, onde os especialistas eram sempre acadêmicos, sem qualquer tipo de experiência prática. Há cerca de 15 anos, ao menos na capital federal, houve o despertar de muitos policiais pela vida acadêmica. Eu fui um desses, ao realizar meu mestrado, e, motivado pela associação da “experiência prática x acadêmica”, comecei a escrever livros de temas voltados à área policial e a organizar obras coletivas sobre assuntos de interesse das ciências policiais e da segurança pública, convidando prioritariamente policiais, mas também membros de outros órgãos de Estado e da Academia. Em 2016, lancei o primeiro livro. Hoje são 5 obras próprias e 3 outras como organizador, revisor, editor e/ou coautor em publicações coletivas.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Modelos de Polícia - Volume 1". Poderia comentar?**

Sérgio Carrera Neto: Um dos temas que mais me interessa, sem dúvida, é poder analisar características, legislações, indicadores, variáveis de criminalidades, dentre outros, entre agências policiais ao redor do mundo, e fazer contrapontos com o que existe no Brasil. O estudo comparado de polícia nos oferece a possibilidade de adaptar boas práticas que existem nos países, quer no âmbito interno - administrativo ou operacional (dos diversos departamentos policiais internos), ou mesmo avaliar os modelos e os sistemas policiais e de justiça criminal que temos no Brasil, considerado por muitos estudiosos (no Brasil e no exterior), um dos mais ultrapassados e ineficientes do mundo (se não for “o mais”). A ideia

dos volumes do “Modelo de Polícia” não é a de apresentar “verdades”, mas sim fazer com que os profissionais, políticos e acadêmicos reflitam, se interessem e modernizem

práticas e legislações nacionais, que a existência, por exemplo, do “ciclo completo de polícia”, quase uma exclusividade (negativa) do Brasil, dentre outros.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Sérgio Carrera Neto: O Volume I foi realizado em sua essência por meio de entrevistas com policiais de cada um dos 10 departamentos estudados (fontes primárias). Buscou-se a utilização de ferramentas e instrumentos de análises para todos os capítulos para que fosse possível ao leitor correlacionar os órgãos estudados, assim como fazer comparações com os modelos brasileiros. O primeiro volume levou cerca de quase 3 anos para sua conclusão, pois ainda não havia estabelecido critérios fixos, algo já mais fácil para outros volumes.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Sérgio Carrera Neto: As reflexões finais trazem análises entre os indicadores e características diversas dos 10 órgãos policiais, trazendo paralelos para com a realidade brasileira, concluindo com algumas sugestões e propostas para o sistema interno.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sérgio Carrera Neto: Eu tenho uma página com um currículo resumo (<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/sergio-carrera-de-albuquerque-melo-neto>) e o livro pode ser encontrado on-line em vários sites, dentre os quais, cito alguns: Clube de Autores (<https://clubedeautores.com.br/livro/modelos-de-policia>); Amazon (<https://www.amazon.com.br/Modelos-Pol%C3%ADcia-S%C3%A9rgio-Carrera-Neto/dp/6587229107>); Mercado Livre: (https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2745675511-livro-modelos-de-policia-_JM); Magazine Luiza (<https://m.magazineluiza.com.br/modelos-de-policia-clubede-autores/p/jh7jb8ghaj/li/ldrt/>); AgBook (https://agbook.com.br/book/337771--Modelos_de_Policia).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sérgio Carrera Neto: Estou quase sempre estudando e pesquisando, quer para publicações diversas, artigos de opinião, colunista, painelistas, palestrante, para conhecimento próprio ou temas voltados para o ensino.

Na área de produção literária, atualmente, estou trabalhando na edição dos livros: 1) “Modelos de Polícia - Volumes II”; 2) “Modelos de Polícia – III”; 3) um livro sobre temas contemporâneos de segurança pública e ciências policiais (ainda sem título); 4) uma

primeira ficção (O Inimigo Invisível); 5) na organização de um livro de fotos de policiais militares brasileiros em missões de paz da ONU; e, 6) um livro de reflexões sobre questões atuais de polícia e segurança pública.

Em paralelo, atuo como docente, *design* de cursos e coordenador pedagógico de IES, com alguns projetos de cursos de extensão universitária, MBA e pós-graduações. São todos cursos voltados para as ciências policiais e temas correlatos, como o de direitos humanos, humanitários, crime organizado e transnacional, inteligência e cibercrimes.

Atualmente, ocupo o cargo de comandante do 17º Batalhão da Polícia Militar do Distrito Federal.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Demônio da Meia Noite, de Andrew Solomon.

Autor (a): Dan Brown.

Atriz: Diane Kruger.

Ator: Christoph Waltz.

Filmes: Seven.

Séries: (Fauda, Homeland, Vikings, Dexter, Dark).

Hobbies: Viajar, maratonar séries e estar com meus filhos.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

CASA PROJETOS LITERÁRIOS
COM JANANDA GERMINARI



Jananda Germinari

Psicóloga clínica, abordagem comportamental e especialista em terapia analítica comportamental. Natural da cidade de Londrina/PR, onde mora e atua, é uma profissional apaixonada por atendimentos de orientação de pais de crianças e adolescentes, a chamada psicoeducação.

Entrevista

Conexão Literatura: Você está escrevendo o seu primeiro livro infantil. Poderia nos contar o que a inspirou a começar a escrever?

Jananda Germinari: Como psicóloga, percebo em meu cotidiano de trabalho o quanto as famílias atualmente vivem numa rotina em constante movimento, é trabalho, casa, família, escola, compromissos, boletos, e em meio a tanta correria, muitas vezes os filhos acabam ficando com o tempo que sobeja dos pais - o que não deveria de forma alguma ser assim, e se está, algo necessita ser reformulado nesta rotina - o que nos leva a pensar e identificar que conseqüentemente as crianças necessitarão de uma atenção especial dos pais, e quando isto não acontece, suas emoções ficam desreguladas, o que acaba acarretando sem seus sentimentos e comportamentos, na qual, muitas vezes são expressados de maneira inadequada. Logo, a criança, na busca de obter atenção do meio em que está inserida, passa a variar seus comportamentos, e quando se obtém alguma conseqüência que lhe parece reforçadora, a criança reproduz o mesmo comportamento muito facilmente, sendo adequado, ou não.

Diante deste cenário, além de trabalhar com os pais sobre como agir em relação aos comportamentos da criança e como obter uma rotina familiar de mais afeto e harmonia, senti a necessidade de ultrapassar o setting terapêutico e poder contribuir com as famílias de modo que as minhas palavras possam alcançar onde minha presença não poder chegar. Para isto, além do livro infantil para leitura com a criança, será acompanhado uma cartilha de apoio sobre como usar o livro com a criança, estará disponível cartilha para os pais e também cartilha para profissionais, pois o livro também poderá ser utilizado em atendimento com a criança. Muito Legal, não é?!

Conexão Literatura: Pode nos contar o título do seu livro e comentar sobre a história?

Jananda Germinari: O título “Dedé queria ser legal” foi dado para que o leitor tenha uma ideia sugestiva do que o livro se trata. Vamos lá, um pequeno spoiler, o livro conta a história de um garoto que possui uma realidade de pouco tempo de qualidade familiar, e que possui diversos comportamentos inadequados em seu dia a dia. Dedé, na tentativa de chamar atenção e ser legal, acaba fazendo muitas traquinagens e brincadeiras que os amigos e as pessoas ao seu redor não aprovam. Diante disso, percebeu que as pessoas acabaram se afastando e que ele precisava urgentemente modificar seus comportamentos para não perder seus amigos, até que acontece uma cena no contexto da história que fez com que Dedé compreendesse o que ele deveria fazer para que muitas coisas pudessem mudar e obter conseqüências diferentes.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo demorou para escrever o seu livro?

Jananda Germinari: O Livro “Dedé queria ser legal” nada mais é do que a ilustração da realidade de muitas crianças e famílias. No consultório, lido constantemente com o trabalho de orientação de pais em relação a como agir diante dos comportamentos inadequados das crianças - o que é muito comum que a criança emita, até porque, estão aprendendo e tateando o mundo com seus comportamentos e expressões - cabe aos pais saberem consequenciar de maneira adequada, ensiná-los, acolhê-los, e mais do que isto, como contribuir com a aprendizagem da criança de maneira efetiva e afetiva.

Por se tratar de algo rotineiro em meu trabalho, ficou muito claro o que eu gostaria de transpor no livro, então surgiu a ideia de criar uma história de forma leve e lúdica, que possibilitasse além de ser uma leitura divertida com a criança, um instrumento de reflexão acerca de seus comportamentos, tanto para as crianças, quanto para os pais.

A escrita do livro não foi tão rápida, houveram neste processo de escrita momentos de questionamentos e reflexão sobre como iria impactar os leitores de maneira significativa e não fosse apenas mais uma obra infantil.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Jananda Germinari: Um dos trechos da história que eu gosto muito é quando o personagem principal faz alguns questionamentos acerca de seus comportamentos. Ele pergunta a si mesmo: como fazer algo diferente, sendo que estou tão acostumado a fazer sempre desta forma. Isto nos demonstra que o processo de mudança muitas vezes não é tão simples ou rápido, mas o primeiro passo para a mudança é reconhecer as consequências de seus próprios comportamentos.

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para acompanhar o lançamento do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho?

Jananda Germinari: Para saber mais sobre quando será o lançamento do livro e me conhecerem um pouco melhor podem me acompanhar nas redes sociais @psic.janandagerminari e também seguir o ig @casaprojetosliterarios, agência literária a qual faço parte.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Jananda Germinari: Há muito o que poder contribuir com a educação comportamental das crianças e psicoeducação dos pais, sinto-me muito motivada e acredito que novos projetos irão surgir, mas por enquanto, acompanhem nossos perfis para estarem por dentro das novidades de “Dedé queria ser legal”.

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

CASA PROJETOS LITERÁRIOS
COM ROGER IGLESIAS BERARDO



Roger Iglesias Berardo

Com uma escrita ágil, forte e sem meias palavras, Roger nos apresenta em seu primeiro romance uma estética que desmascara e questiona a sociedade brasileira dos reality's shows, e dos influenciadores.

“Ovelha Cinza”, um romance sobre a raiva, reflete brutalmente o caminho de polarização que vivemos fora e dentro de nossas casas.

Seu original já está sendo negociado com editoras do Brasil e de Portugal.

Entrevista**Conexão Literatura: O que o inspirou a começar a escrever?**

Roger Iglesias Berardo: É até cômico dizer isso, mas a probabilidade de eu me tornar escritor era mínima – minha mãe nunca foi ligada às artes e meu pai, bom, meu pai pior ainda, só leu dois livros na vida e ambos na infância dele. Eu, pelo contrário, sempre curti a arte da escrita, e eventualmente espiralei através da soma disso com minha criatividade. Eu costumava escrever poemas, mas migrei para romances e não me arrependo – criar um mundo, um universo, uma estória que vem da sua mente é algo divino e célebre.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Ovelha Cinza”. Pode comentar sobre a história?

Roger Iglesias Berardo: Ovelha Cinza é um romance sobre a raiva, a raiva que sentimos em polarizações, controvérsias, situações, e o caramba a quatro. É a estória de vários indivíduos presos juntos em um reality show e sob enorme pressão por influência de eventos polarizantes, o que aflora o ódio em cada um deles. A raiva é explorada durante todo o livro, e o desenvolvimento dos personagens fala por si só.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo demorou para escrever o seu livro?

Roger Iglesias Berardo: Comecei este livro antes da pandemia, em 2019, e em um ano, quando o mundo já estava de cabeça pra baixo devido ao Corona Vírus, terminei o manuscrito em uma casa de praia em Alagoas. Não houve tanta pesquisa envolvida, fui mais com meu coração e discernimento próprio.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Roger Iglesias Berardo: “Nos ensinam tanto a virtude oposta da paciência, nos ensinam a função, nos ensinam a tolerância - Mas até quando teremos que ser pacientes e tolerantes?

Cólera é ruim, raiva não. Abrace sua raiva hoje, e lide com ela da melhor forma que conseguir. Ser absolutamente e exageradamente justo é também ter raiva em si - Por que ser justo só com o outro? Seja justo consigo mesmo e jamais se deixe tornar frustrado e amargo pela falta de uma reação”.

Conexão Literatura: Se você fosse escolher uma trilha sonora para o seu livro, qual seria?

Roger Iglesias Berardo: A resposta óbvia seria algo como “Ovelha Negra”, da Rita Lee, devido ao título, mas não – a ovelha é cinza, e não negra e nem branca. Acredito que

“Ideologia”, de Cazusa, e “Que País É Esse?” do Legião Urbana representam bem os aspectos sobre radicalismos e o tom político da obra.

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para acompanhar o lançamento do seu livro e saber um pouco mais sobre você, e o seu trabalho literário?

Roger Iglesias Berardo: Acredito que é uma obra para todo mundo, e uma estória que precisa ser contada – espero que os possíveis leitores acompanhem, pois tenho fé que é algo que vale a pena ser lido. No meu Instagram, @valiumhippy, e no meu website valiumhippy.com/, há muito sobre minha personalidade e meu trabalho. Como também na página da agência que administra esta obra, Casa Projetos Literários, os futuros leitores poderão acompanhar o ciclo de lançamento.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Roger Iglesias Berardo: Difícil dizer, mas nunca realmente fico parado. Por enquanto, meu foco é “Ovelha Cinza”, mas tenho um segundo romance em desenvolvimento e sou também pintor comercial, o que significa que pinto para produtos artesanais feitos por mim num estilo artístico que chamo de “Banana People”, que é arte em estilo surrealista, até meio amador, que retratam conteúdo adulto comédico.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Hannibal”, de Thomas Harris

Um (a) autor (a): Nelson Rodrigues

Um ator ou atriz: Deborah Secco

Um filme: “Boa Sorte”

Um dia especial: O dia em que terminei “Ovelha Cinza” no litoral alagoano e entrei no mar com a sensação de dever cumprido.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Roger Iglesias Berardo: Espero que este livro seja uma leitura agradável para o entretenimento e turbulenta para o pensamento, tudo ao mesmo tempo – uma experiência agridoce. Mas acima de tudo, espero que os possíveis leitores encontrem um significado próprio para com o que escrevi com esse romance.



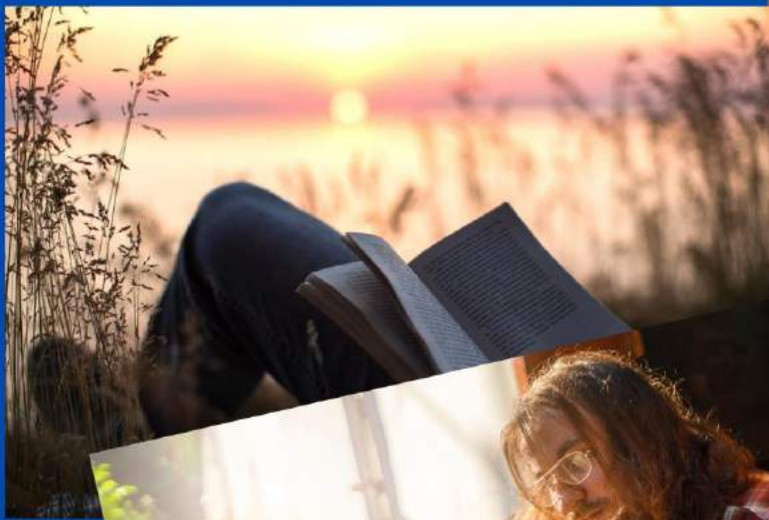
Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos apoiadores:

Roberto Schima - Mayanna Velame - Sandra Boveto
Ana Beatriz Silva Carvalho - José Luís Farias Pereira -
Flavio Henrique Marques Ferreira Lima

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

• • • • •
• • • • •

CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





ANTOINE DE SAINT- EXUPÉRY

O verdadeiro amor nunca se desgasta. Quanto mais se dá mais se tem.

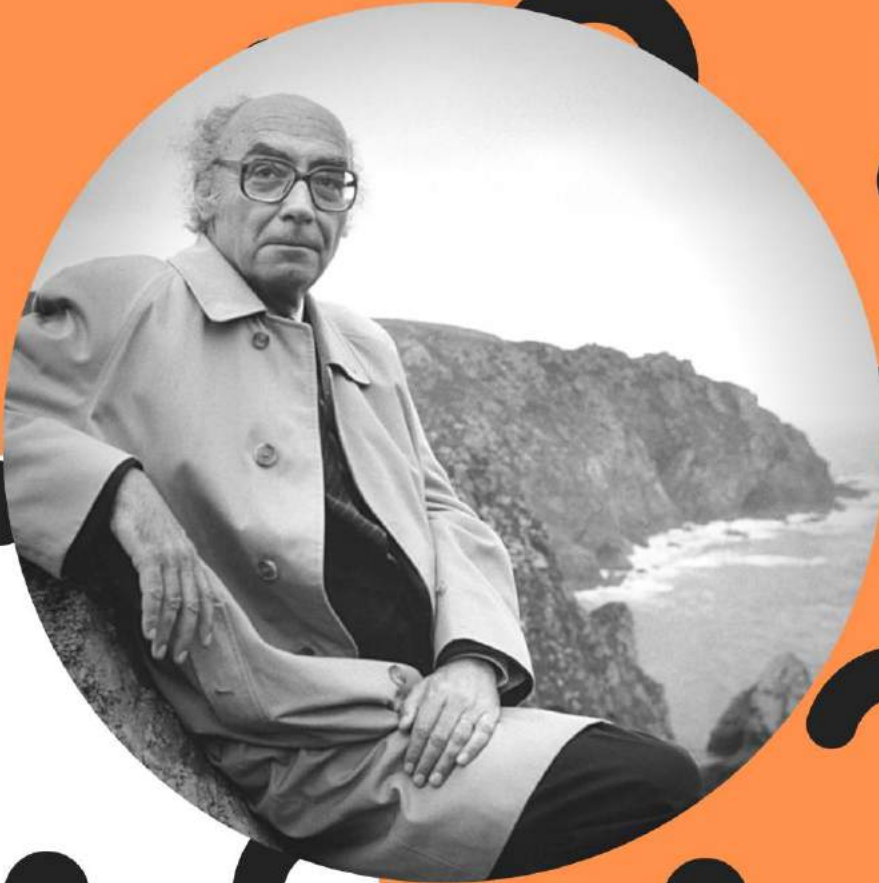
PAUL CLAUDEL

Os grandes escritores
nunca foram feitos para
se submeter à lei dos
gramáticos, mas para
imporem a sua.



JOSÉ SARAMAGO

Somos todos escritores,
só que alguns escrevem e
outros não.






REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

Acesse o nosso site e redes sociais e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

 @conexaoliteratura

 @revistaconexaoliteratura



www.revistaconexaoliteratura.com.br

incentivo à leitura



O flautista

CONTO

"Ele era um homem alegre, bom e festeiro. Vivia pelas ruas da cidadela a cantar suas canções e tinha como paixão sua flauta."

LILIAN FERRAZ

Conto

Ele era um homem alegre, bom e festeiro. Vivia pelas ruas da cidadela a cantar suas canções e tinha como paixão sua flauta. Tocava e encantava os moradores, trazendo sempre bons momentos nas notas doces de sua canção. Era simpático, inspirado e solidário, tinha uma alma graciosa. Sempre cantante era sua vida, aqui e acolá, perto do porto, adorava o mar. Eis que um dia, o homem de olhar terno e coração juvenil conheceu aquela mulher que por ali passava. Ela mantinha um silêncio na caminhada, vestia-se como uma antiga senhora e usava um véu azul claro que encobria parcialmente seu rosto, mas era possível ver que era bonita e, por isso, se fazia cortejada. Ele se viu encantado com bela figura feminina, a seguiu, perguntou seu nome e ela, calada, manteve a discrição e apenas lhe ofertou um olhar cheio de graça... o coração do homem se enamorou. No dia seguinte, ele cantou para ela uma canção harmoniosa que ela ouviu, mas fingiu que não; seguiu calada o seu caminho, e depois de um olhar pedinte dele, ela lhe devolveu um sorriso. Era o começo de tudo! Depois, várias vezes ele tentou a abordagem e ela mantinha sua postura reservada; para não se deixar vencer, ele tocava a flauta, canções suaves e doces para alegrar a caminhada da mulher de véu azul. Buscou saber dela, mas só sabia que nas cercanias vivia e trabalhava como cuidadora de uma anciã.

Assim, passaram-se os dias e meses, e o flautista sempre fazendo a corte para a misteriosa mulher de véu azul, e a cidadela sabia que aquilo era fruto de um coração juvenil e da mente sonhadora daquele flautista, já que a tal mulher era conhecida por ser avessa a relacionamentos e não dava chances para os pretendentes; comentava -se que ela tinha sido enganada por um certo aldeão, que depois do casamento marcado, se encantou por outra e fugiu no dia do enlace, ela tinha isto como um trauma. Pobre alma!

Um dia a cidadela acordou e na sua rotina de mercadores e passantes, a mulher de véu azul não passou e o flautista não apareceu, nem sinal deles. Depois, na hora em que o sol estava a pino, e que muitos comiam suas refeições; numa conversa corriqueira, alguém disse ter visto um barco que saiu do porto logo cedo, nele embarcara um casal saindo, meio escondido, entrando às pressas na embarcação. Depois das fofocas, não se falou mais no assunto, e nos dias seguintes, tudo voltou à rotina na cidadela, só que a flauta nunca mais se ouviu por lá, e depois de um tempo deixaram de especular. Longe, em alto mar, é possível um som harmonioso se ouvir, parece que numa ilha pequena e afastada, há indícios que o amor fez morada por lá.

Lilian Ferraz, 52 anos, formada em Psicologia e pós graduada em Gestão Pública, tem gosto por leituras e livros desde pequena, mas somente na idade adulta, despertou o interesse por escrever e publicar, virtualmente, seus escritos. Seu primeiro contato com o mundo da literatura digital foi no Recanto das Letras, onde escreve, cotidianamente, como Lia Fátima. Também participa das Casa dos Poetas e da Poesia e do Meu lado poético. Participou de algumas Antologias impressas e outras digitais dos mesmos sites citados. Mantém um Blog pessoal com seus escritos e notas, onde tem mais destaque a poesia, porém gosta e escreve contos infantis e outros estilos. <https://palavrasnotasevivencias.blogspot.com>.

CONTOS FANTÁSTICOS

UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E
IMPRESSO

saiba mais: clique aqui

incentivo à leitura



Zé do Rio

CONTO

"Do alto, depois de anos sem vê-lo, eis o grande rio à minha frente, dominando soberanamente a paisagem."

IRACI J. MARIN

Conto

Do alto, depois de anos sem vê-lo, eis o grande rio à minha frente, dominando soberanamente a paisagem. Vendo-o de longe, parece estático. Mas não, ele não para, ele cumpre seu rumo - lentamente, lentamente.

Cresci ao lado dele, foi quase uma companhia para mim. Sua continuada quietude contrastava com o tumulto de minha ansiedade de mudar e, um dia, eu mudei: fui para bem longe. Desisti de acompanhar suas cores, seus movimentos, sua graça. Busquei outros rumos, outro rio, em geral ombreando muitos desassossegos.

Diferente daquele caboclo ribeirinho que ainda vive ali, sossegadamente. Chama-se José. O sobrenome, desconhecido ou não lembrado. Era apenas o seu Zé, com morada na barranca do rio. Então ficou conhecido como o *Zé do rio*.

Ficava em apuros toda vez que chovia muito e o rio crescia de volume e atingia a pequena casa dele. Saía às pressas para mais distante, abria uma lona alaranjada sobre os galhos das árvores e ali se abrigava com a mulher e os três filhos pequenos, até passar aquela enchente. Houve uma vez que se obrigaram a sair do acampamento improvisado e ir para mais longe ainda; foi uma enchente muito grande, que perdurou dias e dias. *Zé do rio* via casas destroçadas, animais mortos, árvores e todo tipo de coisas sendo carregado pelas águas turvas e fortes do grande rio e se conformava com sua sorte.

Vivia da pesca, em parte. Lembro-me das vezes que ele chegava com peixes à vila – trocava na loja de secos e molhados de meu pai por farinha de trigo, sal, açúcar, outras coisas. Eram dourados e traíras pescados com linha e anzol, e cascudos, que ele fígava com um instrumento peculiar: na ponta de uma vara firme e forte, fixou uma espécie de arpão de ferro, com duas pontas. Procurava as tocas dos cascudos nos barrancos do rio e – záp! – fíncava com força o arpão dentro do buraco, fígando o peixe. Puxava-o para fora, sorrindo vitorioso.

Cultivava pequenas lavouras na encosta do morro que segue a barranca do rio: plantava mandioca e feijão, tinha um milharal, vários pés de abóboras, alguns animais e galinhas. Alguns pés de goiaba e de outras frutas completavam sua riqueza.

O rio lhe dava parte do sustento, a alegria do banho, a tranquilidade da paisagem. Servia para a esposa lavar as roupas da família. Mas era perigoso e traiçoeiro. Ninguém devia menosprezá-lo.

Seu *Zé* ainda mora ao lado do rio, mas numa construção nova, levantada mais distante da margem, onde as águas impiedosas das enchentes não o alcançam. Com dificuldade para se locomover, só consegue molhar os pés, as mãos, contemplar a superfície do rio - às vezes transparente e lisa, outras vezes turva e agitada.

Certa tarde, ao olhar da janela de sua casa, comentou para ninguém: “ O rio é igual a vida que a gente tem”.

Todos na região conhecem sua afeição pelo rio, a ponto de conversar com ele. Afirma que lhe responde e fala de suas profundezas, do brilho do sol que o ilumina, de perigos escondidos e de sonhos. Contempla com calma sua vastidão, calcula os seus segredos, a placidez e as loucuras de suas águas.

No arrastar da vida, absorveu sem perguntas os barulhos e os silêncios do amigo rio, assimilou seus ensinamentos mudos, alimentou nele os seus desejos e quer que ele o leve quando for a vez.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com)



A Folha de Papel

CONTO

"Cada componente, uma história. Cada história outras histórias, então existe alguém que tem uma estante gigante para deixar expandir e multiplicar histórias que a folha apresentou?"

MÔNICA PALACIOS

Conto

Cada componente, uma história. Cada história outras histórias, então há um alguém que tem uma estante gigante para deixar expandir e multiplicar histórias que a folha apresentou.?

Como diz o meu avô, vamos começar pelo princípio... Onde nasceu aquela mudinha que, depois de muitos anos, visitou o campo de alguém que comprou de outro alguém e assim, procurou a semente que alguém vende e conseguiu plantar uma nova muda para muitas novas experiências?

Quem fabrica os adubos que ajudam a semente que alguém plantou para crescer uma árvore frondosa e saudável na fazenda de alguém, onde algum passarinho inquieto fará seu ninho e mais de um caminhante descansará no seu pé?

Quem é dono ou quem herdou a editora que compra o papel ou que compra as árvores daquele rapaz que vocês já conhecem que plantou as sementes?

Mas, a história continua. Porque agora, precisamos saber quem é o rapaz, dono do caminhão que transporta as árvores para tratar a madeira e assim a editora produzir o papel para escrever a história

Nossa. A árvore ficou grande demais. Só assim consegue carregar tantas histórias.

Quem foi o ingenioso pintor de muitas cores que ainda brinca, em cada livro, auxilia ao ilustrador e consegue deixar tudo colorido?

Quem é a Senhorinha que levou a sua história para ser publicada?

Ficamos sabendo que essa Senhorinha nasceu em uma cidade diferente onde tem muito movimento, cidade industrial e suas histórias são urbanas, por isso, cheias de poluição e mesmo assim, cheias de encantamento. É uma cidade onde a gente imagina que o livro nasce em uma máquina, vá até a livraria, eles compram, ficam felizes e aguardam a chegada de novos livros.

Agora vocês estão entendendo como a folha que viramos e viramos de cada livro tem a sua história? Tenta descobrir essa ancestralidade das folhas para depois curtir ainda mais a história que ela permitiu imprimir.

Acredito que você conseguirá imaginar atalhos coloridos e novos na leitura do livro escolhido. Conseguirá descobrir o que guarda dentro de si cada folha, sentirá muita emoção e gratidão ante o virar de cada folha.

Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em IJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

incentivo à leitura

Mocotó

CONTO

"Valtenor, cognominado 'Fera do Asfalto'.
Havia maldade em seu semblante,
particularmente nos olhos cinzentos e lábios
apertados. Tinha quarenta anos de idade, a
maior parte dos quais passados em orfanatos,
reformatórios e prisões."

ROBERTO SCHIMA

Conto

Valtenor, cognominado "Fera do Asfalto".

Havia maldade em seu semblante, particularmente nos olhos cinzentos e lábios apertados. Tinha quarenta anos de idade, a maior parte dos quais passados em orfanatos, reformatórios e prisões. Era um tipo grandalhão, de poucas palavras, fala rouca e rosto inexpressivo. Diziam que só por se verem diante do homem, tremiam na base e entregavam seus pertences, os quais o bandido apanhava e fugia sem pressa por entre as ruas escuras. Caso houvesse reação, Valtenor faria sentir todo o peso de seus punhos de ex-boxeador ou da coronha de sua arma de tal forma que o infeliz se arrependeria e jamais esqueceria. Nessas ocasiões, suas faces, enfim, exibiriam uma fúria tremenda da qual fizera jus ao temível apelido:

Fera do Asfalto.

Mais que um rótulo.

Uma inspiração de medo.

Uma premonição de crueldade.

Se algo podia ser dito em relação ao mundo do crime era que extraía do indivíduo toda luz, calor, respeito, empatia, honra, bondade, sua humanidade enfim — caso um dia tais predicados tivessem existido, bem entendido. Tornava-se uma casca vazia, degradada e desgraçada, esgueirando-se pelos cantos, comportamento desconfiado, por mais que a ilusão de poder diante de uma vítima indefesa o vestisse em trajes de soberania.

Certa feita, um monumental circo viera do estrangeiro. Trouxera exímios artistas de todas as partes do mundo entre malabaristas, equilibristas, domadores, ilusionistas e atiradores de faca. Devido a uma hábil campanha publicitária, os ingressos — caríssimos — esgotaram-se em menos de uma hora.

Através dos meios de comunicação, em meio à enxurrada de irrelevâncias, Valtenor acompanhara as notícias sobre o futuro espetáculo. Na quietude de seu refúgio, planejava. Agora, lá estava ele nas dependências do circo, ousadamente disfarçado de palhaço, pronto a roubar toda a arrecadação.

Diante de sua pesada maquiagem, peruca e chapéu coloridos, roupas bufantes, sapatos enormes, luvas e um sorriso pintado no rosto, deixaram-no passar. Até gracejos fizeram. A figura do palhaço estava impregnada no imaginário das pessoas, remontava à infância, quando tudo era puro, bom, alegre e risonho. Trazia de volta recordações preciosas da criança que um dia cada um fora e que, a bem da verdade, persistia em existir não obstante as máculas do caminho.

Ao vê-lo se aproximar, os dois homens da segurança, em vez de fecharam o semblante e fazê-lo dar meia volta, baixaram a guarda e precipitaram um sorriso, a espera de algum trejeito hilário do palhaço. Em vez disso, o Fera do Asfalto sacou dois revólveres ocultos nas mangas de seu traje.

— Mãos ao alto! — gritou numa paródia de filme americano. — É um assalto!

Os adultos dentro dos guardas não tiveram tempo de fazer retroceder às crianças afloradas. Outrossim, acreditavam ser algum tipo de brincadeira, ainda que de gosto questionável. Foram prontamente rendidos e, sob dolorosas coronhadas, trancafiados no banheiro.

— Trouxas! Se é tão fácil, no Natal sairei de Papai Noel.

Após apanhar a maior parte da soma obtida pelos ingressos, Valtenor fugiu em um carro roubado. Porém, se o disfarce de palhaço ajudara a chegar ao dinheiro, transformou-o num anúncio luminoso por onde quer que guiasse. Rapidamente, foi localizado pela polícia a qual deu início à perseguição.

Veículos correram desembestados através do trânsito, efetuando manobras arriscadas em caligrafias de desastre. Ainda não era o horário do *rush*, contudo, a cidade jamais dormia e o tráfego nas vias principais não dava descanso.

A custo, Valtenor achou seu caminho através de uma região mais carente. Edifícios cederam lugar a casas modestas e, por fim, a favelas. Conseguiu se livrar do automóvel. Sua urgência era se desfazer da maquiagem e das roupas de palhaço. Os sapatos tampouco ajudavam, fazendo-o correr feito uma pata choca.

Então, o inesperado aconteceu.

Emergindo das redondezas, dos barracos, do outro lado da rua, de sob um viaduto próximo, dezenas de crianças e adolescentes — adultos até — cercaram-no cheios de risos e feições felizes.

— É o palhaço! É o palhaço! É o palhaço! — gritaram.

Não tremeram.

Não viram a maldade.

Não adivinharam a idade.

Tampouco a inexpressividade.

Nem notaram a fúria em seu rosto.

Deram as mãos e fizeram roda em torno do Fera do Asfalto, ignorantes — dentro de suas ingenuidades —, da natureza cruel a se ocultar sob os babados coloridos. Pois eis que, mesmo em meio à sordidez e a miséria, brotavam pétalas de inocência por mais que o mundo se esforçasse por corrompê-las.

O criminoso sentiu gana de esbofetear as crianças e arremessá-las para os lados feito um paquiderme ao romper uma paliçada. Foi quando uma menina se sobressaiu entre as outras crianças. Era um anjo de olhos grandes, tez amorenada e cabelos encaracolados. Suas roupas estavam sujas e rasgadas, mas havia uma aura tão imaculada ao redor dela que fez o gigante de olhos cinzentos hesitar. A menina trazia uma flor silvestre. Sorrindo, entregou-a ao palhaço. Para poder pegá-la, Valtenor precisou se abaixar. Nisso, a menina o abraçou e beijou na bochecha. As outras crianças pararam imediatamente e apertaram o círculo ao redor dos dois, rindo e matraqueando.

— É o palhaço! É o palhaço! É o palhaço!

A menina de olhos grandes, ainda agarrada ao marginal, indagou:

— Qual é o seu nome?

As outras crianças se aquietaram a fim de poder ouvir.

Jovens e adultos aguçaram igualmente seus ouvidos.

Pego de surpresa, Valtenor — o taciturno — falou a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Mocotó.

Todos riram diante do nome. Palhaços costumavam ter nomes engraçados ou diferentes: Arrelia, Pimentinha, Torresmo, Pururuca ou Piolin. E o nome Mocotó tinha tudo a ver.

— Mocotó! Mocotó! Mocotó!

O criminoso por sua vez, devolveu a pergunta:

— E qual o seu nome, menina?

— Sara, Mocotó.

Então, um homem muito idoso surgiu de um dos barracos e foi ter com o palhaço.

Valtenor se levantou, avaliou-o de alto a baixo, sentindo a frieza dos revólveres no interior das mangas. Pelo andar titubeante, sorriso no rosto enrugado e o corpo alquebrado do velhote, concluiu ser inofensivo. Contudo, sua pressa em sumir da favela persistia.

O velho estendeu-lhe a mão.

— Oh, que bom ver um colega circense! Conheci Arrelia e Piolin. Eles sonhavam em criar escolas para a formação de artistas de circo. Fui aprendiz deles. Ah, eles amavam as crianças e as crianças os amavam. Trouxeram alegria pra muita gente. Eu queria me juntar a trupe, porém, os tempos mudaram. Veio a televisão e as pessoas deixaram de ir ao circo. Os circos faliram um a um. Palhaços como Arrelia e Torresmo tentaram a sorte na TV. Divulgaram o circo, mas o circo tradicional estava condenado. As cidades cresceram. Não havia mais espaço para a grande lona e a magia. Arrelia se apresentou às crianças carentes e às crianças doentes. Tinha um coração maravilhoso e se compadecia pela sorte dos pequeninos. Seu lado humano entristecia-se às vezes, porém, o palhaço a quem dava vida não deixava de sorrir e de procurar alegrar meninos e meninas. Ah, meu amigo, se existem anjos no mundo além dos cães, eles se vestem de palhaço.

Fera do Asfalto não soube dizer por que não calou o velhote de imediato. Foi dominado pela fala mansa e gentil, pela bondade demonstrada tanto pelo idoso quanto pela menina da flor e os demais a sua volta. Nunca o haviam tratado assim, embora soubesse que tal afeição não se dirigia a ele, mas ao seu disfarce: o palhaço Mocotó. Um pensamento demente passou-lhe pela cabeça: em vez dos sacos de dinheiro que carregava, desejou que fossem sacos de doces para distribuir à garotada. Aquela doideira não continuaria para sempre. Ele não tinha nada para dizer, não sabia contar piadas ou dar cambalhotas. Eventualmente, uma criança perguntaria sobre os sacos. Tinha que correr dali.

A aparição dos dois policiais decidiu por si.

— Mãos ao alto! — berraram num eco tardio.

Atitude precipitada, impensada e estúpida, diante da multidão de miúdos a rodear o bandido. Tão despreparada quanto o físico fora de forma, panças infladas de batatas e salsichas. Disparariam suas armas em meio a toda aquela gente?

— Saiam da frente! — vociferou um deles.

Atônitas, as crianças não se moveram.

Valtenor se aproveitou da situação, apanhou os sacos de dinheiro e fez menção de fugir na direção oposta.

O policial, sem pensar, efetuou um disparo.

No mesmo instante, a menina da flor pôs-se a frente do gigante.

— Mocotó!

Era apenas um anjo incapaz de imaginar um palhaço — portador do riso, da alegria e da esperança — ser alvejado. Foi atingida e tombou.

Um bramido de revolta espalhou-se pela favela contra os homens da lei.

Teria sido o momento perfeito para a fuga do Fera do Asfalto, porém, o gesto da criança deixou-se sem ação. Em vez de correr, ajoelhou-se diante da menina.

— Sara!

Sequer percebeu quando os policiais, auxiliados por um oportuno reforço, dominaram-no. Rosto pressionado ao chão poeirento, manteve os olhos presos à criança o quanto pôde.

— Sara!

Na cela, não cansou de perguntar sobre a menina.

— Perdeu muito sangue — disseram. — Precisaré de transfusão, mas estão sem sangue.

Seu sangue era compatível ao dela e o ladrão implorou para que permitissem a doação.

As autoridades cederam, afinal, o escândalo de uma polícia despreparada, atirando contra crianças já dera pano para a manga o suficiente na imprensa. Se a menina viesse a falecer em razão da falta de colaboração, o mundo viria abaixo. Houve uma razão adicional também.

— Você viu a cara dele?

— O que é que tem?

— Não percebeu a mudança?

— Como assim?

— A gente conhece um marginal. Vê-se nos olhos: a frieza, a ruindade, o cinismo. É como um bicho acuado pronto pra atacar, sem se importar com ninguém. O Fera mudou. A fisionomia suavizou.

— O sujeito é safado. Tá fingindo. Fugirá na primeira oportunidade.

— Não creio. Tô dizendo, não é o mesmo. Não traz a nuvem negra. Voltou a ser humano.

— Já levei coronhada dele. Veja os pontos na cabeça. Prefiro confiar em meu revólver.

O Fera do Asfalto tinha mais um pedido a fazer:

— Quero ir vestido de palhaço.

No hospital, Mocotó se deitou em um leito ao lado do leito de Sara. Quase não coube, alto que era.

— Tão miúda — murmurou.

A transfusão teve início.

Ao perceber o palhaço ao seu lado, a criança de cabelos encaracolados sorriu.

— Mocotó!

— É. Sou eu.

— Veio mi vê?

— Vim, princesa.

— Agora, vô ficá boal!

Mocotó sorriu — sabe-se lá depois de quanto tempo — e se surpreendeu com isso.

De fato, Sara reagiu e deu sinal de melhora. Depois de conversar mais um tiquinho, adormeceu.

A enfermeira, apesar de apreensiva com a situação, aproximou-se do homenzarrão algemado à barra do leito e comentou:

— O senhor salvou a vida dela.

O palhaço Mocotó respondeu:

— Não. Foi ela quem salvou a minha.

Pouco antes de ser encaminhada de volta ao seu quarto, a menina de olhos grandes perguntou, ansiosa:

— Vamo si vê otra veiz?

— Espero que sim.

— Oba!

Enquanto Sara era levada, Mocotó virou o corpo para que a criança não visse a algema. Ela saiu no exato momento em que um policial entrou a fim de conduzi-lo de volta à prisão.

— Vamos, Valtenor.

— Mocotó — corrigiu.

Valtenor cumpriu a pena por seus crimes. Para surpresa de todos, foi um prisioneiro exemplar e, devido ao bom comportamento, seu tempo de cárcere foi reduzido.

Após ser libertado, caminhou até o local da favela e lá construiu seu barraco.

Apesar das privações, os habitantes ajudaram conforme puderam: tapumes, chapas de metal, talheres, pratos, vasilhames, um colchão velho e até um fogareiro.

Sara havia se recuperado e não o reconheceu sem a maquiagem, todavia, isso não durou, pois, pouco tempo depois, Mocotó renasceu das cinzas feito um passe de mágica.

O idoso alquebrado foi o primeiro a estender-lhe a mão.

— Bem-vindo, colega. Temos muito a conversar.

A molecada tornou a fazer coro de seu nome:

— Mocotó! Mocotó! Mocotó!

Sara correu a abraçá-lo.

— MOCOTÓÓÓ!

— Princesa!

Pois "princesa" era o que Sara significava.

Dessa forma, o Fera do Asfalto desapareceu.

Cedeu lugar ao desengonçado palhaço Mocotó.

Passou a visitar diversos hospitais de toda região.

Deu palestras, fez cambalhotas, contou sua história.

Em vez de temor, foi recebido com sorrisos por médicos, enfermeiras, balconistas, faxineiras e, principalmente, crianças as quais pretendia alegrar. Amou os miúdos e eles o amaram. Apresentou-se a crianças carentes e a crianças doentes. Compadecia-se pela sorte dos pequeninos. Seu lado humano entristecia-se às vezes, porém, o palhaço a quem dava vida não deixava de sorrir e de alegrar meninos e meninas. Levou uma vida inteira,

mas o coração de pedra, enfim, tornou-se maravilhoso; e, Mocotó, mais um anjo vestido de palhaço.



Roberto Schima é Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série Trevo Negro de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio O Monstro Invisível, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record), pela história Como a Neve de Maio. As histórias Abismo do Tempo e O Quinto Cavaleiro foram contempladas pela revista digital Conexão Literatura, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). Escrevi: Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Os Fantasmas de Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participei de mais de cento e setenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

incentivo à leitura



O Fazedor de Bonecos

CONTO

"Na velha cidade de Paraíso Thobias, há muito tempo atrás, havia uma antiga fábrica de madeira, hoje abandonada, seus enormes galpões eram como pavilhões ensombrecidos pelo tempo, largos e soberbos, esquecidos pelas mãos dos homens [...]"

NEY ALENCAR

Conto

Na velha cidade de Paraíso Thobias, há muito tempo atrás, havia uma antiga fábrica de madeira, hoje abandonada, seus enormes galpões eram como pavilhões ensombrecidos pelo tempo, largos e soberbos, esquecidos pelas mãos dos homens, estavam vazios a não ser por poucas pilhas de pranchas de madeira muito antiga, sobre a qual teimavam em nascer cogumelos e samambaias.

As torres de tijolos avermelhados de seus dois fornos de carvão estavam semiarruinadas e não mais vertiam a fumaça dos troncos mortos. Seus portões de ferro estavam fechados havia, encerrando em seu interior os mistérios da arte da escultura da madeira.

Em um terreno cheio de árvores frondosas e antigas, nas proximidades do muro norte desta antiga fábrica, numa casa pequena e bem simples de madeira avermelhada e janelas brancas, cercada de pinheiros e acácias, morava um senhor muito idoso chamado Nathanael Urânio, ele era um Fazedor de Bonecos.

Não um simples fazedor de bonecas de madeira ou de pano, destas que se encontram ainda hoje em dia nas feiras, mas era um Verdadeiro Fazedor de Bonecos, um da Arte verdadeira como já não se vê mais como antigamente.

Seus bonecos eram confeccionados com gesso e pano, madeira e laca, era considerado um escultor sem igual, em se tratando de rostos em gesso e laca, de tal maneira que vinha gente de muitas partes do país e até do exterior para encomendarem bonecos seus.

Fazia desde os Homens do Musgo e as famosas Matreshkas, ou Bonecos de Encaixe russos, os Pantins franceses, bonecos articulados de marionetes, os Bonecos de Artífices ou de Mascates de antigamente, os Bonecos de Cavilhas de Madeira alemães, os Bonecos de Louça e até os famosos e raros Bonecos de Teatro Kabuki.

Sua fama devia-se em parte à feitura esmerada de cada peça e ao acabamento superior com que empregava nas expressões do rosto e nos maneirismos das poses, mas também, e principalmente, devia-se à um fato inusitado: cada boneco tinha um nome e possuía uma história jamais repetida duas vezes. Cada um dos bonecos que o velho fazedor confeccionava tinha um nome e história únicos, como se fossem indivíduos vivos e possuíssem a arte mesmo de trazerem alegria e felicidade àqueles que os adquiriam.

Alguns eram príncipes e princesas de reinos distantes, outros heróis míticos de toda ordem e espécie, pequenos deuses de religiões pagãs com séquito reduzido de adoradores, personagens heróicos ou simples, alegres ou tristes, todos porém com uma singularidade, seus rostos de gesso refletiam uma luz, uma alegria e uma felicidade que jamais mestre algum ou outro fazedor de bonecos conseguiu igualar.

O tempo passara devagar para o velho Nathanael, ele era solitário e não possuía esposa ou outra alegria que não seus bonecos. Nunca procurara a fama, e desprezara a indústria rápida da confecção em massa de linha de montagem. Nunca quisera casar-se, nem procurara por tal, de sua família era o último, pois não possuía mais parentes vivos.

Por isso resolvera que cada boneco que fizesse seria como um filho seu, uma criação sua para alegrar seus dias, e para isto cada vez que iniciava a confecção de um

deles dava-lhe primeiro um nome e depois, à medida que o ia fazendo, contava uma história, que seria a história do boneco, e jamais contava duas histórias iguais.

Este modo diferente e maravilhoso de fazer bonecos logo chamou a atenção das pessoas e assim o velho Nathanael viu-se indesejavelmente famoso e muito procurado, mas ainda continuou solitário.

O dinheiro sucedeu a fama e a quietude e a tranqüilidade foram devidamente expurgadas pelos clientes pedantes e seus pedidos espalhafatosos.

Com os anos, decidiu que o dinheiro não lhe fazia bem, nem a fama, e abandonou-os e retornou à sua vida simples e pobre.

O tempo passou, e logo as décadas se aproximaram de um século.

Então, uma tarde de início de inverno veio-lhe a idéia de fazer um outro boneco, desta vez colocaria nele todo o seu talento e imaginação para confeccionar o seu melhor boneco.

Juntou os materiais em sua oficina, tomou do ébano e do mogno, do azevinho e do freixo, do carvalho e do marfim, para o corpo, separou a laca e os potes de tintas para a pele e o rosto, juntou os tecidos e a linha para a roupa, acendeu o fogo na lareira e colocando sobre a mesa de madeira escura uma grande xícara fumegante de chá de hortelã, começou a fazer o boneco:

— Seu nome será Cadfael. — disse o velho, e começou a contar a história.

Sua voz envelhecida contou sobre as águas distantes dos Oceanos de Sonhos e falou sobre as terras perdidas que jazem nas profundezas daqueles mares labirínticos, afinal sua voz ecoou por sobre um recife perdido nas imensidões daquele lugar onírico, uma terra de colinas verdes e altas montanhas.

E ele discorreu sobre um reino esquecido de todos, sobre pastores e ovelhas perdidas entre as serras nebulosas.

Príncipes vieram e se foram e reis lutaram por suas heranças mesquinhas...

Um castelo se ergueu e foi consumido em chamas de dragão.

Uma Princesa foi levada embora e outra foi deixada, esquecida e amargurada...

As árvores cresceram e se multiplicaram, as ervas daninhas invadiram o salão do rei e tomaram assento em seu trono.

O tempo passou, como um rio rápido, e veio um rapaz cheio de coragem, que lutou contra a sombra que se escondia dentro da montanha e libertou a Princesa da torre de cristal.

Alta subia a noite quando o velho Fazedor de Bonecos terminou sua obra prima.

O boneco o olhava com olhos foscos e azuis de contas de vidro de cima da grande mesa.

Ainda faltava alguma coisa pensou o velho Nathanael.

Era como se a este boneco faltasse a alegria e a jovialidade que havia colocado tão bem em suas outras obras, era como se ele estivesse triste e solitário e não pudesse transmitir senão melancolia àqueles que o olhassem.

O velho Nathanael ressentiu-se de ter trabalhado com tanto afinco e colocado tanta imaginação e força suas naquele boneco que se revelara a menor das suas obras.

Talvez se dormisse um pouco atinasse com o que poderia fazer para dar vida àquele boneco.

Estava cansado e o sono toldava-lhe os pensamentos, seus olhos estavam pesados e os braços e mãos estavam amortecidos de tanto trabalho. A noite estava muito fria.

Deitou o boneco sobre a mesa, apagou o grande lampião e deitou-se em sua cama de descanso, à um canto mais escuro do aposento.

Adormeceu finalmente e mergulhou em um sono sem sonhos.

Na noite lá fora, a Lua despontou por entre as nuvens e sua luz fez crescerem as grandes sombras dentro do quarto pequenino.

Na parede oeste delineou-se uma sombra alta e larga com grandes asas luminescentes e alvas, ela aproximou-se devagar da cama do velho Fazedor de Bonecos e, abaixando-se, beijou-lhe a fronte.

Depois encaminhou-se para a janela e subiu pela alta escadaria dos raios do luar.

Na cama o velho fazedor de bonecos respirou profundamente um último alento.

Sobre a sua mesa de trabalho, inundada pela luz branca da sombra pura, mãos de madeira avermelhada moveram-se pela primeira vez, e dedos de madeira tocaram aquele ardor argênteo.

Olhos vivos de azuis contas de vidro abriram-se sob pálpebras de laca.

E aquele que era o boneco chamado Cadfael levantou-se sobre suas pernas de pau e seus sapatos de marfim e couro e olhou por sobre o horizonte da mesa que abria-se à sua frente... e além, lá no canto mais escuro daquele quarto, viu o velho corpo do fazedor de bonecos que jazia deitado, repousando afinal.

Seus olhos viram a grande sombra cintilante envolta em luz e luar e seus lábios de laca formularam um silencioso agradecimento, depois, caminhando em silêncio como se para não acordar o velho corpo que já dormia, o boneco vivo desceu de sobre a mesa e encaminhou-se para a lareira apagada, cujas cinzas já não continham mais nenhum fogo vivo.

Lá chegando tomou de um pequeno trinco de metal enferrujado que jazia esquecido em um dos lados da parede e movendo-o abriu uma pequena porta mágica.

Lá de fora soprou-lhe sobre a face de madeira um hálito morno de vento de verão, e pôde ouvir muitos pássaros cantando cantigas de coisas já passadas e sentiu na pele, que agora já quase não se parecia mais com madeira vermelha mas sim com pele viva, uma quentura gostosa como o sol de tardes de infância a lhe chamar de outro tempo.

E além do umbral viu uma terra de colinas verdejantes, onde um caminho ladeado de flores cruzava um portão de madeira dourada e descia para um outro vale mais além.

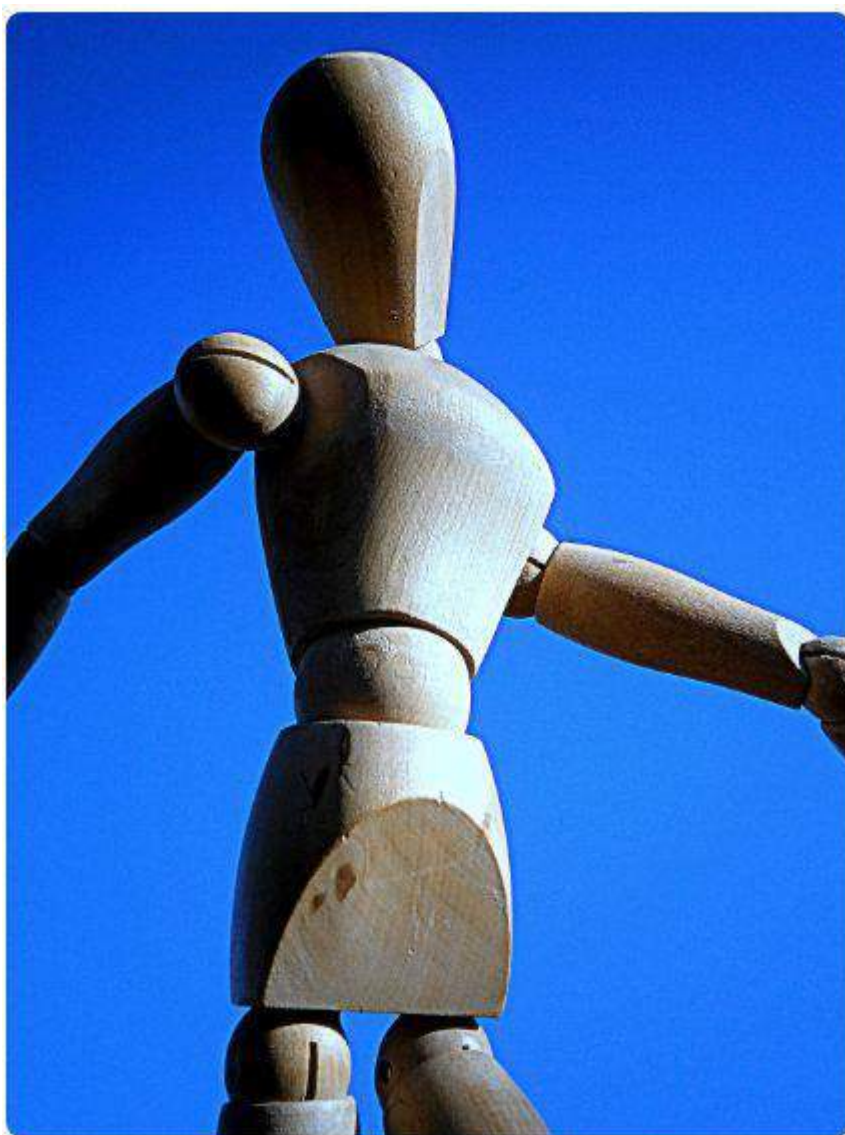
Para além do portão outros vultos o chamavam, e reconheceu a bela princesa que o esperava ansiosamente, o amigo fiel que o havia acompanhado em sua jornada e a fada que o aconselhara.

Seu coração exultou de alegria e uma exclamação de prazer profundo nasceu-lhe nos lábios carmesins.

Então, como se uma enorme carga lhe fosse retirada do coração, aquele que já não era mais um boneco, cujo nome era Cadfael, voltou-se uma vez mais para olhar o quarto onde nascera e dando adeus ao seu velho corpo que dormia naquele canto mais escuro, continuou em frente, cruzando a porta mágica e correndo por entre o capinzal passou pelo portão de madeira dourada e sumiu pelo caminho ensolarado que conduz ao vale.

Atrás de si um vento forte soprou do outro lado do quarto, por uma janela entreaberta, trazendo o sopro frio do inverno que se aproximava, e fechando a pequena porta mágica.

Quando a lua se pôs no oeste a Velha Noite desceu com suas asas negras e manto sombrio em um carro puxado por quatro corcéis alados imortais, acompanhada das Horas e de rebanhos de ovelhas negras e beijou a fronte envelhecida de seu amante. Seu vulto partiu no ciciar dos seus sete vestidos negros de cetim semeados de estrelas brancas e fechou a janela atrás de si.



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 150 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.



Quando os Deuses Riem

CONTO

"O palco do velho teatro estava aberto, as cortinas jogadas para o lado. Uma silhueta esguia com rosto branco, vestida com um quimono, um arco e setas e trazendo um leque na mão entrou devagar [...]"

NEY ALENCAR

“Dez mil folhas caem,
O Tempo passa,
A árvore floresce.”

Kado Kojiki

O palco do velho teatro estava aberto, as cortinas jogadas para o lado. Uma silhueta esguia com rosto branco, vestida com um quimono, um arco e setas e trazendo um leque na mão entrou devagar. Do lado de fora a chuva começou forte e um trovão espocou. Outra silhueta veio, masculina, com rosto branco, vestido como um samurai, com uma espada desembainhada e um crisântemo branco na mão.

— Por que você me seguiu até aqui, irmão? — perguntou a primeira.

— Ó mais Radiante e querida irmã, não pretendia assustá-la, mas apenas queria ver como se diverte as noites de sexta-feira. — respondeu a segunda, a voz retinindo no ar.

— Ainda me lembro bem de nossa última briga. Como posso saber que está dizendo a verdade?

— Quero que saiba que estou arrependido, digo que vou me comportar e nada farei para perturbá-la. — afastou-se um pouco e olhou ao redor — O que é este lugar? Não é um templo, não tem imagens, é apenas uma casa vazia.

— Não é uma casa vazia, é um teatro. — respondeu a primeira quase num sussurro.

— Como os antigos teatros de Kabuki?

— Mais ou menos, agora fique quieto e preste atenção. Os atores chegaram!

— Eu gosto de teatros de Kabuki, qual é a história desta noite? Onde estão os atores?

— Já devem estar chegando, fique quieto senão não poderemos ouvi-los.

As duas silhuetas afastaram-se para as sombras do fundo do palco quando a porta lateral se abriu e três atores entraram, vestiam roupas comuns e traziam bolsas e mochilas.

— Vamos nos arrumar logo que os outros estão chegando, temos muito a ensaiar hoje. — disse o primeiro deles, chamado Kato.

— Será que Sato já escolheu a peça que vamos ensaiar? — perguntou a segunda, Aori.

— Ah, ele estava dividido entre duas a última vez que o vi, não sabia qual escolher. — respondeu o terceiro deles, chamado Azuki.

— Será que são muito compridas? Da última vez ele queria que encenássemos A Jornada para o Leste em duas horas, assim é impossível. — reclamou a segunda.

— Ele é o Diretor, nós somos apenas os atores, portanto devemos nos resignar aos nossos papéis secundários. — disse Kado levantando e baixando os ombros.

— Não seja sarcástico Kado, ele faz o melhor que pode. — defendeu Azuki.

— Você está sempre defendendo o Sato, nem parece que é minha namorada. — falou Kado tentando tocar o cabelo de Azuki que fugiu do carinho.

— Porque você às vezes é muito cruel com ele, ele não merece isso. — respondeu Aori.

— Muita gente não merece muita coisa e mesmo assim... ah deixa pra lá. — Kado foi para um canto emburrado.

No fundo do palco A segunda silhueta olhou para a primeira sem compreender.

— É isto que você chama de teatro, irmã? Não estou gostando da peça nem dos atores. — resmungou a segunda silhueta franzindo as sobrancelhas grossas.

— Não seja sarcástico você também, eles ainda não começaram a ensaiar e sabe bem disso.

— A julgar pelo que ouvi e se o resto for assim, será a pior Sexta feira dos últimos séculos.

— Não seja ranzinza, preste atenção e logo vai entender tudo. — pediu a primeira silhueta.

— Claro... Claro. — concordou a segunda, fazendo um gesto de abano com as mãos.

Pela porta entreaberta entraram outros dois atores, uma delas carregando um monte de coisas, chamada Umiori, e o outro trazendo apenas um script nas mãos finas e delicadas.

— Que bom que chegaram cedo, temos muito trabalho à fazer. Onde está Suzano? — perguntou o ator recém chegado, chamado Sato.

A segunda silhueta olhou para a primeira espantado, depois ficou bem em frente à Sato e falou:

— Estou aqui, homem. O que deseja comigo? — sua voz soou como um trovão distante.

Sato passou por ele como se não o visse e ficou na frente de Kado.

— Onde está Suzano? Ele já devia ter chegado? — perguntou Sato, a voz traía sua irritação.

— Pergunte à Aori, ela é que falou com ele de tarde. — respondeu Sato também irritado.

— Aori cadê o Suzano?

— Ele me disse que chegaria um pouco atrasado hoje, tinha teste e não podia faltar.

— Mas ele sabia que era hoje que iríamos começar os ensaios. Já basta o Kaio que não vai poder vir hoje.

— Por falar nisso... já escolheu a peça? — perguntou Azuki curioso.

— Já. Vai ser “Quando os Deuses Riem”. — respondeu Sato com um sorriso enigmático.

— Você gosta de escolher peças difíceis, hein? — reclamou Azuki torcendo a boca.

— Não é uma peça difícil, é uma peça com uma história dentro da história, e é muito criativa. — explicou Sato em um tom sério.

— Já escolheu os papéis? — perguntou Kado com certo desdém na voz.

— Sim. — respondeu Sato — Azuki será Amaterasu e Suzano será Suzano-O, eu serei o Diretor e Kado... será o Personagem que faz o papel do Suzano.

— Claro, quem mais poderia ser o Kado? — o desdém era palpável na voz de Kado.

— Se você não gosta da distribuição dos papéis então porque veio? — perguntou Sato em tom de acusação.

— Esqueça o que Kado disse. Como é a peça? Não conheço a história. — perguntou Aori.

— Vou fazer um resumo rápido. — Sato pegou o script, os outros sentaram-se ao seu redor, as duas silhuetas colocaram-se um de cada lado de Sato.

— Vou explicar do começo para que entendam tudo direitinho. Suzano-O e Amaterasu são irmãos, raramente concordam em qualquer coisa e não toleram a presença um do outro por muito tempo, mas mesmo com todas estas diferenças existe um forte elo entre os dois que os reúne de tempos em tempos. A história começa quando Suzano-O segue sua irmã Amaterasu até um teatro antigo, onde ela ia todas as noites de sexta feira, ver um pequeno grupo ensaiar uma peça. Ele diz que quer apenas saber como ela se diverte. Ela não acredita nele, pois conhece bem seu gênio. Ele propõe então que ela lhe mostre e explique o que aqueles mortais fazem e porque ela se diverte tanto na companhia deles e se ele afinal gostar não mais a importunará.

A segunda silhueta olhou espantado para a primeira que sorriu. Sato continuou.

— Amaterasu aceita a proposta do irmão e quando chegam os atores ela começa a explicar a ele o sentido de tudo. Eles estão ensaiando a apresentação da peça “Quando os Deuses Riem”, onde a deusa Amaterasu e o deus Suzano-O visitam um velho teatro e assistem o ensaio de uma peça com o mesmo nome.

A segunda silhueta olhou cada vez mais espantado de Sato para a primeira silhueta, que apenas sorriu.

— A peça é como o reflexo de um espelho dentro de outro espelho em uma sucessão de peças idênticas sempre recorrentes. No meio da peça Suzano-O se irrita e faz desabar um temporal que assusta os atores e afugenta-os. No fim resta apenas Amaterasu. — concluiu Sato com um sorriso.

A segunda silhueta falou quase num sussurro para a primeira.

— Como é possível que ele saiba tudo isso? Deve ser um feiticeiro de poderes incríveis...

— Ele é apenas o Diretor da peça, foi o escritor que viu tudo isso. — respondeu a primeira silhueta, o som de sua voz era como o vento correndo pelo telhado.

— Mas como pode escrever com tanta precisão? Como pode saber quando vou ficar irritado?

— Ora, não é preciso muita sagacidade para saber isso.

— Ei, você é que está começando, eu não fiz nada. — a voz da segunda silhueta soou como o ribombar de um trovão mais perto.

A primeira silhueta colocou o dedo nos lábios pedindo silêncio!

— Não é tão difícil como parece à primeira vista. Ensaiei junto para mostrar como é. — falou Sato levantando-se.

Os atores levantam-se e começam a arrumar o cenário. Umiori começou a fazer a maquiagem no rosto de Azuki. A primeira silhueta a observava de perto, sorrindo, entretida com a brincadeira. Kado colocou uma máscara branca sobre o rosto e ajustou

uma espada de madeira na cintura, faz alguns trejeitos. Suzano-O o observava de perto, franzindo as sobrancelhas, cada vez mais sem entender.

— Este aqui vai representar minha pessoa? — perguntou para a primeira silhueta.

— Não. Ele vai representar um ator que vai estar representando você.

— Como? — a dúvida em sua voz soou como um trovão bem perto.

— Não tente entender, apenas assista. — sorriu a primeira silhueta.

A segunda silhueta sentou-se perto de Kado e ficou olhando para ele com o rosto fechado.

Umiori focalizou facho de luz em cada um dos personagens, menos as duas silhuetas. A porta lateral se abriu e entrou Suzano. Ele estava vestido com roupas normais, mas com um ar afetado e a luz ao seu redor brilhou mais forte.

— Finalmente chegou, hein Suzano? Já era hora. Estávamos começando sem você. — falou Sato olhando bem sério para o ator.

— Sem mim? Duvido! — riu Suzano.

— Ei, não duvide tanto assim, posso muito bem representar dois Suzanos. — falou Kado do fundo do palco.

— Não acredito que você tivesse talento para tanto. — disse Suzano jocosamente.

Kado olhou furioso para Suzano. A segunda silhueta se levantou abrindo um sorriso.

— Não duvide do meu talento. — retrucou Kado zangado — Posso ser bem melhor do que você se quiser.

— Não estou duvidando de uma coisa que você não tem. — retrucou Suzano.

— Que foi? Está enciumado só porque também estou na mesma peça? Achou que ela seria somente sua, é? — Kado veio até a frente de Suzano com um rompante de raiva.

— Se eu quisesse uma peça só minha teria pedido um monólogo!

Azuki colocou-se entre os dois, apartando uma possível briga.

— Chega de discussão. — interrompeu Sato — Cada um tem o papel que merece. Vamos começar a ensaiar logo.

Cada um foi para um canto e Umiori começou a fazer a maquiagem no rosto de Suzano.

Suzano e Azuki entraram no palco e começaram a parafrasear as duas silhuetas quando estas chegaram ao velho teatro.

A primeira e a segunda silhuetas aproximaram-se, cada um daquele que o representava, e fazendo lentos movimentos com os braços começaram a fazer com que os atores se movessem da mesma forma que eles, seus lábios repetiam cada palavra.

— Por que você me seguiu até aqui, irmão? — disse Azuki, repetindo a primeira silhueta.

— Ó mais Radiante e querida irmã, não pretendia assustá-la, mas apenas queria ver como se diverte as noites de Sexta-feira. — disse Suzano repetindo a segunda silhueta.

— Ainda me lembro bem de nossa última briga. Como posso saber que está dizendo a verdade?

— Quero que saiba que estou arrependido, digo que vou me comportar e nada farei para perturbá-la. — Suzano afastou-se um pouco e olhou ao redor.

— Não! Não! Não! — Sato interrompeu — Você tem que ser mais realista Suzano, não parece que está personificando o deus das tempestades, você deve parecer mau, terrível, inflexível. Vamos repetir a cena.

Enquanto Suzano e Azuki repetiam a cena, as duas silhuetas foram para perto da plateia e a segunda silhueta perguntou:

— Minha irmã, será que eu sou mau e terrível? Ou inflexível?

— Ele não estava falando com você, estava falando com o ator.

— Mas eu estava controlando os movimentos do rapaz, assim como você controlava os movimentos e palavras daquela outra...

— Sim, eu sei, mas ele ainda não compreende a amplitude dos movimentos celestes.

— Ele não compreende amplitude nenhuma, estou quase concordando com aquele outro, ele realmente é muito afetado.

Os dois retornaram para perto de Azuki e Suzano e finalizaram a cena.

Os outros quatro atores entraram e Suzano e Azuki e as duas silhuetas afastaram-se para o fundo do palco.

Quando chegou a parte em que o Diretor chamou o ator com nome de Suzano, que era Kado, e Suzano colocou-se na sua frente, seguido pela segunda silhueta, Sato gritou:

— Pára. — voltou-se para Suzano — Você tem que fazer a coisa com mais emoção, Suzano, mais emoção. Você parece um zumbi.

A segunda silhueta abaixou as mãos e os braços de Suzano descaíram ao longo do corpo. Ele olhou para a primeira desconsolado.

— Ele só pode estar brincando. Me chamou de zumbi.

— Ele não chamou você de zumbi, chamou o ator que representa você. — disse a primeira silhueta largando Azuki.

— Mas era eu que estava atuando naquele momento...

— Mas ele não sabe disso, irmão.

— Ele deve saber. — disse a segunda silhueta muito zangada — Como é que um diretor de teatro não vai saber a diferença de um ator principiante e do grande Suzano-O?

— Porque ele é um diretor principiante também, e ainda não sabe diferenciar o bom do medíocre. — retrucou a primeira silhueta calmamente.

— É, talvez você tenha razão.

Os atores começaram a interpretar a si mesmos, as falas foram todas trocadas.

— Vamos nos arrumar logo que os outros estão chegando, temos muito a ensaiar hoje. — disse Aori.

— Será que o Diretor já escolheu a peça que vamos ensaiar? — respondeu Umiuki.

— Ah, ele estava dividido entre duas a última vez que o vi ontem, não sabia qual escolher.

— Será que são muito compridas? Da última vez ele queria que encenássemos A Jornada para o Leste em duas horas, assim é impossível. — disse Umiuki.

— Ele é o Diretor, nós somos apenas os atores, portanto devemos nos resignar aos nossos papéis secundários. — respondeu Aori.

— Não seja sarcástico, ele faz o melhor que pode. — respondeu Umiuki.

— Você está sempre defendendo o diretor, nem parece que é minha namorada. — disse Aori.

— Porque você às vezes é muito cruel com ele, ele não merece isso.

— Muita gente não merece muita coisa e mesmo assim.... ah deixa pra lá. — Aori foi para um canto emburrada.

— Assim, não Aori, você tem que colocar a alma na interpretação precisa fazer a plateia sentir a sua emoção. — Sato interrompeu novamente.

Suzano olhou para Azuki sem compreender.

— Você ouviu bem? — falou Suzano, a voz tremeu um pouco.

— Sim, ouvi. — respondeu Aori também com a voz tremendo.

— Foram as mesmas palavras que falamos quando chegamos aqui, ainda agora mesmo.

— É, deve ser alguma brincadeira do Sato. — retorquiu Aori.

— Não, ele é muito sério nessas coisas, não ia brincar assim. — confirmou Suzano.

— Então o que é que está acontecendo? — perguntou ela sem entender.

— Não sei. — respondeu Suzano ainda atônito.

Eles se aproximaram de Sato.

— Ei Sato, essa peça que você trouxe é nova? — Suzano perguntou.

— Não, pra dizer a verdade é muito antiga, foi escrita por um poeta do Período Edo. Deve ter bem uns quatrocentos anos! Encontrei por acaso.

— Porque as palavras que eles acabaram de dizer... — começou Aori.

— Foram as mesmas que dissemos quando chegamos aqui hoje. — completou Suzano.

— Como? — perguntou Sato sem entender.

— É, isso mesmo. Quando chegamos aqui tivemos uma conversa igualzinha a esta aí que eles acabaram de falar.

— Impossível. Vocês devem estar de brincadeira. — riu Sato.

— Não. É verdade, não é Aori? — perguntou Azuki olhando para a outra.

— É sim, por isso achei as palavras estranhas quando falamos. Já havíamos dito todas elas antes.

— E vocês disseram todas aquelas coisas de mim? — Sato perguntou com a voz tremendo.

— Bem... — Kado virou os olhos para o lado.

— Nós... — Azuki ficou sem fala.

— Tudo bem, entendo como devem se sentir, mas agora temos uma peça a ensaiar. Paramos na parte que os atores chegam no velho teatro. — disse Sato já numa voz calma.

Eles continuaram a ensaiar o final da segunda cena.

Sato entrou sozinho, vestido de diretor carregando um monte de coisas e trazendo um script nas mãos.

— Que bom que chegaram cedo, temos muito trabalho à fazer. Onde está Suzano? — Ao falar estas palavras ele para e fica em silêncio como se escutasse alguma coisa que só ele pudesse ouvir. — Realmente. Esta peça é muito estranha. Foram as mesmas palavras que disse quando entrei aqui hoje.

— Está vendo? Tudo isso é muito estranho. — disse Suzano com um olhar esquisito.

— É como se estivéssemos presos em algum plano paralelo, onde nós representamos nós mesmos e aqueles que nos representam somos nós também. — falou Azuki.

A segunda silhueta olhou espantado para a primeira.

— Está vendo, irmã? Até eles já estão desconfiados do que está acontecendo.

— Não existe nenhum motivo para ficarem desconfiados.

— Como não? É tudo uma brincadeira sua então?

— Não, meu irmão. Eu também participo da peça.

Antes que a segunda silhueta possa falar mais alguma coisa, Sato começa a falar.

— Vamos continuar com a peça, já perdemos tempo demais. Entre logo Kado.

A porta se abre e entra Kado interpretando Suzano.

— Finalmente chegou, hein Suzano? Já era hora. Estávamos quase começando sem você.

— Sem mim? Duvido! — falou Kado com um timbre diferente na voz.

— Ei, não duvide tanto assim, posso muito bem representar dois Suzanos. — disse Aori.

— Não acredito que você tivesse talento para tanto. — falou Kado sarcasticamente.

Aori olha furiosa para Kado. A segunda silhueta levantou-se abrindo um sorriso.

— Vai começar de novo. — e sua voz soou como um trovão próxima dali.

— Não duvide do meu talento. — disse uma Aori zangada representando Kado — Posso ser bem melhor do que você se quiser.

— Não estou duvidando de uma coisa que você não tem. — retrucou Kado representando Suzano.

— Que foi? Está enciumado só porque também estou na mesma peça? Achou que ela seria somente sua, é?

— Se eu quisesse uma peça só minha teria pedido um monólogo.

Umiuki colocou-se entre os dois, apartando uma possível briga.

— Chega de discussão. Cada um tem o papel que merece. Vamos começar a ensaiar logo. — disse Sato, para logo em seguida parar no meio da encenação — Que coisa estranha, parece um Deja Vu, e parece que é um daqueles bem fortes.

— Que nada, é apenas a peça e nada mais. — disse Kado rindo.

— Ei seu poeta fingido, essa fala é minha. — interrompeu Suzano.

— Sua não que eu inventei agora. — rebateu Kado.

— Duvido, você vive com inveja de mim somente porque sou um bom ator.

— Inveja, ora vá se olhar no espelho, Suzano, porque eu teria inveja de você?

— Porque além de ser um bom ator, eu sou o líder do grupo de teatro também.

— Ah, não. Vai começar agora com esse assunto? — interrompeu Aori zangada.

— Que assunto? Estou apenas falando a verdade. — disse Suzano.

— Que tipo de verdade é essa, então? Não é uma verdade para mim. — rebateu Suzano.

— Chega de discussões. Já basta a peça ter dois Suzanos, agora vocês querem fazer ela ter dois KADOS? — gritou Sato dando um basta.

— Como é que é? — perguntou Suzano sem entender.

— Não é nada, Suzano. Vamos começar o ensaio de novo que até agora não conseguimos nem um ato inteiro.

Neste momento a segunda silhueta ficou desesperado com a perspectiva de recomeçar tudo e deu um berro que assustou a todos. Trovões e relâmpagos soaram alto pelo palco, as luzes se acenderam e apagaram como relâmpagos e os seis atores juntaram as coisas e saíram correndo pela porta assustados.

A segunda silhueta levantou o crisântemo alto, luzes vermelhas e azuis se focalizaram na flor e piscaram intensamente, ele abaixou a flor e saiu fazendo uma cara de furioso.

— Está foi a última vez que você conseguiu me convencer a fazer uma coisa que você queria Amaterasu. Dá próxima vez não será tão fácil assim!

— Mas ainda será fácil, meu irmão Suzano-O! — disse a primeira silhueta bem baixinho.

No fim restou apenas a primeira silhueta no meio do palco, sobre ela uma luz branca pairava, como o luar prateado que descia de um céu imaginário, ela sorriu e sussurrou, em uma voz que parecia o trepidar da chuva sobre as lajotas do lado de fora do teatro.

— Afinal tudo é apenas uma peça!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 150 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

incentivo à leitura

A geografia do planeta

CONTO

"Escolheu tirar o final de semana pra descansar, mas a família tinha outros planos, programara encher a barrica, no rodízio de pizza, no Shopping."

IDICAMPOS

350.8
km
15304

x1000/l

120
°C

Conto

E escolheu tirar o final de semana pra descansar, mas a família tinha outros planos, programara encher a barrica, no rodízio de pizza, no Shopping. Vencido pela democracia da maioria retirou o carro da garagem, deixou no retrovisor a praça vazia, repleta de bancos de concreto.

Na altura do caminho, entre o início e o fim da viagem, a família foi fechada por um sedan, com uns quatro caras problemáticos dentro. O pai, ao volante, continuou na pista, porém a viagem terminou metros à frente, com a truculência dos caras do automóvel de quatro portas.

Chegaram de arma em punho, obrigando os passageiros a desocuparem o veículo. Um dos ladrões, encapuçados, deu três tapinhas nas costas do professor de geografia, forjando uma intimidade estranha...

Após o assalto, refugiaram-se no Posto de gasolina, repletos de medo, na beira da Dutra, sem um puto no bolso, pois a carteira ficara no painel.

A família resolveu andar até a residência... Em casa, reuniram os documentos, registraram queixa na Delegacia de Polícia Civil.

A Brasília vermelha, 1980, motor 1600 — sem seguro — era parte do lar; levava os noivos ao altar, acompanhara o nascimento da filha única do casal, transportava o grupo pra passear, representava a mobilidade do clã. Estava naquele endereço, fazia muito tempo...

O sentimento de perda trouxe tristeza, entretanto, a vida continua... O professor leciona as aulas, a adolescente vai ao Funk, a mãe permanece advogando, o cachorro manteve o hábito de cagar na sala. Tudo corria normalmente...

Passaram uns quinze dias, o Sol rachava o asfalto, as coisas aumentavam de preço, o povo cada vez mais pobre, os políticos sempre roubando; a sociedade sujeita ao lugar comum. Ninguém aguardava nenhuma novidade, quanto mais dar de cara com a Brasília vermelha, estacionada, no portão da vila!

A exclamação do sábado vinha com a chave na ignição, surpreendendo os atores do episódio. Rapidinho, coisa de carioca, os sortudos organizaram uma festa de pobre, regada a cerveja barata e salgadinho de farinha de trigo.

O educador acreditava no bom coração, defendia a evolução da humanidade, com unhas e dentes... Ele dizia — em voz alta — ter sido retratação, os marginais assimilaram a consciência de classe, o amor ao próximo!

Verificaram o interior da Brasília, até os livros, caríssimos, permaneciam intactos, um verdadeiro milagre! Agora, um choque eletrocutou a alma, na hora da abertura da mala, porque sobre o estepe encontraram um envelope.

Escondida, no papel pardo, repousava uma carta endereçada ao proprietário. Depois de varias considerações... O portador de uma caligrafia horrível, o assaltante, escrevia as experiências dele como aprendiz daquele profissional de educação...

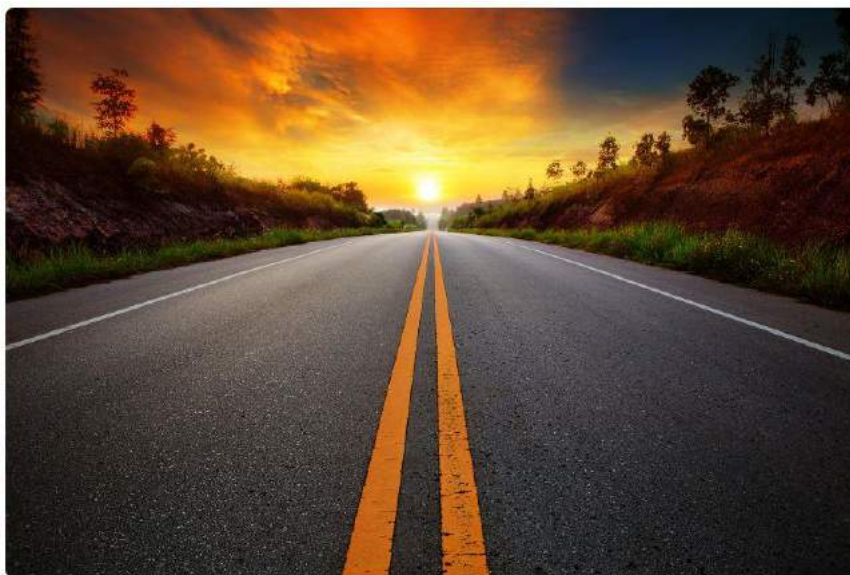
O estudante do ensino médio, cooptado pelo crime, possuía uma trajetória de aluno, junto ao geógrafo. Confessava, por escrito, cabular as aulas, jogar bolinha de papel no momento da explicação, pichar a escola; sobre tudo, negligenciar os conselhos do mestre...

Terminou a redação, teimando com os estudiosos, em oposição à ciência, que a terra era plana. Por pensar assim, insistia o meliante, temia a observação do professor, o julgamento do intelectual, pois de qualquer ponto do planeta poderia ser observado.

No fundo da embalagem, havia um presente, três convites do show de Rock, na Arena da Praia, às 21h. A garota pulou de alegria, o professor preferiu ficar lendo, recolhido no domicílio, contudo o gesto de paz, dos marginais, merecia comemoração. A figura paterna cedeu à escolha dos parentes, foi dançar...

Vestiram os trajes pra ocasião, foram de ônibus, pra balada. O ritmo traria ares de revolução. O estilo tocava o espírito da juventude, o sábado prometia...

No retorno, a história degringolou, a casa estava de pernas para o ar, roubaram até a cueca furadinha, fizeram uma limpa; ainda usaram a Brasília para transportar o roubo. Restou uma mensagem riscada na parede: “Tem razão, professor, estou convencido, a ciência é inquestionável: a Terra é redonda, vou pro Japão, de lá estou a umas 24h daí, no entanto não haverá ângulo pra me ver, não serei censurado por você”...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

incentivo à leitura



A voz na escuridão

CONTO

"Aconteceu tão rápido, num pestanejar e lá estava perdida andando em círculos, acho, em uma floresta ou matagal, não sei ao certo que lugar seria aquele."

MÍRIAM SANTIAGO

Conto

Aconteceu tão rápido, num pestanejar e lá estava perdida andando em círculos, acho, em uma floresta ou matagal, não sei ao certo que lugar seria aquele.

Vozes, muitas falavam sem parar, mas pouco se conseguia entender; sei que dormi e não me lembro mais nada do resto... mas antes de pegar num sono infinito, a história de minha vida foi em *flashes* sendo recordada, passo a passo desde a infância, as traquinagens com os coleguinhas ainda bem pequenos, os momentos na escola, quando tínhamos que nos levantar ao entrar o professor e, em seguida, cantar o Hino Nacional e outras atividades pertinentes ao Brasil no período da Ditadura Militar; os namorados na adolescência e a conturbada fase adulta e depois se desenrolaram momentos entre o climatério e a velhice.

Aquela alma tinha seus pecados latentes seus erros durante uma vida inteira, mas antes que o seu “livro da vida” terminasse de passar em sua mente, a pobre mulher, em súplica, se arrependeu de tudo de errado que fez em sua trajetória, das pessoas que magoou, das mentiras contadas para se prevalecer, de seu egoísmo, a raiva latente e de ser amargurada. Aquela mulher que passou grande parte de sua vida reclamando de tudo, ao se deparar que perdera a existência com sentimentos que outrora não sabia serem tão prejudiciais, mas que agora, ao ver seu fim se aproximando, realmente entendeu que cometera grande erro em ter deixado a infelicidade tomar parte da vida quase inteira, perturbando a todos que estiveram em seu trajeto.

Ao deixar seu corpo terreno, a mulher foi se encaminhando ao outro lado, à realidade que não compreendia, ao mundo da cobrança infinita, e despida de tudo o que fora na vida, na nudez de seu espírito errante, a súplica do perdão foi apelado com tremendo sentimento, já que de fato ela se arrependera de seus mal feitos.

A mulher nada recebeu em troca de seu suplício, o silêncio tomou conta do espaço logo após calar-se. Permaneceu a olhar onde estava, mas nada, não conseguia distinguir onde raios fora parar ao deixar seu corpo, que repousava entre lençóis ao deitar-se e acordar sabe-se Deus o que era aquilo. E as vozes cessaram também. Mas de repente, vê se aproximar uma outra mulher, alguns anos mais jovem, veio logo atrás dela e o interrogatório, aquela voz que antes lhe fez várias perguntas, dispunha de tempo a questionar a próxima “vítima”.

A outra balzaquiana, atônita, gaguejando, tentava de todas as formas se desvencilhar do interrogatório, mas de nada adiantou, a voz masculina, alta, forte e potente não baixava a guarda, não dava trégua até que conseguisse tirar de dentro do ser o que queria ouvir.

— Fale mais alto, para que os quatro cantos possam ouvir seus delitos, senhora.

— Já falei que não fiz nada, fui muito religiosa, todo sábado participava do culto, ajudava os necessitados que por lá passavam e cuidei de meus filhos com estudo, roupas boas, cuidei de um marido doente, enfim, fiz tudo o que qualquer pessoa de boa índole pratica.

— Calada! Não são essas tolices que desejamos ouvir, quero saber como foi o tratamento dispensado à uma idosa que morou em sua casa...

E a mulher se recusou a responder, praguejava de todas as maneiras, até que duas criaturas a levaram, aos gritos, não sei para onde. E assim se procedeu por muitas vezes. Eu não conseguia mexer-me dali. Estava imóvel encostada numa parede de pedra. E novamente a mulher é colocada em cena, desta vez, as criaturas a trouxeram com uma mordaca e tridente a espetar.

— Tirem a mordaca dela, grita a voz, que nunca se vê. – Vou perguntar pela última vez, a senhora está pronta para revelar suas crueldades?

Tamanho o sofrimento da mulher de meia-idade que ela foi aos choros, falando sem a voz questionar outra vez.

— Sim, eu fui em minha última estada com o corpo que deixei uma pessoa cruel que utilizei da crença para me esconder, para não deixar transparecer minha verdadeira face, a da maldade. Eu critiquei uma pessoa conhecida, falei que não prestava, que levava homens para sua casa e a pobre coitada era uma divorciada de quase 40 anos de idade, eu a difamei sem ela ter culpa alguma, e por fim, após muitos anos, eu “entreguei” minha própria filha ao primeiro namorado de boa família, ou melhor dizer, de família rica, pois se fosse alguém da classe operária, jamais a deixaria perder tempo com a pobreza. E tudo isso por causa do dinheiro e poder.

— Também aceitei abrigar minha sogra por lucro monetário, sim, uma viúva idosa com bom rendimento mensal, com bens materiais, que por conta da idade não podia mais viver sozinha, então, mesmo odiando aquela pessoa eu a convidei para morar conosco e fiz da vida dela um verdadeiro inferno! A palavra saiu alta demais ecoando por aquela espécie de caverna ou túnel, sei lá onde estávamos, na escuridão e somente ouvíamos uma voz, que comandava aquele interrogatório do horror, dos quintos dos infernos!

— Então, prosseguia a mulher que naquela altura da inflamação da confissão de seus delitos, estava com o rosto totalmente desfigurado, com os olhos esbugalhados, com baba nos lábios ao falar, tão tenebrosa que parecia a imagem do capeta. – Eu deixei por anos a idosa morar num quartinho sem nenhuma ventilação, sempre humilhada e escondida de visitas, cujas refeições ela fazia nesse local, sem nenhuma mesa e para completar, o quarto não era limpo, com restos de comida ao chão, baratas até no baú da cama. Também fiz com que meus filhos a odiassem, e a todas as minhas amigas falei mal dela, transformando-a numa sofredora. E a mulher, que por daí contou muito mais aberrações da maldade, dava gritos histéricos e ria sem parar.

— Basta, grita a voz na escuridão. Já ouvimos todas as suas maldades.

— Mas eu ainda não terminei, gargalhava a horrenda persona. Quero acrescentar que meu marido teve uma casa de campo e apareceu por lá uma gatinha prenhe. Após darmos os filhotes, a gata ficou novamente barriguda e desta vez, não tivemos piedade, dando um sumiço no bicho para sempre! Eu tenho muito mais a dizer! Berrava a mulher, totalmente senil e transfigurada, mas a voz a ordenou calar-se e as criaturas com seus tridentes a espetaram sem piedade, emudecendo-a pela dor, sem precisar amordaçá-la.

As duas mulheres ficaram encostadas na parede à espera da sentença e sabiam que a qualquer momento, seriam levadas dali para um lugar muito pior. Enquanto aguardavam um veredito, as vozes demoníacas reiniciaram as tenebrosas tentações, sussurrando o passado de maldade de ambas, que sem ter como opinar, obrigatoriamente escutavam suas lembranças sem parar. E não adiantava implorar por perdão, para cessar

as vozes, nada o que diziam era levado em consideração. Então a voz gritou por silêncio mais uma vez, anunciando sentença às duas.

A primeira mulher ao perceber que seu destino estava próximo, rezou com fé e com a vergonha de suas maldades e entregou ao divino o que ainda lhe restava de bom na alma.

— Dê quatro passos à frente a primeira mulher, venha receber seu castigo, já temos o resultado de sua sentença, fala alto a voz.

E de cabeça baixa a senhora dá os quatro passos, mas ao caírem suas lágrimas de remorso e de tristeza por tudo de ruim que havia feito na última vida, pela vergonha em não ter progredido o espírito, tornando-o mais preso aos pecados terrenos, uma luz foi entrando pela escuridão, avançando até a mulher e fundindo seu espírito à claridade.

Era dia de Nossa Senhora na Terra, 12 de outubro, e toda a fé destinada à santa emanou, no planeta, fluídos de bondade, esperança e amor e foi graças a essa fé, que a mulher conseguiu se redimir e sua redenção a uma escolha: pagar suas dívidas naquele lugar demoníaco ou ser uma pessoa melhor em uma próxima vivência, e a mulher escolheu uma outra chance. Assim, como num piscar de olhos apareceu naquele lugar obscuro também foi sua partida para tentar melhorar em uma vida qualquer.

Já a segunda recebeu sua sentença e foi levada a pagar por suas maldades naquele lugar. Ela não tinha fé como a outra pessoa, já que dentro de sua crença não havia espaço para santidades.

E assim mais duas almas foram recebidas na escuridão, que sob a voz, conduzidas à parede para confessarem seus pecados...

Uma rotina de punição e tormento sem fim para toda a eternidade.



Míriam Santiago: jornalista (Assessoria de Comunicação) e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>

Contato: mirianssantos@gmail.com

incentivo à leitura

Silêncio

CONTO

"Paul teve sua audição prejudicada há dois anos, por conta de realizar muitas apresentações musicais sem a devida proteção para seus ouvidos [...]"

MURILLO LARA

Conto

Paul teve sua audição prejudicada há dois anos, por conta de realizar muitas apresentações musicais sem a devida proteção para seus ouvidos. Hoje em dia, sua audição é péssima, abandonara a carreira de cantor por conta disso. Os médicos disseram que nem com cirurgias ou aparelhos auditivos poderia ouvir totalmente de novo.

Ele continuava escrevendo música mesmo depois de parar com as apresentações, mas apenas as vendia para artistas em ascensão ou para aqueles muito velhos para pensar em algo realmente bom para compor. Mas ultimamente ele tem composto muitas músicas que ele acha que são boas demais para pararem na boca de qualquer cantor sem criatividade. Ele vem guardando algumas composições para si mesmo para lançar no seu mais novo álbum, *Silêncio*, um álbum composto somente por músicas sem vocais.

Você deve estar se perguntando: *mas ele não é surdo? Como pode saber como fica a música?* Sim, Caro leitor, Paul é surdo, mas ainda sabe muito bem como funcionam as notas. Elas estão em sua cabeça e, principalmente, em seu coração.

Na maioria das vezes, Paul se comunicava pela Linguagem de Sinais, mesmo conseguindo ouvir certos ruídos. Ele preferia a Linguagem de Sinais por sempre falar alto demais quando tentava falar alguma coisa.

Antes de parar com a carreira, ele costumava se apresentar num Jazz Club chamado *Inevitável*. Era um lugar modesto, mas ele adorava. Suas apresentações eram quinzenais, geralmente na sexta-feira ou no sábado. Paul tocava piano em suas apresentações, presenteando o pessoal com músicas atuais – aquelas que ele conseguia “tirar” no piano –, algumas clássicas e outras de sua própria composição.

Em uma de suas últimas apresentações, Paul já sentia um certo impacto nos ouvidos, porém se negava a usar uma proteção adequada na maioria dos shows. Segundo ele “a música foi feita para ser admirada e apreciada, não para ser impedida de chegar aos ouvidos”.

Ele não estava conseguindo ouvir muito bem o retorno da música naquele dia, o que causava dúvida se o som estava bom ou se ele estava cantando bem. Após aquele show, ele passou a ir mais vezes ao médico especialista e, graças a recomendação — e muita insistência da família e amigos —, parou com os shows e dedicou-se somente a composição de suas músicas para o novo álbum.

Para que as músicas do novo álbum não ficassem somente com o som do piano, ele chamou seu amigo, Elias para ajudá-lo com complementos. Paul compunha as músicas e Elias gravava os acompanhamentos com o contrabaixo e uma guitarra. Paul confiava muito em Elias, eles eram amigos desde a infância, e Paul sabia que o trabalho de Elias com uma guitarra e um contrabaixo eram realmente únicos.

Certa noite em sua casa, alguns dias antes de ele falar com o seu produtor sobre as músicas do álbum, ele não conseguia dormir e levantou beber água. Quando estava voltando para o quarto, passou pela sala de estar e viu seu piano de calda, impecável e brilhoso, refletindo as luzes da rua.

Acendeu as luzes, foi até o piano, puxou o banquinho e sentou-se. Levantou a proteção das teclas e tocou uma nota; a tecla branca do piano afundou suavemente e ele sentiu o ruído quando a corda dentro da calda soou, era um Sol. Passou um tom e meio para cima e achou o Mi. Começou a tocar uma música, uma das suas próprias músicas. Com a mão direita fazendo a base mais grave e a esquerda os solos mais agudos. Fechou os olhos e os ruídos nos ouvidos começaram a aumentar. A música que estava tocando era a sua favorita, diga-se de passagem: *Amor à Toa*. Cada nota soava como ele queria. Embora seu ouvido não funcionasse como antes, sua memória musical estava boa ainda, — *Ouvir, Memorizar, Reproduzir*. — Pensou consigo mesmo tocando mais energicamente.

Lembrava exatamente de como aquela música soava, cada passagem, cada nota, de como ela era a mais pedida pelo público e de como ele a adorava; lembrou-se do dia em que compôs a música. Seu relacionamento de dois anos havia acabado de terminar, estava triste no dia, mas mesmo assim ele escreveu a música e compôs o arranjo no tom de Dó Sustenido. A música acabou indo parar no álbum que ele lançou naquele ano, *Era Uma Vez*. Quem diria que faria o sucesso que fez. Estava tudo em sua memória, mas não em seus ouvidos. As lágrimas começaram a escorrer através de seus olhos fechados e ele as sentia gelando seu rosto.

Ouvir. Memorizar. Reproduzir.

Ao tocar a última nota, permaneceu naquela posição por um tempo.

Levantou-se depois de um tempo. Abaixou a proteção das teclas, empurrou o banquinho e apagou as luzes. Subiu as escadas e deitou-se.

Naquela noite, adormeceu chorando e sonhou que podia ouvir de novo.



Murillo Lara: Formando em Administração pela UEPG e amante de livros, filmes e séries, Murillo Lara se interessou pela escrita desde seus 12 anos quando conheceu o fantástico mundo da literatura. Começou a escrever alguns anos após isso, porém vinha mantendo para si próprio os seus originais, sem arriscar uma submissão mais séria a nenhum lugar, mas nos últimos anos vem tentando conquistar um espaço entre os editoriais, revistas e sites.

Já são mais de
320 mil seguidores
Facebook + Instagram



Acesse o QR Code e
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de
3 milhões de acessos
www.revistaconexaoliteratura.com.br

PATROCINE A

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015
88 edições
disponíveis

entre em contato:
ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



Ademir Pascale
Escritor e Editor

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

**NO AR
DESDE 2015**

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.11.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd